

Ronald Horst Sperling

Arteterapia e o Relacionamento
Entre Netos-adolescentes e Avós-idosos
em Oficinas Artísticas Terapêuticas

MESTRADO
GERONTOLOGIA

PUC/SP/São Paulo/2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

RONALD HORST SPERLING

ARTETERAPIA E O RELACIONAMENTO
ENTRE NETOS-ADOLESCENTES E AVÓS-IDOSOS
EM OFICINAS ARTÍSTICAS TERAPÊUTICAS

RONALD HORST SPERLING

**ARTETERAPIA E O RELACIONAMENTO
ENTRE NETOS-ADOLESCENTES E AVÓS-IDOSOS
EM OFICINAS ARTÍSTICAS TERAPÊUTICAS**

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Gerontologia, sob a orientação da professora doutora Beltrina Côrte.

São Paulo/2006

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Assinatura: _____ Local e data: _____

Ao Ser humano,

Nenhuma combinação pictórica ou escultural
De pontos de encantamento humano
Faz mais do que aproximar-se da
Viva e respirante beleza.

Edgar Allan Poe

À memória de meus avós
Adolfo e Ester, Victor e Emilia
Pelo sempre presente incentivo
Ao estudo e ao acolhimento daqueles que
Em sua necessidade me procuram.

Aos meus pais
Horst e Lilia
Pelo seu amor e carinho
Que permitiram que eu me tornasse
O que hoje sou.

À minha esposa
Maria Cristina
Pelo incentivo sempre presente
Como um arco-íris arqueando-se
Sobre o vasto horizonte
Vislumbrado nesta jornada.

Aos meus filhos
Victor e Karen
Pelo compartilhar de suas energias
Adolescentes que impelem
A vontade pelo saber
Sempre mais.

- À professora Dra. Beltrina Corte, o carinho no compartilhar do saber e pela atenção e cuidado com que me conduziu neste caminhar.
- À Cristina D. Alessandrini, amiga e companheira, que com sua alegria me mostrou os novos caminhos que se descortinam pelo fazer artístico neste início de século.
- À Deolinda Fabiatti, amiga sempre presente, pelas suas palavras de incentivo neste meu caminhar.
- À professora Dra. Elisabeth F. Mercadante, a dedicada atenção que faz evoluir.
- À professora Dra. Maria Lúcia C. da Silva, o carinho e incentivo que acalentam.
- À professora Dra. Nádia D. R. Silveira, a competência e dedicação que iluminam.
- À professora Dra. Ruth G. da C. Lopes, a confiança e estímulo que norteiam.
- À professora Dra. Suzana A. R. Medeiros, o exemplo de confiança em um futuro melhor.
- À professora Dra. Vera V. Almeida, a acolhida e estímulo que me permitiram percorrer esta estrada com tranquilidade.
- Aos companheiros de curso de Gerontologia, pelos momentos de estudos e alegria.
- Às avós e netos que participaram desta pesquisa.
- À Marisa V. Schiumarini, amiga e diretora da escola em que realizei a pesquisa, pelo acolhimento e compreensão.
- À Célia Cristófoli, amiga e orientadora pedagógica da escola em que realizei a pesquisa, por seu interesse neste trabalho.
- Aos auxiliares e professores da escola em que foi realizada a pesquisa, o seu apoio e compreensão.

RESUMO

SPERLING, R. H. Arteterapia e o relacionamento entre netos adolescentes e avós idosos em oficinas artísticas terapêuticas. São Paulo, 2006, 144 p. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Este estudo trata da relação intergeracional entre avós-idosos e seus netos-adolescentes, tendo como objetivo geral, tanto, compreender, por meio do fazer arteterapêutico, como se promove o relacionamento intergeracional, e examinar aspectos do relacionamento intergeracional como expressão do ser humano. Procurar trazer de forma tangível e palpável as observações sobre os comportamentos que ocorrem dentro das oficinas artísticas terapêuticas, realizadas com cinco adolescentes de uma escola de ensino fundamental da cidade de São Paulo e seus três avós.

O trabalho de coleta de dados foi desenvolvido principalmente a partir de oito encontros nos quais foram realizados trabalhos artísticos utilizando vários tipos de materiais plásticos em diferentes linguagens expressivas.

Pelas observações feitas e relatos dos participantes a respeito das vivências e experiências, obtemos resultados que enfatizam a idéia de que o fazer artístico é portador de elementos dinamizadores de ações que permitem ao sujeito aquilatar não só seu momento de vida como seu relacionamento pessoal. A partir daí resignificar sua existência.

Após análise do material coletado, levantamos alguns pontos relevantes: o relacionamento intergeracional, muitas vezes, se dá de forma mais harmônica do que supúnhamos ao iniciar a pesquisa. Os idosos, em grande parte, estão abertos a novos aprendizados ao contrário do que pensávamos, e o fazer e o olhar cuidadoso arteterapêutico podem ser ferramenta a ser utilizada cotidianamente pelos professores em seu trabalho.

Palavras-chaves: avós-idosos; netos-adolescentes; relacionamento intergeracional; arteterapia.

ABSTRACT

SPERLING, R. H. Grandparents and grandchildren relationship through therapeutic artistic workshops and art therapy. São Paulo,,: 2006, 149 p. (Master in Gerontology) – Pontificia Universidade Católica de São Paulo.

This study treats about the intergeneration relationship between grandparents and teenager grandsons, having as a general objective, understand by doing therapeutic art, the way it promotes the intergeneration relationship, as examine the intergenerational relationship aspects, as an expression of the human being and it brings in a tangier way the observations about the behaviors witch occur in the artistic therapeutic classes, done with five teenager of a fundamental school in Sao Paulo and their three grandparents.

The work of collecting data was developed, mainly, by eight meetings where artistic works were done using several kinds of plastic material for express in different languages.

By the observations made by the participants reports of the living experiences, results were detained it points the idea that doing art has a dinamizer element of actions that allows the evaluation of the moment of life and the personal relation and then understand your being.

The collected material were analyzed and some points were relevant: the intergeneration relationship, many times, is more harmonic than we thought it would be; the grandparents, are open to new ways of learning, instead of we thought to do; the careful art therapeutic look can be an useful tool, to be used daily by the teachers on their work.

Key words – old grandparents; teenager grandsons; intergeneration relationship; art therapy.

SUMÁRIO

SENSIBILIZAÇÃO.....	12
Compartilhar a vivência.....	21
ELABORAÇÃO DA EXPRESSÃO.....	29
Formação dos grupos.....	30
Histórico dos grupos.....	31
Procedimentos metodológicos.....	34
O fazer arteterapêutico.....	39
EXPRESSÃO LIVRE.....	41
Compartilhando o fazer.....	42
Descrição dos encontros.....	48
TRANSPOSIÇÃO DE LINGUAGEM.....	57
Maria e João.....	58
Meire e Felipe.....	79
Fábia, Sonia, Nádia e Luiza.....	96
AVALIAÇÃO PRIMAL.....	118
BIBLIOGRAFIA.....	134
ANEXOS.....	140

SENSIBILIZAÇÃO

O que nos levou à escolha do tema apresentado?

A curiosidade começou a tecer suas questões em nossa mente quando, no trabalho cotidiano da escola em que atuamos como professor de artes há vinte e sete anos, pudemos notar diferentes maneiras no modo de se relacionar que apresentavam os alunos em relação a seus pais e avós. Tendo concluído a pós-graduação em arteterapia e atuado como arteterapeuta nos últimos cinco anos, percebemos, por meio de um olhar mais cuidadoso, que nessas relações são encontrados alguns aspectos catalisadores no relacionamento intergeracional.

Refletindo mais profundamente a respeito do relacionamento que observamos, especialmente entre adolescentes e idosos (avós e netos pertencentes à comunidade escolar na qual trabalhamos), percebemos que um novo horizonte se descortinava. Apreciar, nesse contexto, por meio de atividades artísticas arteterapêuticas como se processam os relacionamentos e seus diversos modos de acontecer, é ter favorecida uma qualidade diferenciada de observação acerca de realidade relacional factível.

Os estudos relacionados ao processo de envelhecimento do ser humano e suas conseqüências para a sociedade estão ainda em construção. Está se desenvolvendo o conhecimento denominado de gerontologia. Como conhecimento, mobiliza esforços provenientes dos mais diversos saberes contando com experiências para compor novos caminhos ao entendimento do processo de envelhecimento e da velhice. A pesquisa como a que apresentamos é contribuição e reflexões acerca de alguns aspectos do envelhecimento. Aspectos como os que remetem ao olhar do adolescente sobre a velhice; ao olhar do ser que envelhece; e do velho sobre a adolescência e sobre o relacionamento entre eles.

Acreditamos que o estudo proposto, baseado na realização de encontros de arteterapia com avós-idosos e seus netos-adolescentes em um mesmo momento, tendo como foco as sutilezas do relacionamento, pode trazer dados que iluminam e remetem à compreensão sobre o viver e relacionamentos intergeracionais.

Sempre fomos assíduo freqüentador de eventos culturais como teatro, cinema, exposições de arte, museus etc. Após terminar o terceiro grau, com a arte correndo em nossas veias, começamos a pensar em dirigir-nos para o meio artístico. Resolvemos conhecer melhor a Faculdade de Belas Artes. Era 1975. Iniciamos o curso de Bacharelado em Pintura. O horizonte de um novo caminho descortinou-se e o contato com as linguagens expressivas, que não a falada ou a escrita, permitiu-nos desenvolver o pensamento em direções diversas. Começamos a participar de eventos de arte, não somente como espectador, mas também como produtor de obras de arte.

Sendo possuidor de um olhar curioso desde que nos conhecemos por gente, ao observar crianças brincando, construindo brinquedos, desenhando e pintando, ficamos fascinado pela espontaneidade e flexibilidade que apresentavam quando se dedicavam às atividades. Querendo conhecer e entender melhor os mecanismos que norteiam a criatividade e o fazer artístico das crianças, voltamos para a Faculdade de Belas Artes, e em 1982 concluímos o curso de Licenciatura em Educação Artística, para nos aproximar do mundo infantil e adolescente em seu fazer artístico.

Trabalhando como professor de artes, sempre tivemos como pontos balizadores de nosso comportamento compartilhar conhecimentos e acolher alunos em suas dificuldades, de ordem cognitiva ou emocional.

Com as experiências vividas em sala de aula, e novamente com olhar curioso, observamos que, por meio do fazer artístico, muitos alunos que apresentavam comportamentos 'fora do padrão' (deficiência de aprendizagem, comportamento inadequado, isolamento), ao se envolverem em atividades artísticas mostravam, com o tempo, mudanças nas atitudes. Compreender tais acontecimentos tornou-se vital para nós, e em 2002 terminamos a pós-graduação em arteterapia pela Universidade Potiguar, do Rio Grande do Norte, em parceria com o Alquimy Art Centro de Pesquisa em Aprendizagem, de São Paulo. Montamos um ateliê terapêutico, e começamos a atender a pessoas com o aspecto emocional abalado dentro das orientações da arteterapia sem, no entanto, deixar as aulas de artes na escola.

Nossa trajetória pessoal e profissional no mundo das artes trouxe, sempre, em seus mais variados momentos, questões e inquietações sobre o ser humano, suas formas de expressão e maneiras de relacionamento. O contato com os pais e avós dos alunos na escola mostrou perspectiva de vida que nos fez pensar no envelhecimento humano, relações com as outras idades e implicações quanto aos aspectos social, econômico e cultural. E, agora, lá estávamos, envelhescente já, novamente atrás do conhecimento, dessa vez sobre o envelhecimento.

A necessidade de saber sempre mais nos levou a ingressar no Programa de Estudos Pós Graduated em Gerontologia da PUC/SP em 2005. Aguçaram-nos a curiosidade as questões relativas ao relacionamento intergeracional entre neto-adolescente e avô-idoso. O processo arteterapêutico se apresenta como instrumento e meio de promover conhecimento a esse respeito.

A pesquisa e seus resultados resultam de diversas observações que levaram a questionamentos, reflexões e apropriações feitas durante a nossa trajetória profissional como artista plástico, arte educador e arteterapeuta.

Questões associadas ao relacionamento entre gerações e qualidade de vida nos acompanham desde 1979, quando começamos a exercer a profissão de arte educador. Nas escolas em que lecionamos observamos os relacionamentos entre pais, avós e netos. Após iniciar nosso percurso em arteterapia, os temas sofreram redimensionamento e passaram a apresentar novas perspectivas, que apontam para além dos limites estabelecidos pela cultura na qual vivemos.

Compartilhando as mesmas inquietações com aqueles que investigam a chamada terceira idade e se dedicam ao trabalho com idosos, esperamos apresentar com este trabalho uma visão sobre os dinamismos de relacionamento intergeracional, especialmente entre os idosos e os adolescentes, em nosso caso avós e netos. Esperamos, também, observar diferentes meios e ações, por meio do fazer arteterapêutico, que propiciem melhores condições de relacionamento e, conseqüentemente de vida, para os que envelhecem e aqueles que já vivem a etapa da velhice.

Refletindo sobre o processo de desenvolvimento humano e sua continuidade, que perpassa todas as fases da vida, no tempo e no espaço, acreditamos na permanente possibilidade do crescimento pessoal e de expansão da consciência, como fenômeno natural para todos os seres humanos, ao mesmo tempo em que o seu corpo físico transforma-se. Ao sofrer o desgaste natural pelo tempo, envelhece. O corpo é a parte física com a qual o ser humano se apresenta ao mundo e com ele se relaciona.

Tenho um corpo e isso é inegável para qualquer um de nós. Somos nosso corpo e esta é minha essência. Da mesma forma que tenho um corpo essência tenho um futuro que é também a essência de um presente. Nada é estático ou parado. Nem uma tematização científica, nem um pensamento objetivo podem desvelar uma função corporal que seja estritamente independente das estruturas corporais, assim como não podemos pensar no mental, que não estejam fundamentadas em infra-estruturas corporais. (MARTINS, 1991, p. 13).

Corpo e mente estão inextricavelmente unidos, e a trajetória percorrida pelo indivíduo, durante seu viver, é muito mais do que simplesmente sobreviver. Essa trajetória, ao ser percorrida na adolescência e na velhice, é marcada por descobertas e alegrias, por impedimentos e constrangimentos. Para Arcuri (2004, p. 95), “esse sentir está impresso no corpo ainda que de uma forma inconsciente” e atinge o sujeito em seu âmago e nele deixa marcas.

Atualmente, muitas vezes o conceito de sabedoria é associado à velhice, bem como o de morte. Assim como a idéia de conflitos internos geradores de rebeldia é associada à adolescência. Quando falamos de relação intergeracional, especificamente entre adolescentes e idosos, nos referimos à representação da realidade que emerge de seu relacionamento social e cultural. Se explícita, para o adolescente e para o idoso, a necessidade de mostrar-se vivo perante a família e a sociedade, embora de formas diferenciadas e peculiares.

Nesse contexto refletimos, tentando compreender a dimensão da temporalidade no cotidiano.

O corpo adolescente, repleto de energia, vigor e beleza; e o corpo do idoso, não tão vigoroso e belo, guardando porém as marcas das experiências vividas, são meios que permitem ao sujeito relacionar-se e trocar experiências com outros sujeitos e com o mundo. O corpo fala e expõe a vivência que compartilha com a alma e o psiquismo.

No movimento de encontro do neto-adolescente com o avô-idoso¹ são criadas possibilidades que remetem a questões relativas ao tempo interno, tempo externo e ao tempo compartilhado de cada um. O desenvolvimento de formas distintas de atuação, por meio das linguagens artísticas, permanece nas identidades pessoais e se desenha de forma peculiar de vivenciar o movimento e o encontro. cremos ser relevante então uma reflexão mais profunda a partir de discussões tendo como referências autores como Carl Gustav Jung (psiquiatra), Edgar Morin (sociólogo), Joel Martins (psicólogo), entre outros.

Pelas considerações tecidas e partindo do princípio de que o relacionamento intergeracional pode ser positivo ou não para um desenvolvimento mútuo, esta pesquisa assume importante posição no momento em que leva em consideração o entendimento do homem em sua totalidade, considerando a adolescência e a velhice como estágios naturalmente importantes no percurso de vida do sujeito.

São merecedores de atenção os altos níveis de complexidade que envolve as diversas dimensões de um relacionamento intergeracional e o grande número de variáveis que se apresentam nas questões que envolvem esse relacionamento.

A complexidade dos estudos efetuados nos exorta a optar pela pesquisa qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 64), “a investigação científica implica um escrutínio empírico e sistemático que se baseia em dados. A investigação qualitativa

1. Uso o termo composto ‘avô-idoso’ neste trabalho pois conheci certa vez uma mulher, avó aos 29 anos.

preenche esses requisitos”. Bauer e Gaskell (2005, p. 26), enfatizam:

Formulações mais recentes consideram a pesquisa qualitativa como igualmente importante depois do levantamento, para guiar a análise dos dados levantados, ou para fundamentar a interpretação com observações mais detalhadas.

Vemos, nesta abordagem de pesquisa, a possibilidade de observar as pessoas que participam como foco do trabalho, não como objetos. Elementos vivos que sentem e se expressam de acordo com o estado emocional, do momento. Apenas recolher dados para posterior análise remete a resultados ‘duros’, que apontam uma realidade ‘fria’. Conforme Bauer e Gaskell (2005, p.24), “os dados não falam por si mesmos, mesmo que sejam processados cuidadosamente, com modelos estatísticos sofisticados.”

O melhor caminho a seguir para conduzir o trabalho de pesquisa é o da interpretação das realidades (Bauer e Gaskell, 2005), que tem fundamento em sua relação direta com o objetivo da investigação proposta, compreender o relacionamento intergeracional adolescente-idoso.

A arteterapia, por oferecer um trabalho com “uma abordagem processual, na qual tanto o fazer da arte quanto o processo de elaboração e reflexão sobre o que é produzido são considerados como tendo potencialmente valor terapêutico” (CIORNAI, 2004, p. 15), permite, dentro desse panorama, fazer surgir como possibilidade o caminho que estabelece para o sujeito passagem do pensamento linear¹ ao pensamento sistêmico².

Acreditando que o ser humano tem a capacidade explícita de sempre

1. Consultando o Instituto de Estudos de Complexidade e Pensamento Sistêmico temos como características do pensamento linear: necessidade de causa, causalidade simples, coerência, horror ao imaginário, monocordismo, pretensão à objetividade, quantificação, reatividade, seqüencialidade, ordem direta, utilitarismo e imediatismo.

2. Podemos encontrar o fundamento do pensamento sistêmico em Edgar Morin (2003, p. 28), que diz: “o campo da teoria dos sistemas é muito mais vasto, quase universal, pois, que num sentido, qualquer realidade conhecida, desde o átomo à galáxia, passando pela molécula, a célula, o organismo e a sociedade, pode ser concebida como sistema, quer dizer, associação combinatória de elementos diferentes”.

trilhar um caminho que o leva ao desenvolvimento pessoal, intelectual, emocional e social, independentemente da idade, sexo ou cultura a que pertence.

O estudo do envelhecimento ganha novas perspectivas na atualidade. Estudar o envelhecimento por essa ótica é ter o pensamento voltado para o homem de um modo uno. Corpo, mente e psique se interligam e atuam conjuntamente nas formas de ação e nos modos do ser humano se expressar e se relacionar.

A longevidade impõe desafios à humanidade, que principia a considerar a velhice como estágio tão normal e importante para o ser humano quanto a infância, a adolescência e a maturidade. Concordamos com Ferrigno (2003, p. 30), quando nos fala sobre a classificação dos indivíduos em faixas etárias como “fenômenos da modernidade” e que “podemos supor que nos albores dos tempos (...) em que estamos situados, possam estar sendo geradas condições para uma reaproximação de gerações”.

Essa visão sobre a velhice, como parte natural do desenvolvimento humano, permite considerar o processo de envelhecimento e a velhice não mais, como até então, fases terminais da existência. Dentro deste primado do pensamento, o significado de ser uma pessoa idosa assume configurações diferenciadas das consideradas, e as expectativas e medos que permeiam o envelhecer e a velhice começam a ser percebidos de maneira mais realista e objetiva.

O objetivo geral, compreender por meio do fazer artístico arteterapêutico, como se promove o relacionamento intergeracional, desdobrou-se em outros:

- Levantar o perfil dos netos-adolescentes e dos avós-idosos envolvidos na pesquisa.
- Aplicação do fazer artístico por meio de trabalhos de arteterapia para netos-adolescentes e avós-idosos, em conjunto.
- Analisar os resultados artísticos provenientes dos encontros.
- Analisar os relatos e depoimentos dos participantes.

Em nossa prática como docente e em atendimentos em arteterapia, observamos durante as atividades desenvolvidas pelo fazer artístico, como as pessoas se posicionam perante aspectos ímpares de sua vida. Algumas mostram ansiedade, outras serenidade. Nenhuma fica indiferente ao se relacionar com materiais plásticos expressivos, como tintas, argila ou lápis de cores.

Buscar compreender como se processa esse relacionamento, procurando extrair dados que podem ser convertidos em conhecimentos que nos permitam elaborar ações que auxiliem a promover uma forma harmônica de relacionamento intergeracional, faz parte de nosso estudo.

Com esse olhar diferenciado sobre o relacionamento intergeracional, esperamos contribuir para uma vivência social e pessoal mais harmoniosa. Acreditamos que a pesquisa nos levará a uma melhor compreensão sobre as relações intergeracionais entre netos-adolescentes e avós-idosos.

Refletindo no valor da arte, nos vem à memória o pensamento corrente durante a década de 1960, em que era alardeado que o século XXI seria o início da Era das Artes. Todos vislumbrávamos, o mundo povoado por artistas. Percebemos que ao adentrar na Era das Artes, o fazer artístico assume nova configuração e lega seus atributos para que o ser humano se valorize e supere obstáculos rumo à construção de uma humanidade mais acolhedora. Com essa visão orientamos a pesquisa.

Para uma melhor apresentação, dividimos o trabalho em cinco capítulos, que denominamos conforme as etapas de ‘Oficinas Criativas’¹ utilizadas nos encontros arteterapêuticos: sensibilização - apresentação, expressão livre - descrição dos encontros, elaboração da expressão - relato dos encontros, transposição de linguagem - perfil do relacionamento neto-adolescente e avô-idoso no dia-a-dia e avaliação - conclusões.

1. Ver Alessandrini, C. D., no capítulo 2.

Compartilhar a vivência

A casinha embaixo da mesa, o trenzinho feito com as cadeiras da sala, o tapete transformado em vasto oceano, quem não se lembra ?

Observemos uma criança que brinca. Em primeiro lugar, brincar é movimento e manifestação de uma força que faz com que a dinâmica criadora contida no corpo se projete também para fora. [...] Ao brincar, a criança não persegue fins utilitários; ao contrário, quando os jogos não são o fruto de uma pura atividade dinâmica, tornam-se repletos de fins oriundos da fantasia. (HEYDEBRAND, 1980, p. 52-56)

Temos presenciado, na maioria das escolas em que trabalhamos, é que ao entrar na escola a criança é apresentada a uma forma mais intelectual, racional e autoritária de relacionamento. Queremos dizer com ‘autoritária’ a forma com que a criança deve seguir as regras de comportamento em uma sala de aula: sentar-se ereta em uma cadeira de pau ou plástico, desconfortável, frente a uma mesinha, e ali ficar horas escutando, copiando e muitas vezes reproduzindo as lições que a professora passa, sem poder conversar e tendo que se cercar. Como no seu espaço familiar, pois as regras cedo aparecem e são colocadas desde a mais tenra idade em casa. Mas, reger é fundamental e necessário para o desenvolvimento da criança e viver em sociedade.

Na escola de que falamos, poucos momentos há de descontração nos quais são propostas atividades artísticas e ou lúdicas que permitem a sociabilização pelo trabalho.

Heydebrand, nos mostra que a extrema importância dada a ler e escrever, que “apesar de todos os esforços em contrário – são ainda ministrados de maneira mais ou menos abstrata e principalmente sem real aspecto artístico e em tempo demasiado rápido” (1980, p. 15), em detrimento de outras linguagens expressivas, as quais a criança está acostumada a vivenciar.

Desenho, pintura, modelagem e representação poderiam ser utilizados como auxiliares para o mesmo fim. A forma como certas escolas alfabetizam limita a

expressividade espontânea da criança. Constatamos essa posição ao ler a introdução do Projeto Toda Força ao 1º Ano, implantado em janeiro de 2006 pela Diretoria de Orientação Técnica da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo:

O desafio colocado por este Programa é grande: a formação de alunos leitores e escritores. Este não é só um dos grandes objetivos da nossa Rede, mas também de toda a sociedade. Afinal, aprender a ler e a escrever na escola é uma condição indispensável para os alunos prosseguirem com sucesso na sua formação escolar e no seu desenvolvimento profissional. É condição essencial para que possam atuar como cidadãos e, assim, ter acesso à cultura letrada e usufruir plenamente dela nas situações de trabalho, de lazer e na resolução de questões de seu cotidiano.

Essa forma de se relacionar, experimentada pela criança, muitas vezes não favorece o uso da sensibilidade e da emoção. Com o passar dos anos ficam cada vez mais enrijecidas. Outros fatores contribuem para que ela tenha comportamento possuidor de qualidade reivindicativa.

Para explicar esse amadurecimento precoce das crianças, contribuem vários fatores, e um deles é a teoria de que houve uma melhora alimentar qualitativa para grande parcela da população mundial, apesar das desigualdades sociais, e isso tem importância para que o organismo das crianças apresente esse desenvolvimento. Outro fator, bastante difundido, é a influência que exerce a televisão sobre as crianças e adolescentes. Desde muito pequenos, já tentam imitar as danças sensuais, as atitudes e os gestos que vêem na televisão, o tipo de vestuário, muitas vezes deixando os pais perplexos, sem saber como agir e ao mesmo tempo deixando de ser criança cada vez mais cedo. (CALOBRIZI, 2001, p. 76).

Essa vivência, provavelmente, é um dos fatores responsáveis pelo surgimento de comportamentos voltados para a dicotomia entre o que o ser humano realmente é e o que o fazem acreditar que é.

Na adolescência esse tipo de educação desabrocha de um modo que favorece o sujeito a se pensar como elemento ímpar dentro da sociedade. Concordamos com Zagury (2004, p. 29), quando fala que os adolescentes “sentem-se imortais, fortes, capazes de tudo.”

O período de vida em que o ser humano é considerado adolescente sofreu ampliação de tempo na atualidade. Calabrizi (2001, p. 76) nos diz: “a adolescência, há algumas décadas, era o período que compreendia, mais ou menos, dos 13 aos 18 anos. Hoje, por várias razões e mudanças, alguns autores já aceitam considerar o período que vai dos 11 aos 20 anos”.

A adolescência é época especial em que os sujeitos se colocam segundo os padrões modernistas, como pensado por Otávio Paz, como ‘novos’: aqueles que trazem as mudanças, a sabedoria e a vida. Exaltam a própria e pouca experiência, como certeza iluminadora de soluções para todos os males, em detrimento da experiência e do conhecimento adquiridos pelos mais velhos.

A forma de vida, como é vivenciada, influencia e direciona o sujeito para a velhice. Cada pessoa tem a velhice diferenciada das demais. Os velhos, em sua grande parte, se acreditam e se vêem como ‘velhos’, o que propicia comportamento e sentimento de se perceberem “ultrapassados”, cansados e até abandonados, à semelhança de objetos que já cumpriram a função para a qual foram predestinados. Muitos se acreditam, portanto, passíveis de serem descartados. Esse distanciamento da vida jovem muitas vezes os faz assumir posições fechadas em relação à aceitação e à troca de idéias, inquietações e experiências com os mais novos. Rudolf Lanz (1979, p.129) assinala:

Nessa luta entre gerações, muitos velhos acabam perguntando-se se os jovens teriam razão e se não seria mais certo, ou pelo menos mais prudente, revisar os critérios aplicados em sua conduta com relação à nova geração; esperam que dessa acomodação que a harmonia volte a reinar. Em particular, como a educação dos jovens ainda é, muitas vezes, praticada num espírito de autoridade, os referidos “velhos” acham conveniente dar uma guinada e estabelecer um regime de liberdade cada vez que houver um choque de relacionamento entre gerações.

O ser humano vive, desde o nascimento em um sistema de ganhos e perdas. Ganhos, como conforto tecnológico, realizações amorosas, profissionais e pessoais, têm seu contraponto nas perdas geradas pelas insatisfações e passar do tempo que consome o seu corpo e faz a sua memória retornar a um tempo anterior. Exemplo

significativo é a fala nostálgica que se pode ouvir de muitos idosos: ‘- no meu tempo, as coisas eram diferentes...’. Para um envelhecer mais ameno, Ian Stuart-Hamilton (20023, p. 132) nos sugere: “há mais de uma maneira de envelhecer bem, mas todas envolvem, basicamente, aceitar limitações e renunciar a responsabilidades sem sofrer um sentimento de perda”.

Refletindo a respeito da coexistência de idades dentro de um contexto de vida, observamos que as relações que se desenham entre as pessoas, muitas vezes tomam contornos de embates. Pela qualidade do traçado que permeia essas relações elas assumem ou não formas harmoniosas. Se harmoniosas, a relação torna-se acolhedora; se não, conflituosa. No caminho trilhado, da harmonia ou do conflito, existirão sempre fatores positivos e/ou negativos que se desenvolvem dentro do processo de relacionamento, vindo a direcioná-lo para um comportamento de aceitação ou de afastamento mútuo.

Atualmente, onde jovens e velhos convivem em forma bipolar, ao aguçarmos nossa percepção e lhes oferecer a possibilidade de um relacionamento pelo fazer artístico, compomos um diálogo diferenciado.

Para compreender os mecanismos que regem uma relação interpessoal, especificamente entre idosos e adolescentes, adotamos como método de pesquisa o fazer artístico, por meio do procedimento utilizado pela arteterapia.

Para entender o que é Arteterapia, apresentamos Ciornai, que nos diz:

Arteterapia é o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. Essa é uma definição ampla, pois pressupõe que o processo do fazer artístico tem o potencial de cura quando o cliente é acompanhado pelo arteterapeuta experiente, que com ele constrói uma relação que facilita a ampliação da consciência e do autoconhecimento, possibilitando mudanças. (2004, p. 7).

Nosso intuito, ao utilizar um procedimento lastreado pelo pensar arteterapêutico, é observar, através de lente que permite ver e perceber a essência de um relacionamento, que o simples contato e a observação material não revelam.

Para tal, concordamos com Arcuri, quando argumenta:

Aquilo que pensamos e sentimos afeta o corpo. Inversamente, o estado do corpo influencia a forma como sentimos e pensamos. Psique (mente) e soma (corpo) estão irremediavelmente atados. Desequilíbrios fisiológicos ou químicos dão origem a problemas psicológicos, enquanto perturbações emocionais e mentais podem manifestar-se por meio de sintomas físicos. (2004, p.42)

As marcas que ficam na mente ou no corpo têm a propriedade de influenciar na organização de um relacionamento.

Percebendo essa possibilidade, médicos e psiquiatras, há muito, vêm realizando pesquisas sobre o fazer artístico, como meio de auxiliar o sujeito a entrar em contato com conflitos e soluções. Esses estudos têm como base a produção artística de doentes mentais, artistas e clientes dos pesquisadores.

Segundo Andrade (2000, p. 49-57), em 1876 Max Simon, médico, classificou as patologias segundo produções artísticas. No princípio do século XX, Freud se dedica a escrever sobre artistas e suas obras, e Jung começa a usar arte como parte do tratamento terapêutico. Nos anos de 1950, Edith Kramer, pioneira da arteterapia, dá prioridade ao processo de fazer arte. Na década de 1970 Janie Rhyne agrega ao trabalho com arte os princípios da teoria Gestalt, e Natalie Rogers propõe a utilização de várias linguagens artísticas: pintura, modelagem, expressão corporal, teatro, dança, música, poesia e mímica.

O mesmo autor assinala que no Brasil, em 1923, Osório César, do Hospital do Juqueri, começa a desenvolver estudos sobre a arte dos alienados. Nise da Silveira, discípula de Jung, cria a Seção de Terapêutica Ocupacional no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, em 1946; em 1952, cria o Museu da Imagem do Inconsciente. No início da década de 1980 aconteceu a implantação do primeiro curso de arteterapia no Instituto Sedes Sapientae, em São Paulo, por iniciativa de Norberto Abreu, Mônica Serra e Maria Margarida de Carvalho. Em 1990, Selma Ciornai inicia Curso de Especialização em Arteterapia em abordagem gestáltica. Nessa mesma década, Cristina Dias Alessandrini desenvolve trabalhos usando recursos expressivos e artísticos aliados

ao trabalho de psicopedagogia e lança o livro *Oficina Criativa e Psicopedagogia*. Em 1999, Joya Eliezer funda a Associação Paulista e Brasileira de Arteterapia.

A utilização de linguagens artísticas e materiais expressivos como meios auxiliares em processos terapêuticos não é prática recente.

A arteterapia, segundo Fabietti (2004, p. 15), “vem auxiliando muitos profissionais da saúde e da educação nas tarefas de compreensão e elaboração de alguns dos conteúdos emocionais”.

O relacionamento entre indivíduos de mesma cultura, pertencentes à mesma faixa etária, não apresenta sempre fluidez harmônica no que concerne ao entendimento quanto às questões compartilhadas. Mercadante (1997, p. 33) assinala que o individualismo e a necessidade de preservar a “identidade individual como alguma coisa que torna cada um de nós diferente e só nos torna igual a nós mesmos” fazem com que se crie, muitas vezes, clima de animosidade. Por isso a autora diz: “vemos que tal fato é real, mas que está na dimensão da representação. A representação também é real, cria conseqüências nas vidas das pessoas” (p. 33).

Norgren (2004, p. 199) ressalta:

É difícil definir uma relação. Ela acontece por inteiro, no mundo do perceber, do sentir, do intuir, do pensar... Ao expressar a relação em palavras, se elas não forem bem escolhidas, corremos o risco de reduzi-las. Não raro a linguagem se torna fonte de mal-entendidos.

Não se deve pensar que a linguagem falada ou escrita seja descartada dentro de um processo arteterapêutico. Essas linguagens, também, são importantes meios expressivos para que o sujeito mostre seu interior, compartilhe anseios, alegrias e necessidades, e se veja no mundo em relação com seus pares. Quando, em arteterapia, são utilizadas outras linguagens expressivas, nos referimos a oferecer ao sujeito diferentes possibilidades de se expressar. Ciornai (2004, p.74) novamente oferece sua visão acerca desta conceituação:

Na arte a pessoa pode relaxar suas defesas e permitir-se contatar, sentir, elaborar e exprimir o que de outra forma poderia ser-lhe perigoso e/ou ameaçador: seus impulsos, raivas, sonhos, desejos inconfessáveis, seu ser mais profundo e autêntico.

De forma amena, as linguagens artísticas propiciam vasto leque de oportunidades, diferenciadas, para a exteriorização do que o sujeito porta em seu íntimo. O fazer artístico não é imbuído do exercício da técnica, e sim da possibilidade do experimento. Ainda Ciornai (2004, p.52):

O que quero dizer é que a finalidade de um experimento não é alcançar um resultado já conhecido, específico e previsto; seu objetivo é criar novas experiências ou explorar e aprofundar experiências já vividas, enriquecendo-as com novas perspectivas, novos olhares, novas luzes, novos ângulos de visão.

Ao permitir que o sujeito tome parte em um processo artístico, no qual age como condutor de sua vontade e tem a possibilidade de rever-se e reavaliar experiências vividas, passa a ter conhecimentos que o tornam senhor para re-significar seu sentir, querer e comportamento. Dentro do diálogo com Ciornai:

Isso leva à recuperação da vitalidade e do frescor no relacionar-se com pessoas e situações novas, à criação de disponibilidade para novas experiências e, conseqüentemente, à eventual transformação dos padrões de relacionamento do indivíduo consigo próprio, com os outros e com o mundo (2004, p. 64).

O diálogo que se estabelece entre o sujeito e a 'obra de arte' por ele produzida lhe permite realizar descobertas significativas quanto ao pensar, sentir e querer. A relação entre o sujeito, seu sentir e o material expressivo, durante o processo de elaboração e construção intermediado pelo fazer artístico, pode ocorrer, também, entre sujeitos que compartilham o mesmo momento.

Ao compartilhar um momento mediado pelo fazer artístico, os sujeitos envolvidos no processo têm estabelecidas relações interpessoais e facilitada a comunicação verbal ou emocional.

Com o objetivo comum de concretizar em uma ‘obra de arte’ sentimentos, sensações e experiências de vida, as percepções pessoais e subjetivas afloram, fazendo com que os sujeitos, independentemente de idade ou grau de parentesco, se permitam viver o momento como compondo uma obra a várias mãos. Nestes encontros, segundo Arcuri (2004, p. 155): “Idéias e emoções são expressas livremente em um clima de aceitação. As diferenças são valorizadas e as potencialidades encorajadas”.

O envelhecimento e a velhice como ora se apresentam mostram um quadro que merece nossa atenção e desvelada dedicação, pois não só os ‘outros’ envelhecem. Com certeza não seremos poupados (salvo circunstâncias extremas) de ser velhos. A preocupação atual voltada para essa faixa etária reflete bem o despreparo a que as gerações anteriores foram submetidas, e que as tornou inaptas a cuidar dos seus velhos.

Nossa preocupação, neste momento, traz uma indagação: o que o adolescente de hoje projeta para ele, idoso de amanhã? Se pensarmos que os adolescentes de hoje cuidarão dos idosos de amanhã (nós, inclusive), é preciso dar andamento a um fazer que lhes permita conhecer e perceber a velhice como seqüência natural da vida humana, e que também está em seu destino e em suas mãos.

Netos-adolescentes e avós-idosos, em uma relação vivencial de troca por meio da elaboração e da construção de obras continentais de significados comuns a ambos, direcionam e dão forma ao nosso projeto, justificando-o.

Em uma constatação empírica, a vida em comum, entre avós-idosos e netos-adolescentes, que partilham ou não o mesmo teto, pode ser pontilhada de tempos agradáveis e não tão agradáveis. Calobrizi, pesquisou o tema:

... “nem tudo são flores” e nem sempre o amor e a proteção falam mais alto, em se tratando de cuidar de netos. Dois avós foram totalmente contra a medida, sendo que um deles chegou a abandonar a família e o outro, até hoje, está em atrito constante com os netos. As avós, com seus instintos maternos, acolhedoras, mesmo enfrentando algumas dificuldades, lutam com todas as suas forças no sentido de proporcionar o melhor aos seus netos (2001, p. 146).

ELEBORAÇÃO DA EXPRESSÃO

Formação dos grupos

O trabalho de pesquisa iniciou-se em uma conversa com membros da equipe técnica e da direção de uma escola municipal de educação fundamental na cidade de São Paulo. Na ocasião, explicamos o que consistia a investigação e quais implicações possíveis, pois se destinava a trabalho de mestrado.

O passo seguinte foi convidar idosos que iam levar e buscar netos na escola, para encontro em que falaríamos sobre a pesquisa. Alguns se interessaram pela proposta e, ao final, apenas três senhoras aceitaram participar da pesquisa em companhia de seus netos. Duas avós com apenas um neto nas oficinas e uma traria três netas. Essas avós e seus cinco netos foram divididos em duas turmas, de acordo com disponibilidade de horário de cada uma e da escola em oferecer espaço adequado para a realização das atividades. Em uma turma ficaram duas avós e seu respectivo neto e na outra uma avó e três netas.

Começamos em setembro e terminamos em novembro, antes das provas finais do ano letivo. Os sujeitos foram 3 avós e 5 netos, totalizando 8 sujeitos, sendo 6 do sexo feminino e 2 do masculino. O nome dado a cada um dos participantes, nos relatos, é fictício, escolhido pelos próprios participantes a partir da pergunta: - se você não se chamasse Fulano, que nome gostaria de ter?

Quadro I - Sujeitos participantes por sexo e idade.

Nome	Sexo	Idade
Maria	Feminino	65 anos
Fábia	Feminino	63 anos
Meire	Feminino	61 anos
Sonia	Feminino	14 anos
Nadia	Feminino	13 anos
Felipe	Masculino	13 anos
Luiza	Feminino	12 anos
João	Masculino	12 anos

Quadro II - Formação dos grupos.

Maria e João	Grupo 1
Meire e Felipe	Grupo 1
Fábia, Sonia, Nádia, Luiza	Grupo 2

Avó e neto trabalharam em conjunto. Maria e João formaram uma dupla, Meire e Felipe outra dupla; e Fábia, Sonia, Nádia e Luiza formavam um quarteto. A dupla Maria e João participou do mesmo encontro que Meire e Felipe. Fábia, Sonia, Nádia e Luiza participaram dos encontros em horários diferenciados.

Histórico dos grupos

Em nosso primeiro encontro, procurando conhecer melhor os participantes da pesquisa, antes das atividades artísticas propusemos que respondessem a questionário investigativo. Pelas respostas traçamos o perfil dos participantes e da relação entre avós e netos em sua vivência diária.

Das três avós pesquisadas, uma, Maria, é separada. A filha, que também é separada, e seus filhos, uma garota e um rapaz, ambos adolescentes, moram com ela. Outra, Meire, é casada o neto mora com ela, pois a mãe dele é separada e mora com outro homem. A terceira, Fábia é viúva e mora perto de suas netas, que moram com os pais.

Todas possuem casa própria. Duas são chefes de família: Maria e Fábia; na família de Meire, o marido é o chefe de família.

Maria é aposentada. Ela é auxiliar de enfermagem e trabalhava em um hospital cuidando de idosos. Colabora, com sua aposentadoria, para a manutenção da casa, complementando o que a filha ganha. Meire trabalha em casa fazendo marmitas, que vende na vizinhança, e deste modo ajuda o marido, vigia noturno em uma fábrica. Fábia tem a pensão do marido, e às vezes precisa recorrer ao auxílio das filhas para fazer frente aos gastos mensais.

As três procuram estar sempre perto dos netos. Maria é a que consegue ficar mais tempo junto dos netos, pois cuida deles enquanto a mãe está trabalhando. Ela os manda à escola, ao treino de futebol e cobra as tarefas e afazeres escolares. Ela ajuda os netos, quando sabe, nas lições e pesquisas propostas pela escola. Em contrapartida os netos ajudam-na a cuidar da casa. Meire, por estar sempre atarefada no fogão, não dispõe de muito tempo para o neto, que passa a maior parte do tempo brincando na rua. É difícil participar nas lições da escola porque nunca estudou, é analfabeta. Seu neto, Felipe, às vezes ajuda em casa. Fábria procurou estudar depois de velha. Ela começou o primeiro ano em uma escola que promove a educação de jovens e adultos, mas por conta de problemas de saúde, desistiu. Quando ela precisa, recorre ao auxílio das netas.

Das três, apenas Meire tem dificuldades para encontrar tempo livre para compartilhar com o neto, passeando, vendo televisão ou simplesmente conversando. Conversar é o meio utilizado pelas três para resolver eventuais problemas, o que é apoiado e enaltecido pelos netos como o melhor jeito de acertar diferenças.

Ao aceitarem participar da pesquisa o pensamento que as norteou foi semelhante: estar com os netos compartilhando momentos nos quais poderiam aprender coisas novas para incrementar o relacionamento.

As falas dos sujeitos desta pesquisa comprovam as novas configurações que a família adquire neste início de século. Peixoto (2004, p. 7) assinala:

Muito se discute sobre a “crise” da família, conseqüência da baixa taxa de fecundidade, do aumento da expectativa de vida e, conseqüentemente da crescente proporção da população de mais de 60 anos, mas, também, do declínio da instituição do casamento e da espreitada aceitação social do divórcio. De fato, o que observamos não foi exatamente o enfraquecimento da instituição família, mas o surgimento de novos modelos familiares, derivados desses fenômenos sociais.

Em casa, no seio da família, pelas respostas obtidas, o papel desempenhado pelo idoso é em grande parte o de substituto dos pais de seus netos,

assumindo a responsabilidade total sobre eles, como no caso de Meire, ou cuidando deles enquanto os pais estão trabalhando. Esse estilo de vida permite ver que:

Eles indicam, ainda, que o avançar da idade não é, para muitos, sinônimo de decadência e isolamento, posta que não se deixam influenciar pela diminuição das possibilidades de participação/integração. Ao contrário, eles vivem um eterno processo de adaptação e de reconversão. (PEIXOTO, 2004, p. 12)

Os sujeitos idosos desta pesquisa contribuem em casa com rendimentos provenientes de um trabalho a que se dedicam ou com parcela (quando não com a totalidade) do que recebem como aposentadoria. Apenas Fábria conta com ajuda das filhas, pois a pensão não é suficiente para ter vida tranqüila quanto ao cumprimento de compromissos financeiros. Esse comportamento, compartilhar o recebido, é retratado por Simões (2004, p. 53) de forma esclarecedora:

Estudos socioeconômicos mais recentes têm mostrado que essa condição de provedor faz parte hoje, no Brasil, da experiência concreta de um considerável contingente de idosos e aposentados, homens e mulheres, de diferentes classes sociais, no meio urbano e no meio rural. (...) Nas famílias em que os idosos são a fonte principal de renda familiar, encontra-se um número cada vez maior de mulheres ocupando esse papel de “provedor”, e também se verifica uma parcela expressiva de filhos morando junto com os pais e avós.

Os vínculos afetivos que se formam das avós com os netos e vice-versa, criam ‘cumplicidade’ que facilita a convivência e promove a vida no dia-a-dia como realização conjunta. Afazeres domésticos, tarefas escolares e momentos de lazer são muitas vezes compartilhados.

Em se tratando de zelar pela relação com os netos, as avós preferem não discutir, polemizar ou agir de forma violenta quando surge um ponto de discórdia, mas tentar chegar a bom termo, argumentando e conversando com eles.

Em seu dia-a-dia, as avós se dedicam, sobretudo, às tarefas do lar: cuidar da casa, cozinhar. Cuidam também dos netos, especialmente mandando-os para a escola, lugar que para elas se reveste de grande valor.

Não podemos esquecer que essas mulheres pertencem às gerações nascidas nos anos de 1930 e 40, quando a socialização feminina as ensinava a ser donas-de-casa e a desempenhar o papel de mães e esposas. (PEIXOTO, 2004, p. 64-65).

Todas têm em comum, além do amor e carinho pelos netos, a curiosidade e o desejo de conhecer e aprender.

Procedimentos metodológicos

A metodologia de estudo e pesquisa que orienta este projeto contempla duas frentes: a primeira é orientada para o estudo e investigação do comportamento do neto-adolescente e do avô-idoso na sociedade. A segunda volta-se para o estudo do relacionamento entre o neto-adolescente e o avô-idoso.

A pesquisa proposta foi norteada por um plano progressivo e flexível de coleta de dados qualitativos, “dados não estruturados, por exemplo, transcrição de entrevistas abertas, anotações de campo, fotografias, documentos ou outros registros” (Bauer e Gaskell, 2005, p. 496). Os registros coletados serviram para análise do que é proposto nesta pesquisa e subsidiar as conclusões a respeito do tema. Essa coleta se deu principalmente a partir de:

- Obras produzidas em atividades artísticas em oficinas de arteterapia, nas quais a criatividade é a mola mestra que põe em movimento a subjetividade do sujeito.

Segundo Allessandrini,

A nosso ver, a criatividade está intimamente conectada a dinamismos internos bastante profundos, de tal modo que pode tornar-se participante de qualquer ação realizada pelo ser humano. Nesse sentido, o ato criador participa de cada gesto, movimento, pensamento, idéia, sensação ou sentimento vividos pelo homem. (2000, p. 57).

- Pesquisa bibliográfica, ou seja, revisão bibliográfica que permitiu o embasamento teórico da pesquisa, como assinala Bogdan-Biklen (1994, p. 52):

Quando nos referimos a ‘orientação teórica’ ou a ‘perspectiva teórica’ estamos a falar de um modo de entendimento do mundo, das asserções que as pessoas têm sobre o que é importante e o que é que faz o mundo funcionar. Seja ou não explícita, toda a investigação se baseia numa orientação teórica. [...] A teoria ajuda à coerência dos dados e permite ao investigador ir para além de um amontoado pouco sistemático e arbitrário de acontecimentos.

e,

- Depoimentos, por meio de entrevistas narrativas (Bauer e Gaskell, 2005, p. 498), de pessoas das faixas geracionais estudadas e envolvidas com a pesquisa. Ainda conforme assinala Bogdan-Biklen,

O significado que as pessoas atribuem às suas experiências, bem como o processo de interpretação, são elementos essenciais e constitutivos, não acidentais ou secundários àquilo que é a experiência. Para compreender o comportamento é necessário compreender as definições e o processo que está subjacente à construção destas. (1994, p. 55).

A importância dos depoimentos pessoais é mostrar a interpretação do que foi realizado, por meio da linguagem verbal, dando significado ao trabalho artístico. Permitiram ao pesquisador entendimento mais profundo a respeito do significado pessoal atribuído à obra executada, complementando-a, como na assertiva de Bogdan-Biklen:

Assim sendo, a interpretação é essencial. A interpretação simbólica assume o papel de paradigma conceitual, ocupando o lugar dos instintos, dos traços de personalidade, dos motivos inconscientes, das necessidades do estatuto socioeconômico, das obrigações inerentes aos papéis, das normas culturais, dos mecanismos sociais de controle ou do meio ambiente físico. (1994, p. 56).

O desenvolvimento de formas distintas de atuação, durante as atividades nas oficinas arteterapêuticas, e as interpretações provenientes dos participantes foram procedimentos que possibilitaram a observação de hábitos comportamentais, fundamentados na vida cotidiana em que o relacionamento intergeracional neto-adolescente – avô-idoso esteve presente.

Os instrumentos utilizados para registro de dados foram: trabalhos artísticos desenvolvidos nas oficinas de arteterapia, produção de textos orais relacionados aos trabalhos artísticos, questionários investigativos e entrevistas com o fim de conhecer a realidade sócio cultural dos pesquisados, diário de campo no qual foram anotados detalhes e observações feitas pelo pesquisador, gravações em fitas e fotografias. Os conjuntos de dados coletados formaram o que Bauer e Gaskell (2005, p. 44) consideram '*corpus*':

A palavra *corpus* (latim; plural corpora) significa simplesmente corpo. Nas ciências históricas, ele se refere a uma coleção de textos. (...) Em resumo, embora significados mais antigos impliquem a coleção completa de textos, de acordo com algum tema comum, mais recentemente o sentido acentua a natureza proposital da seleção, e não apenas de textos, mas também de qualquer material com funções simbólicas.

Em relação aos trabalhos artísticos, utilizamos, basicamente:

- desenhos, atividade que segundo nos fala Derdyk (1989, p. 56) a respeito do grafismo,

O que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico. Quando o lápis escorrega pelo papel, as linhas surgem. Quando a mão pára, as linhas não acontecem. Aparecem, desaparecem. A permanência da linha no papel se investe de magia e esta estimula sensorialmente a vontade de prolongar este prazer, o que significa uma intensa atividade interna.

- modelagem, por conta da sua maneira de manipulação e no modo de ver de Pain e Jarreau (2001, p. 124),

A modelagem apela diretamente ao corpo: às sensações transmitidas pela extremidade dos dedos, à modulação da pressão e tensão muscular, à diferenciação profunda dos gestos, ao maior compromisso de toda a postura e da dinâmica do corpo que modela. Paralelamente, a atividade corporal de representação pela modelagem desencadeia mais rapidamente uma resposta emotiva, uma ressonância afetiva mais ligada ao trabalho que a seu resultado.

- colagem, cujo discurso plástico é formado por associações de blocos de imagens carregados de significação mais afetiva que intelectual.

- pintura, que consiste em expressar ou representar alguma coisa ou um sentimento por meio de cores. Segundo Pain e Jarreau (2001, p.80): “A pintura é sempre uma questão de escolhas. Essas se fazem ao nível da composição, das linhas, dos ritmos, das cores, (...) dos contrastes, do movimento, (...) ligados à personalidade de seu autor”.

Foi solicitada a cada participante autorização para a utilização, neste trabalho de pesquisa, dos depoimentos dados, questionários respondidos, trabalhos artísticos e/ou textos por ele produzidos, bem como sua imagem registrada nos meios anteriormente descritos.

Para a realização da pesquisa, estabelecemos alguns critérios para convidar os sujeitos para tomar parte nos encontros:

1. Critérios de escolha dos participantes da pesquisa:
 - a. Adolescentes alunos de escola municipal, cursando o nível II regular (antigas 5^a a 8^a séries).
 - b. Idosos que convivam ou não com adolescentes.
 - c. Que aceitaram por livre e espontânea vontade participar das oficinas de arteterapia.

A análise dos resultados obtidos nas oficinas arteterapêuticas se deu a partir dos trabalhos desenvolvidos e de dados coletados com:

1. Gravador.
2. Máquina fotográfica.
3. Diário de campo.
4. Análise dos trabalhos artísticos pelo próprio autor.

Por meio desta metodologia de pesquisa desenvolvemos procedimentos que permitiram a construção do conhecimento da relação comportamental que

permeia a questão do relacionamento intergeracional neto-adolescente – avô-idoso, de forma harmônica e respeitosa, na qual,

Talvez aí se esconda o grande segredo de um pesquisador: mesmo na euforia de coletar dados, não se esquece nem por um instante que, por mais precioso que seja o material que se irá coletar, antes de tudo se deve privilegiar o respeito pelos sujeitos da pesquisa. (CALOBRIZI, 2001, p.94).

A abordagem do relacionamento entre neto-adolescente e avô-idoso, por meio do fazer artístico, partiu do pressuposto de que a convivência social e afetiva não é isenta de confrontos; as pessoas em seu cotidiano não têm um viver considerado ideal, pois não vivenciam e não são afetadas por nenhuma ordem de diferenças.

Trabalhar com um grupo de pessoas nos permitiu, entre outras coisas, aproximação menos formal e mais branda e agradável do assunto da pesquisa. A influência de um indivíduo sobre outro e vice-versa pode acontecer mais harmonicamente a partir de um encantamento mútuo. Então, os comportamentos acontecem, como nos falam Bauer e Gaskell:

Com bases nestes critérios, o grupo focal é um ambiente mais natural e holístico, em que os participantes levam em consideração os pontos de vista dos outros na formulação de suas respostas e comentam suas próprias experiências e as dos outros. (2005, p.76).

Escolhemos como uma das partes da documentação que compõe o nosso *corpus* a documentação visual em fotos e ‘obras de arte’, produzidas pelos participantes durante os encontros. Elas nos permitiram uma apreciação do momento real em que os fatos ocorreram. Importante ressaltar que o ser humano se guia primordialmente pelo sentido da visão. Há um ditado popular que diz: “Uma imagem vale mais do que mil palavras.” Somos seres visuais por excelência.

O registro imagético favoreceu a pesquisa, quando a ação humana que se desenrolou no cenário observado foi complexa e/ou muitas vezes de difícil entendimento. A imagem, como um texto, trouxe em seu bojo elementos que remetem

a “...pensamentos, sentimentos, memórias, planos e discussões das pessoas, e algumas vezes nos disseram mais do que seus autores imaginam” (Bauer e Gaskell, 2005, p. 189).

A articulação do pensamento que se expressa via imagens, diferencia-se da articulação do pensamento que utiliza a linguagem oral ou grafada: “... tanto na linguagem escrita, como na falada, os signos aparecem seqüencialmente. Nas imagens, contudo, os signos estão presentes simultaneamente. Suas relações sintagmáticas são espaciais e não temporais” (Bauer e Gaskell, 2005, p. 322).

O fazer arteterapêutico

O relato de Fabietti a respeito de seu trabalho com idosas é um exemplo pertinente que nos mostra bem o espírito norteador do trabalho em arteterapia: “Como arteterapeuta, meu papel é o de ouvinte atenta e de facilitadora na condução do trabalho, sempre pronta a ajudar as idosas a superar obstáculos e a valorizar seus processos pessoais”. (2004, p.18).

O ateliê é o local onde se dá o encontro do sujeito com o arteterapeuta, e a aventura criativa se coloca à disposição do autoconhecimento. Diferente de um ateliê artístico onde são ministradas aulas de arte e se transmitem conhecimentos bem dirigidos, e também, distinto de um encontro psicoterapêutico, onde o paciente na maior parte do tempo se expressa pela linguagem verbal, o ateliê terapêutico é espaço próprio em que o envolvimento do sujeito com os materiais expressivos e o arteterapeuta se dá por meio dos sentidos, do olhar e de uma empatia afetiva.

Em arteterapia, exercitando-se pelo fazer artístico, o sujeito sente emergirem forças interiores, que brotam de seu âmago e o tornam capaz de expor o seu momento de vida presente e re-visitarexperiências vividas e transformar a sua realidade objetiva, por mais cristalizada que esteja.

Nos encontros arteterapêuticos são produzidos registros visuais (as obras de ‘arte’), que contêm dados sobre os afazeres do dia-a-dia, os sentimentos, as

emoções e os relacionamentos dos indivíduos, com relevância quanto às suas contribuições para a pesquisa. O trabalho de arte, realizado pelo próprio indivíduo, serve como estímulo para ser levado a evocar memórias, sentimentos, opiniões e comentários. O indivíduo pode entrar em contato, rever e revelar a partir de sua própria expressão artística, a trajetória de vida, modo de agir e se relacionar, foco de interesse desta pesquisa.

O ‘fazer arteterapêutico’ tem como escopo fundamental auxiliar o sujeito a viver e a continuar escrevendo a própria história, de forma mais lúcida, com mais conforto e alegria, re-significando sua existência e seu projeto de vida, sentindo-se presente, conhecendo-se, respeitando-se e compartilhando-se com outros.

O sujeito, então, sente-se capaz de construir pelos caminhos deste mundo não sonhos errantes, mas realidades em um nível superior¹ de qualidade.

1. Queremos dizer com ‘superior’ o que é muito bom, excelente.

EXPRESSÃO LIVRE

Compartilhando o fazer

Proporcionar um momento em que neto-adolescente e avó-idosa compartilhassem o fazer da mesma produção artística era a proposta dos encontros. Essa atuação requeria, a nosso ver, forma cooperativa de participação, na qual os sujeitos eram chamados a exercer o diálogo e a aceitação das opiniões uns dos outros e a acolher a forma de ser de cada um.

Nesses momentos era necessário um olhar cuidadoso sobre o relacionamento que se estabeleceria mediado pelo fazer artístico. Fomos buscar na arteterapia os subsídios para embasar as atividades a serem propostas nos encontros.

Segundo definição utilizada pela American Art Therapy Association (AATA), fundada em 1969:

Arteterapia é uma profissão assistencial ao ser humano. Ela oferece oportunidades de exploração de problemas e de potencialidades pessoais por meio da expressão verbal e não verbal e do desenvolvimento de recursos físicos, cognitivos e emocionais, bem como a aprendizagem de habilidades por meio de experiências terapêuticas com linguagens artísticas variadas. O uso da arte como terapia implica que o processo criativo pode ser um meio tanto de reconciliar conflitos emocionais, como de facilitar a autopercepção e o desenvolvimento pessoal. (American Art Therapy Association, Boletim Informativo 199, *apud* CARVALHO, 1995, p.24).

Ao observarmos as possibilidades que um relacionamento entre adolescentes e idosos oferece, veremos que existem oportunidades de ganhos para ambas as partes. Em contrapartida, podem acontecer perdas para os dois lados. E recorreremos a Debert para uma visão sobre esta situação:

Por um lado, a juventude perde conexão com um grupo etário específico e passa a significar um valor que deve ser conquistado e mantido em qualquer idade através da adoção de formas de consumo de bens e serviços apropriados. Por outro lado, a velhice perde conexão com uma faixa etária específica e passa a ser de um modo de expressar uma atitude de negligência com o corpo, de falta de motivação para a vida, uma espécie de doença auto-infligida, como são vistos hoje, por exemplo, o fumo, as bebidas alcoólicas e as drogas. (2004, p. 23).

Porém, não se pode ater ao pensamento de que apenas ocorrem situações de confronto, disputa e desafio, e perdas quando se depara com ações interativas entre adolescentes e idosos. Como afirma Oliveira (2003, p. 6),

Uma co-educação é algo que se constrói na história como *fazer-se*, isto é, supõe gerações em movimento. Desse modo, abandona-se a idéia de geração como algo dedutível de um momento já vivido, raciocínio que implicaria refletir sempre depois, ou seja, no momento em que a festa do viver já tivesse, para esses, se encerrado. Entender o movimento das gerações enquanto um *fazer-se* requer, ao contrário, percebê-las sim enquanto depositárias de uma época, historicamente datada e, além disso, também como modeladora das marcas de sua passagem, no tempo e no espaço. Tais marcas estariam impressas nas manifestações materiais e simbólicas, que comporiam o conjunto de oferendas das gerações, umas às outras. Trata-se de um movimento, de algo que está se desdobrando, daí a importância de perceber que são legados que se renovam. Ademais, não é apenas uma geração que dá algo de si enquanto a outra, passivamente, fica sendo receptora inerte das dádivas. Essa linearidade tolda o movimento e impede a visualização das influências recíprocas. Em outras palavras, não se trata apenas da passagem de sabedoria dos mais velhos para as crianças. Estas – mesmo que inadvertida ou inconscientemente – também transmitem muito aos mais velhos.

Visto sob esse prisma, o relacionamento como processo pelo qual adolescentes e velhos passam reveste-se de importância significativa para ambos. As singularidades que cada indivíduo apresenta fazem com que, independentemente de seu aspecto, feminino ou masculino, ele manifeste conhecimentos, vivências, emoções, sentimentos e sensibilidades no mundo material por vários meios e de diversas formas. ‘Expressão’ é o termo que designa a manifestação humana que comunica um conteúdo e/ou uma visão de mundo. Arnheim, define ‘expressão’ como:

...maneiras de comportamentos orgânico ou inorgânico revelados na aparência dinâmica de objetos ou acontecimentos perceptivos. As propriedades estruturais destas maneiras não são limitadas ao que é captado pelas sensações externas, elas são visivelmente ativas no comportamento da mente humana e são metaforicamente usadas para caracterizar uma infinidade de fenômenos não sensoriais; má disposição de ânimo, (...) a lucidez de argumentos, a solidez da resistência. (2002, p. 438).

Com o desenvolvimento do intelecto e a partir da manipulação de diversos materiais, o ser humano elaborou diferentes maneiras de se expressar. Uma delas é pelo fazer artístico. A esse respeito Allesandrini (1998, p. 29), assinala,

Por intermédio do fazer artístico, ele (o ser humano) cria um objeto que tem singularidade. Todo um universo de potenciais emerge, transformando a primeira ação, que gradativamente vai assumindo novos contornos e novos movimentos.

Propomos, com a finalidade de investigar o relacionamento intergeracional neto-adolescente – avô-idoso, por meio de atividades artísticas sob uma ótica arteterapêutica, um conjunto de atividades artísticas a que demos o título de *Amplificação¹ das Linguagens Expressivas e Simbólicas do Sujeito*. O conceito de *amplificação* se aplica à potencialização do estado sensível do sujeito. Isto ocorre quando ele participa de atividades que, ao serem exercidas, lhe apresentam possibilidades de entrar em contato com seu lado sensível e emocional. Fazendo com que expresse seu sentir de forma que reconheça em si a força para ser autor de sua própria história. Essas atividades foram elaboradas a partir do conceito de ‘oficinas criativas’ proposto por Allesandrini:

Oficina Criativa é o trabalho, (...), de atendimento individual ou grupal, composto de certas etapas, no qual o sujeito expressa criativamente uma imagem interna por meio de uma experiência artística para, posteriormente, organizar o conhecimento intrínseco a esse fazer expressivo. (2002, p. 41).

O trabalho em oficina criativa é composto por 5 etapas: sensibilização, expressão livre, elaboração da expressão, transposição de linguagem e avaliação.

Em nosso trabalho, a sensibilização é feita por meio de uma imaginação

1. Amplificação – [do latim *amplificatore*] S.f. 1. ato ou efeito de amplificar. 2. Ret. Figura que consiste em desenvolver as particularidades de um assunto. Novo Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio, sd. 1ª edição, 15ª impressão, São Paulo; Nova Fronteira.

ativa; a expressão livre é realizada pelo relacionamento com o material expressivo; a elaboração da expressão é a atividade artística propriamente dita, em que a obra surge; a transposição de linguagem é compartilhar verbalmente a vivência; e avaliação é o momento da apreciação crítica do trabalho realizado.

As atividades em seu conjunto são compostas por diferentes linguagens expressivas, como desenho, pintura, modelagem, colagem, escrita e oralidade. Como meios para a expressão, utilizando-se destas linguagens, o sujeito usa materiais plásticos expressivos, como papéis diversos, tintas, lápis de cor, giz de cera, plastilina, revistas etc.

Criar.

O ser humano tem no ato de criar algo inerente, instintivo e profundo. Ato que remete o pensamento, como no de sonhar, às fronteiras do inusitado, do inesperado, do maravilhoso. Criatividade é atributo e ato de ousadia, que faz as manifestações humanas sempre se mostrarem diferenciadas, e muitas vezes surpreendentes. Esse é um dos aspectos mais instigantes do homem... objetos, histórias, monstros, símbolos, figuras trans-reais...

Cada indivíduo tem sua própria 'coleção' de experiências, imagens, sons e símbolos, guardada em sua memória, em seu cérebro.

Carter (2003, p.14), nos aponta que:

O cérebro humano é feito de muitas partes. Cada uma tem uma função específica: transformar sons em fala, processar cor, registrar medo; reconhecer um rosto ou diferenciar um peixe de uma fruta. Mas isso não é uma coleção estática de componentes – cada cérebro é ímpar, em eterna transformação e primorosamente sensível ao seu ambiente. (2003, p. 14).

Para ser elaborada a seqüência de atividades propostas para as oficinas, observamos cuidadosamente os sujeitos que se candidataram a participantes da pesquisa durante a entrevista oral.

A partir de suas falas e expectativas selecionamos as atividades artísticas a serem desenvolvidas durante os encontros da pesquisa. Levando-se em conta que o

sujeito, ao utilizar materiais expressivos para dar forma a um pensamento, por meio de literatura, desenhos, esculturas e todas as formas propiciadas pelo fazer artístico, expressa sua interioridade. Criar por meio de uma linguagem, que não a oral, é expressar a interioridade que emerge de modo multidisciplinar. O sujeito utiliza habilidades não usadas normalmente em seus afazeres do dia-a-dia, em conjunto com conhecimentos que já possui. E assim propiciar o emergir de um novo saber, que se constela em um espaço próprio. Para Jung (1991, p. 400), “o lugar ou o meio desta realização não é nem a matéria, nem o espírito, mas aquele reino intermediário da realidade sutil que só pode ser expresso adequadamente através do símbolo.”

Durante o desenvolvimento desse trabalho, cujo fazer artístico está presente, são feitas as observações sobre o relacionamento intergeracional e os comportamentos dos netos-adolescentes e dos avós-idosos que participam da pesquisa.

Baseando-nos em estudos de Jeandot (1990, p. 13), que nos fala a respeito de música “por estar tão estreitamente vinculada às emoções e ao mundo pré-verbal, constitui uma linguagem privilegiada, através da qual os seres humanos se comunicam entre si”, utilizamos músicas clássicas e músicas orquestradas durante as vivências nas oficinas. O objetivo era criar atmosfera de envolvimento que permita uma reflexão sensível sobre o tema do encontro. Para tanto, selecionamos vários autores e músicas com temas diversos, oferecidos em um ‘cardápio’ para que os participantes escolhessem, em consenso, as que seriam utilizadas nos encontros.

Iniciamos todos os encontros com um breve relaxamento, utilizando a técnica de imaginação ativa segundo Epstein (1989, p. 25), que assinala: “A criação de imagens está direta e dramaticamente ligada à intenção, a ação mental que direciona nossa atenção e nossas ações.”, para permitir ao sujeito que ele deixe por uns momentos as preocupações causadas pelas atribulações de seu dia-a-dia e se conecte com seu interior de forma mais harmônica. Também, segundo Arcuri, “as técnicas de relaxamento possibilitam emergir de fantasias, tornando o indivíduo espectador de suas próprias vivências internas, desatando certas inibições, principalmente as corticais, que se manifestam como crítica, ceticismo, racionalização exagerada” (2004, p. 63).

Depois de realizada a atividade, o ato de compartilhar verbalmente a vivência artística requer do sujeito exercício de transposição de linguagem, da linguagem plástica para a oral. Momento importante, fazer a releitura de sua obra e avaliar o produto do trabalho, pois, conforme Alessandrini (2004, p. 84) “... convida o sujeito a acionar um movimento na ordem do descontínuo, ou seja, em um outro nível de consciência energética interna. O que foi vivido é redimensionado, diante do sentido provocado pelo que evocou internamente. Algo é apreendido, *per si*, nessa ação”.

Descrição dos encontros

Quadro III - Encontros temáticos

	Encontros Temáticos	Material	Música	Proposta
1º	Cooperação	Papel canson, lápis de cor, caneta hidrográfica	Late Renaissance Dances in Hungary CD White Label - 1993	Criar um desenho em dupla
2º	Reencontro	Cartolina, lápis de cor, caneta hidrográfica, giz de cera	Concerto nº 1 para piano de Tchaikovsky CD Movieplay - s/d.	Trazer à memória vivências passadas
3º	Dia-a-dia	Cartolina, revistas, cola, tesoura, caneta.	Spring Blossoms - Spiritual Four Seasons CD Memo Music - s/d	Trazer à consciência a vivência do dia-a-dia
4º	A natureza*	Papelão, massa de modelar, estecas ¹ .	Equilíbrio - corpo, mente, espírito CD MCD s/d	Modelar uma paisagem
5º	Um passeio	Papel craft, tinta guache.	As melhores canções de ninar do mundo CD Coleção Caras - s/d	Pintar um passeio
6º	Reciclagem*	Papel craft, cola, tesoura, pinturas a guache.	Melodias de pássaros CD Azul Music - s/d	Construir uma nova imagem
7º	Harmonia	Desenhos de mandalas, lápis de cor	Cânticos à Virgem Maria CD Celestial Sounds - s/d	Pintar o desenho de mandala
8º	Desafio	Lápis de cor, desenhos para pintar.	Celtic Atmosphere CD CDI - s/d	Pintar com quatro cores

* - Esses encontros foram realizados em conjunto pelas duas duplas de netos e avós do grupo I. Neles estavam Maria e João, Meire e Felipe, realizando um só trabalho artístico. Um fazer a oito mãos.

1. Estecas: ferramentas semelhantes a espátulas, próprias para se trabalhar com argila, massa de modelar etc. (nota do autor)

1º encontro: Cooperação

O nível de dificuldade para a execução de um trabalho artístico com os materiais propostos neste encontro pode ser considerado mínimo. Papéis e lápis fazem parte do cotidiano das pessoas. Seu uso é bem conhecido e todos estão habituados. A criação conjunta de um desenho pode ser vista como um jogo no qual não existem regras definidas e fixas que visam a uma imagem determinada. Segundo Winnicott (1994, p. 243), “o importante é o uso que se faz do material que o jogo pode produzir”.

Exercícios propostos:

- Breve relaxamento, ao som de música, apenas respirando normalmente e mexendo o corpo em movimentos circulares, começando pelos pés, seguindo para as pernas, pélvis, tronco, braços, mãos, ombros, pescoço e cabeça.
- Individualmente, observar os lápis de cor e canetas hidrográficas, experimentá-los riscando de diversas formas, de ponta, deitados, vários juntos, em um desenho livre.
- Compartilhar a experiência de rabiscar.
- Em duplas, avó e neto, pegar uma folha em branco. Escolher um da dupla para iniciar o jogo. Quem inicia escolhe uma cor e faz um rabisco, com o lápis, em qualquer parte da folha. O outro escolhe outra cor e continua o rabisco feito inicialmente, e assim por diante, em um fazer lúdico.
- Observar os rabiscos e procurar neles formas que podem ser abstratas e/ou figurativas. Colorir as formas visualizadas.
- Compartilhar verbalmente a experiência de jogar e desenhar juntos.

No primeiro momento, o ato de experimentar os materiais sem um compromisso formal de produzir algo significativo permite ao sujeito o gestual intuitivo que desinibe o seu modo de agir. No segundo momento, jogar mobiliza, segundo

Allessandrini (1999, p.40), “a integração, a flexibilidade e a troca entre seus participantes”. Procurar formas evoca o movimento e o gesto, e colorir, traduz a emoção que emerge durante a criação.

2º encontro: Reencontro

Neste encontro, a dificuldade em manusear os materiais expressivos ainda é considerada mínima. A introdução do giz de cera acrescenta facilidade ao pintar e aumenta a velocidade de execução do trabalho, exigindo maior destreza com o pensar.

Exercícios propostos

- Breve relaxamento, ao som de música, apenas respirando normalmente e mexendo o corpo em movimentos circulares, começando pelos pés, seguindo para as pernas, pélvis, tronco, braços, mãos, ombros, pescoço e cabeça.
- Imaginação e visualização: explicar primeiramente o que consiste a visualização por meio da imaginação, pois essa atividade poderia ser confundida com algum tipo de prática mística¹, o que não se aplica nesta proposta. Começamos pedindo para os participantes cerrarem levemente os olhos e imaginarem-se em um campo, em um dia de sol. Depois, caminhar por esse campo. Avistar ao longe uma árvore. Ir caminhando em direção a ela e observar seu tamanho, o tronco, as raízes e a copa. Ao encontrá-la ver se tem flores, frutos, e se há animais acolhidos por ela: passarinhos, esquilos, borboletas... “Dê um abraço nesta árvore e sinta a energia que ela passa para você e que você passa para ela. Despeça-se da árvore e volte pelo mesmo caminho para chegar à árvore. Agora, devagar, no seu tempo, volte aqui para a sala e desenhe a árvore que você encontrou”.

1. Utilizamos a expressão ‘visualização através da imaginação’ em substituição à expressão ‘meditação’, pois, já tivemos problemas de interpretação, em uma oficina anterior, com outro grupo de pessoas, que entendiam ser a meditação uma prática específica de algum culto religioso, diferente do professado por elas. (nota do autor)

- Utilizando lápis de cor, caneta hidrográfica e/ou giz de cera fazer o desenho na folha de cartolina.
- Compartilhar, verbalmente, a experiência de desenhar a árvore imaginada.

Visualizar-se em uma atividade requer articulação do pensar com a memória. Transpor experiência que se dá no campo da imaginação, algo onírico, para linguagem plástica, concreta, e posteriormente para a linguagem verbal, abstrata, exige do sujeito reflexão e flexibilidade no fazer.

3º encontro: O dia-a-dia

Para este encontro, os materiais utilizados são mais concretos que os anteriores. As revistas trazem imagens prontas. A tesoura é instrumento que exige destreza e cuidado no manuseio.

Exercícios propostos

- Breve relaxamento, ao som de música, apenas respirando normalmente e mexendo o corpo em movimentos circulares, começando pelos pés, seguindo para as pernas, pélvis, tronco, braços, mãos, ombros, pescoço e cabeça.
- Imaginação e visualização: cerrar levemente os olhos e imaginar-se em casa ao acordar, indo ao banheiro para se arrumar e fazer a higiene matinal, encontrando os outros membros da família, tomando o café da manhã, e iniciando as atividades do dia. Passar por cada uma delas, os afazeres da manhã, o almoço. As atividades da tarde, o jantar. À noite, até a hora de se despedir da família e ir dormir. Rever o quarto, a cama e deitar-se. “Bem devagar vá abrindo os olhos e comece a atividade”.
- Utilizando imagens recortadas das revistas fazer colagem na folha de cartolina. Depois, escrever o que as imagens representaram.
- Compartilhar, verbalmente, a experiência de realizar a colagem.

Conciliar a memória dos afazeres do dia-a-dia com as imagens que aparecem nas revistas, selecioná-las, criar composição e realizar a colagem é trabalho que denota visão de representação e noção de espacialidade bi-dimensional. Escrever legendas nas fotos consolida a compreensão do trabalho.

4º encontro: A natureza.

Neste encontro, o material oferecido é concreto: massa de modelar. Amorfa, necessita da concorrência do ser humano para ganhar forma e ter significado. O manuseio da massa pede contato direto do sujeito e certa força física para a sua modelagem. Além disso, impõe seu ritmo de metamorfose e exige do sujeito gestos em progressão contínua.

Exercícios propostos

- Breve relaxamento, ao som de música, apenas respirando normalmente e mexendo o corpo em movimentos circulares, começando pelos pés, seguindo para as pernas, pélvis, tronco, braços, mãos, ombros, pescoço e cabeça.
- Imaginação e visualização:
 1. Cerrar levemente os olhos e sentir a música. Imaginar-se em um espaço na natureza. “O lugar em que você está é plano ou tem montanhas? Tem rios? Tem lagos? E mar? Agora, sinta o calor do sol, perceba o vento nas árvores e no rosto, perceba o barulho dos pássaros e veja se há animais por perto. Sem perder a imagem, abra devagar os olhos e converse com seu companheiro o que vocês visualizaram”.
- Utilizando as diversas cores da massa de modelar, construam a paisagem que imaginaram.
- Compartilhar, verbalmente, a experiência de realizar a construção.

Neste encontro, usar em primeiro lugar a imaginação e em seguida compartilhar verbalmente a visualização sugerida fazem o sujeito entrar em sintonia com seu parceiro, com a intenção de que se percebam e se sintam, formando unidade em relação à confecção do trabalho proposto.

5º encontro: Um passeio.

A tinta guache, quase uma pasta, pode ser utilizada pura ou diluída em água, aplicada com pincel ou diretamente com os dedos sobre a superfície a ser pintada. Ela permite gesticulação mais ampla do que o lápis e propicia efeitos visuais que variam de acordo com a intensidade da pincelada, da diluição e das misturas usadas.

Exercícios propostos

- Breve relaxamento, ao som de música, apenas respirando normalmente e mexendo o corpo em movimentos circulares, começando pelos pés, seguindo para as pernas, pélvis, tronco, braços, mãos, ombros, pescoço e cabeça.
- Imaginação e visualização: cerrar levemente os olhos e sentir a música. Usar a imaginação para visualizar-se em um passeio. “Onde você está passeando? Como é o lugar? Qual é a hora do dia? Como está o tempo, calor, frio, ensolarado, chuvoso? Você está só ou acompanhado? Existem outras pessoas? Como você se sente?” Com essa sensação, abra devagar os olhos e transfira o passeio que você imaginou e as sensações que sentiu para o papel, utilizando a tinta.
- Utilizando as diversas cores da tinta guache, pinte em sua folha o que foi mais importante no passeio.
- Compartilhar, verbalmente, a experiência de realizar a pintura.

Utilizando formas, cores e texturas, o sujeito mostra como é o seu modo de ver a si mesmo e aos outros, e como se relaciona com o mundo. O exercício de mentalização, de um provável momento agradável, como é o de um passeio, seguido de sua concretização na pintura, faz com que seja evocada a expressão em seu estado menos controlado pelo fazer consciente.

6º encontro: Reciclagem.

Novamente o exercício de colagem. Desta vez, utilizando como fonte para os recortes pinturas a guache feitas por outros autores. As imagens não são fotográficas, mas registros de expressões de outras pessoas, e o papel, craft mais grosso, pintado, é mais resistente ao corte do que as páginas de uma revista.

Exercícios propostos

- Breve relaxamento, ao som de música, apenas respirando normalmente e mexendo o corpo em movimentos circulares, começando pelos pés, seguindo para as pernas, pélvis, tronco, braços, mãos, ombros, pescoço e cabeça.
- Imaginação e visualização: cerrar levemente os olhos e sentir a música. Usar a imaginação para visualizar-se em uma exposição de pinturas feitas por crianças. “Quais são as cores? Como são os desenhos das pinturas? Há alguma que mais chama a atenção? Como você se sente? Você está só ou acompanhado? Existem outras pessoas vendo a exposição?” Com essa sensação, abra devagar os olhos e comece a procurar entre as pinturas à sua frente aquelas que mais o agradam.
- Recorte as partes que mais agradam das pinturas que separou e faça uma colagem junto com os recortes de seu companheiro.
- Compartilhar, verbalmente, a experiência de realizar a pintura.

Apropriar-se do trabalho de outrem, para confeccionar imagem que apresente a própria visão sobre determinado assunto, estimula no sujeito sentimento de respeito e admiração pelo fazer alheio. A elaboração conjunta dos participantes da oficina para a construção da obra tende para relação de vontades e atitudes mais afetuosas.

7º encontro: Harmonia.

O exercício proposto é pintar desenho já pronto. A dificuldade é combinar as cores, buscando pintura harmônica.

Exercícios propostos

- Breve relaxamento, ao som de música, apenas respirando normalmente e mexendo a cabeça em movimentos circulares, os ombros, braços, mãos, pernas e pés.
- Em duplas, avó e neto, observar os desenhos de mandalas e escolher um para pintar.
- Observar os lápis de cor e escolher cores que agradam e pareçam harmônicas
- Compartilhar verbalmente a experiência de pintar juntos.

“Tradicionalmente, as mandalas servem como instrumentos de meditação que intensificam a concentração no eu interior, a fim de levar a pessoa a atingir experiências significativas. Ao mesmo tempo, elas produzem uma ordem interior.” (Fincher, 1991, p.32)

Procurando invocar as partes sensória e motora do indivíduo, o estímulo dado, na forma de um desenho e de cores para pintá-lo, tem como objetivo a participação compartilhada que permite estabelecer sentido no relacionamento.

8º encontro: *Desafio*.

O limite de cores para pintar o desenho (apenas quatro) sem que uma mesma cor ocupe duas áreas contíguas cria dificuldades a serem superadas. “Jogar quatro cores coloca o sujeito em contato direto com a necessidade de atuar com perseverança diante de situações que enfrenta a cada instante para atingir seu objetivo.” (Macedo, Petty e Passos, 1997, p.26)

Exercícios propostos

- Breve relaxamento, ao som de música, apenas respirando normalmente e mexendo a cabeça em movimentos circulares, os ombros, braços, mãos, pernas e pés.
- Inicialmente observar os desenhos oferecidos e escolher um deles: o barco, uma moça de Picasso, o Abapuru de Tarsila do Amaral, a moça com os passarinhos e o trenzinho. Escolher apenas quatro cores para pintar o desenho.
- Não pintar duas áreas vizinhas com a mesma cor.
- Compartilhar verbalmente a experiência de pintar junto.

Pintar um desenho com apenas quatro cores, sem que se encontrem, é muito difícil e demanda do sujeito atenção e cuidado. A concorrência entre os participantes para o termo da atividade pode convergir, em certos momentos, para a “irrupção de sentimentos ambivalentes e para uma instabilidade emocional” (Pain e Jarreau, 2001, p.70).

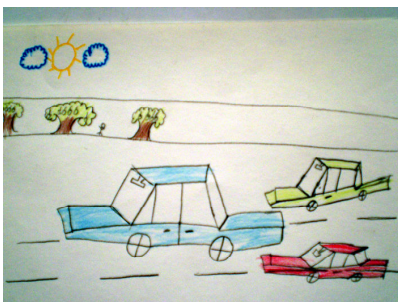
TRANPOSIÇÃO DE LINGUAGEM

Maria e João

1º Encontro: Cooperação



Maria



João



Maria e João

Maria - Acho que o desenho representa as matas, palmeiras, acho que um Estado: Bahia. Não sou baiana, sou do Paraná. Acho que deve ter mais Estados, mas o que eu assisto mais na TV é da Bahia. Este desenho traz muitas lembranças, eu brincava muito no pomar de laranjeiras e na escola mesmo. Era na fazenda, eu estudei na fazenda, tinha muita brincadeira nas árvores.

João - Eu gosto de desenhar carro. Tem um que eu gosto mais, o Lamborghini, só que eu não desenhei nenhum.

Maria - Nossa! Eu senti uma emoção pra desenhar, ainda mais ao lado dele (o neto). Foi ótimo, uma energia forte.

João - Senti a mesma coisa, trabalhamos igual.

Maria - Passou uma energia ótima, foi gostoso trabalhar junto. Pra mim representou assim, quando eu estudava, me senti bem criança.

João - Gostei da baleia que apareceu nos rabiscos.

A história do desenvolvimento humano nos oferece dados nos quais percebemos que remonta a tempos ancestrais a utilização de sons, imagens, cores e gestos para a expressão de idéias e vivências. Segundo Ostrower (1983, p. 294), “é preciso, sobretudo, esclarecer um ponto fundamental: o estilo de uma obra sempre corresponde a uma visão de vida - visão pessoal ou, mais amplamente, visão cultural de determinada sociedade num determinado momento histórico”.

Independentemente do pensar histórico ou filosófico, a arte é como um grande e maravilhoso engenho, que possibilita o trânsito pelo espaço e pelo tempo. Passado, presente e futuro convivem em ritmo atemporal e espaço próprio. Fluir por esses espaços e tempos permite ao sujeito se deslocar, ultrapassando barreiras de universos físicos e mentais.

O sujeito, ao estruturar percepções e/ou intuições e concretizá-las em obras artísticas, está representando de modo espontâneo, divertido, doloroso ou ingênuo, o que se passa em seu âmago. Vivencia um fluxo de liberdade, responsabilidade e prazer emanado, provavelmente, pela ação do fazer artístico, que se concretiza em uma obra de arte.

No primeiro encontro, pude perceber um pouco de tensão por parte dos participantes. Após conversar sobre o objetivo, iniciamos com o relaxamento.

Aqui cabe um aparte para a fala de Peixoto (2004, p.67), que mostra bem a situação em que vive Maria, e para compreender melhor o seu relacionamento com o neto. “As mulheres de meia-idade que não têm marido vivem raramente sozinhas. Dado que a co-residência é um fenômeno banal nas famílias brasileiras, estas mulheres vivem com os filhos adultos, sejam eles casados ou não.”

Maria, tímida a princípio, foi se sentindo mais à vontade conforme experimentava os lápis de cor e as canetas hidrográficas, e desenhava árvores, das quais disse gostar muito, pois a faziam lembrar da infância, quando brincava nas laranjeiras do pomar. Ela relaxou e acompanhou cantarolando baixinho a música que tocava no momento. Preferiu as canetas hidrográficas.

João mostrou-se preocupado com o desenho durante a experiência com os lápis de cor. Como a avó, foi relaxando, e em certos momentos cantarolava e mexia o corpo acompanhando a música.

Ao realizar o jogo do rabisco, embora a comanda fosse clara - um jogo de cooperação e não de competição, João acabou por estabelecer um clima de competição com a avó.

O adolescente questionador e que afronta a ordem estabelecida tem nesses comportamentos o que se pode considerar natural e até desejável para o seu desenvolvimento como indivíduo. Segundo Zagury (2004), essa característica é chamada de onipotência pubertária, ou seja, o aparecimento de nova identidade, oposta à infantil, dócil e afável.

Não houve, apesar do espírito competitivo, momentos de conflito. João procurava impedir a avó de continuar o rabisco e vice-versa. O jogo transcorreu em um clima de camaradagem, e no final procuraram juntos algumas formas e as pintaram de comum acordo.

Avó e neto estavam entrosados e as atividades propostas foram executadas com atenção. Algumas vezes a avó chamou a atenção do neto quanto à postura que assumia, às vezes debruçado na mesa, outras largado na cadeira, como desprezando o momento em que se encontrava. Parecia pensar: - isto é molezinha, brincadeira de criança.

Em seu âmago, a adolescência pode ser considerada período atemporal, isto é, em todos os tempos da história humana, quando adolescente, o ser humano apresenta comportamentos semelhantes em relação aos problemas e desafios que se colocam durante seu viver.

O que diferencia o adolescente de tempos e eras passadas do adolescente da atualidade, do início do século XXI, é a maior possibilidade de informações e de liberdade a qual está submetido.

Para a avó, cuidadosa, a postura do neto é importante, pois mostra os exemplos de educação que recebe.

Para Calobrizi, essa atenção é crucial, pois,

Se a criança e o adolescente não vivenciarem um cuidado a partir da atuação dos adultos, que favoreceu a construção da noção de responsabilidade, não conseguirão cuidar e responsabilizar-se por alguém, devolverão à sociedade aquilo que lhes foi dado. (2001, p. 40).

Observamos neste primeiro encontro respeito mútuo e bem estar entre os dois, por estarem trabalhando, de certa forma cooperativa e em harmonia.

2º Encontro: Reencontro



João



Maria

Maria – Eu estava aqui (aponta o lugar na folha onde começou a fazer o desenho), saí e achei um caminho. Fui caminhando, vi muitas flores. Era o paraíso. Fui subindo e quando cheguei na montanha, encontrei uma árvore que era uma laranjeira cheia de frutos, aí eu dei um abraço nela e fiquei muito feliz porque era que nem quando eu era pequena, no sítio. Subi na laranjeira e colhi muitos frutos, depois desci, dei outro abraço na árvore e continuei a caminhar. Encontrei um outro jardim com várias árvores e passarinhos nelas. Continuei caminhando e encontrei uma palmeira cheia de cocos e alguns tinham caído. Continuei andando e quando cheguei embaixo, encontrei um lago que estava cheio de peixinhos. Passei pelo lago e encontrei meu neto (virando-se para ele) e, tão feliz eu estava, te dei a mão e começamos a correr.

João – Eu estava caminhando e encontrei dois cavalos, montei nos cavalos e, (olhando para a avó), a senhora também, e nós começamos a cavalgar. Aí achei uma árvore que tinha maçã e eu comecei a subir nela e a comer maçã. Depois, nós dois comemos maçã e voltamos felizes para casa.

Maria – Eu senti assim como passeando numa floresta mesmo, junto com meus netos. Me lembrei de quando era pequena e agora imaginei todos nós passeando juntos, pelo

caminho até a montanha, indo até a árvore e voltando para casa, e encontrando quem ficou em casa. Foi muito bom esse nosso passeio.

João – Eu senti a mesma coisa. Eu estava passeando pelo bosque, aí encontrei a minha avó que estava chegando no bosque, encontramos a árvore e depois fomos para casa.

Maria – Nós passeamos muito porque quando eu saio, não deixo ele. Na realidade, ele está sempre junto comigo, até na hora do almoço. A gente está muito ligado, avó e neto. Ele é bonzinho, me ajuda na casa sem reclamar. Tem hora que ele fala: Vó, dá um tempinho que eu estou terminando meu dever e depois eu vou ajudar. Então eu falo: Está bem. Nós estamos sempre de acordo.

João – Eu gosto de passear com a minha avó.

Pelo fazer artístico, em seu modo operativo, existe a possibilidade de tornar concreto, visível e palpável tudo aquilo que está em estado abstrato, invisível e impalpável no interior do sujeito, no sentir e no pensar.

Neste encontro, a avó e o neto estavam mais a vontade. Após o relaxamento iniciamos a visualização da árvore.

Os dois, durante a atividade, apresentaram semblante sereno. Pudemos perceber em Maria o movimento dos olhos, mesmo fechados, como se estivesse percorrendo um caminho real e olhando todos os detalhes que chamavam a atenção. João parecia muito compenetrado em sua visualização.

Durante o desenho Maria sorria muito, e a imagem fluía tranqüila e harmoniosamente dos seus gestos e das cores dos lápis. De vez em quando Maria ria e abanava a cabeça num sinal claro que estava gostando da experiência. João, sempre compenetrado em seu desenho, olhava a avó, balançava a cabeça e falava baixinho: Essa é minha avó. Não houve interferência de um no trabalho do outro.

Apareceu com grande intensidade a relação entre avó e neto. São marcantes a parceria, a proximidade e o carinho com que se tratam e acolhem um ao outro.

O encontro foi particularmente revelador, pois no seu decorrer constatou-se o que defende Pereira (2005, p.99): “Os adolescentes tendem muito mais a partilhar os valores sociais, políticos e religiosos dos pais, mesmo que com uma leitura pessoal”, no que tange aos desenhos que mostraram, um não esqueceu do outro durante sua visualização, quanto às falas nos relatos da experiência vivida.

3º Encontro: *Dia-a-dia*



Maria e João

Maria - Neste trabalho eu recortei fotos e representei minha vida e minha família e o nosso dia-a-dia.

João - Eu também. Colei fotos do que eu gosto.

Maria - segurando a colagem - meu nome é Maria. estou representando (apresentando) um trabalho junto com meu neto João, para dona Meire e Felipe. Então, eu moro no bairro de Interlagos e esta manhã eu fui fazer um trabalho de voluntária, fui dar aula de costura para minhas amigas. Represento minha família que são meus netos e minha filha. Eu apresento a minha refeição, e tenho um trabalho com meu neto que joga futebol pela manhã. Depois, quando chega, almoça e usa o transporte para ir para a escola. E depois estuda. E também tem essa foto aqui que representa o dinheiro, porque sem ele nós não podemos passar. Primeiro a saúde, depois o dinheiro. Aqui está a chave do cofre e por hoje encerramos o nosso trabalho.

João - Eu coleei uma foto que mostra quando eu crescer com minha namorada; eu jogando futebol que eu gosto; as medalhas que eu já ganhei nos jogos e a nossa refeição.

Maria - Eu gostei de fazer esse trabalho de colagem com as fotos porque a gente pode mostrar como é o nosso dia-a-dia.

João - Eu gostei de mostrar meu jogo e as minhas medalhas. O trabalho ficou muito bom.

Foi realizado o trabalho relativo ao cotidiano da avó e seu neto, e relações com os outros membros da família.

Maria e João começaram a atividade tranquilos e compartilhando as idéias sobre o dia-a-dia. Procuravam imagens, gentilmente, nas revistas oferecidas. Conforme iam se lembrando das atividades diárias e se concentrando em achar as fotos mais adequadas para expressá-las, o clima de camaradagem foi mudando e as divergências apareceram. Maria queria certas fotos, e João outras, para expressar a mesma coisa.

João deixou a posição de 'netinho', em que falava e agia como uma criancinha, para em determinados momentos assumir posicionamento de confronto com a avó. Ele ficou muito bravo quando a avó recortou a foto de um rapaz e disse que ela o representava. Em um momento de rebeldia, João tomou a foto da avó, a rasgou e a jogou no lixo, dizendo que aquele rapaz não tinha nada a ver com ele. Rispidamente, então, falou para a avó: - Deixa que eu me procuro. Maria se calou, balançou a cabeça e deu um sorriso.

Esse 'rompante' de João pontua significativamente o que Barros (2004, p. 14), apresenta:

Na sociedade moderna a ideologia individualista é dominante. Decorrente do foco no indivíduo e não mais no grupo, é a percepção de si mesmo como ser inigualável e singular que permite a construção da idéia de trajetória de vida, de ciclo de vida, de projeto de vida e de percepção de uma memória individual.

A partir do exposto por Barros (2004, p. 14), pode-se interpretar esta ação realizada por João como manifestação na qual ele não quer ser representado por uma imagem de alguém que tem percurso e história de vida diferentes do que ele pensa e projeta para si.

De acordo com Clerget, esse comportamento mais brusco pode gerar de forma subliminar “o conflito de gerações, que não raro pode ser visto, provoca desperdícios de possibilidades, tanto para os jovens que possuem uma menor bagagem, quanto para os velhos que são tolhidos em sua expressão”. (2004, p.132).

Maria procurou expressar sua família, moradia e modo de vida. João preocupou-se em mostrar desejos, como uma namorada bonita e ser jogador profissional de futebol, além de conquistas, como as medalhas que ganhou participando de campeonatos de futebol. Maria contou que João foi convidado, oficialmente, para ser jogador do São Paulo Futebol Clube.

No terceiro encontro aconteceram coisas importantes dentro do relacionamento de Maria e João, que apontam na direção de tomada de consciência por parte de João. Acreditamos, começa a ensaiar os primeiros passos rumo à sua autonomia como sujeito. Até então, apresentava comportamento dócil e mesmo infantilizado. Sua fala era como a de uma criança de três ou quatro anos, gestos suaves e comedidos e olhar sempre voltado para baixo, quando não fixos no trabalho proposto. Ele aceitava sem discutir as sugestões da avó, sempre pronto a ajudá-la no que fosse preciso, com muita delicadeza.

Surpreendentemente, João, nessa atividade, mudou o comportamento e o modo de se posicionar, física e emocionalmente. Depois do episódio da foto que a avó escolhera para representá-lo, seu olhar tornou-se mais brilhante e firme, estufou o peito e sua voz mudou de tom, ficando mais grave e mais adulta. João assumiu uma posição quase de confronto com a avó. Ele começou a dirigir o trabalho e resmungava quando a avó não cedia a alguma de suas vontades.

Observamos ponto de tensão que pode servir como partida para futuro conflito, se não for devidamente conversado e resolvido por Maria e João.

4º Encontro: A natureza



Maria, João e Meire

Maria - Como é que se trabalha com isso? Eu nunca mexi com massinha. Fala aí, João.

João - eu também nunca brinquei com massinha.

Meire - Acho que a gente vai amassando e fazendo o que a gente quer.

Maria - O que nós vamos fazer? Eu vou tentar fazer uma árvore bem grande e bonita.

João - Eu vou fazer um rio.

Meire - Eu vou fazer um lago.

Maria - Essa massa é um pouco dura, acho que fazendo assim (rolando a massa no meio das mãos) ela fica mais mole. É fica melhor de trabalhar. Vou fazer a árvore aqui (apontando para o meio do papelão).

João - O rio vai passar aqui por baixo da árvore.

Maria - Menino, onde já se viu rio azul?

João - É o reflexo do céu, vó.

Meire - Deixa ele, fica bonito assim.

Maria - É gostoso, gostei de trabalhar com massinha.

João - Eu também. Agora vou fazer um cavalo para eu e minha avó andarmos e um para a senhora também, dona Meire.

Meire - Pena que o Felipe não esteja aqui mexendo com massinha. Acho que vou fazer um sol.

João - Não precisa, eu já estou fazendo um e as nuvens.

Maria - Deixa ela fazer, nós colocamos dois sóis no trabalho. A gente precisa fazer umas florzinhas.

João - É uma casa.

Meire - E uns bichinhos.

Maria - Eu nunca tinha trabalhado com massinha, gostei muito, dá pra fazer bastante coisa colorida. No meu tempo de criança não existia massinha, a gente brincava com barro mesmo. Foi muito bom fazer essa paisagem, o rio, a árvore, os cavalos e eu e meu neto andando neles.

Meire - Eu também nunca mexi com massinha, nós também brincávamos com barro quando eu era criança. Foi uma pena que o Felipe não veio, acho que ele ia gostar. Foi muito bom.

João - Achei bem legal. Eu fiz eu e minha avó andando a cavalo.

Vivenciar, pelas atividades artísticas, os sons dos lápis no papel, as energias operativas nos desenhos, o fluir da vontade nas tintas e o desafio oferecido na manipulação de materiais expressivos, que no caso deste encontro foi a massa de modelar, permite ao sujeito experimentar formas diferenciadas de se colocar ante os desafios.

Pain e Jarreau assinalam

Além disso, o trabalho plástico constitui um cenário privilegiado para fazer viver no sujeito o encontro entre aquilo que Freud chamou “o princípio de realidade” e “o princípio de prazer”, visto que as leis da matéria e as leis da idealização estética devem achar um lugar de acordo. As estratégias do sujeito para obter a articulação entre as duas ordens constituem o ponto central da aventura artística. (1996, p. 15).

No encontro houve situação não prevista. Felipe, neto de Meire, foi andar de bicicleta depois da aula e não compareceu ao encontro para realizar a atividade junto com sua avó. A atividade foi desenvolvida com as duas avós, Maria e Meire, e o neto de Maria, João.

Momento muito interessante, pois observamos o comportamento e o trabalho conjunto do adolescente e das duas idosas.

O material oferecido foi surpresa para os três, que nunca haviam feito nada com massa de modelar. Em um primeiro momento, João mostrou-se mais ousado no manuseio do material, tentando já dar forma a algo. Maria procurava um meio de melhor manusear os rolos de massa, e Meire prestava atenção no contato, amassando, esticando, como se estivesse trabalhando com massa de pão.

João tomou a dianteira da confecção da paisagem. Foi comandando a avó e Meire, que aceitaram sem contestar.

Aspecto que chamou a atenção foi o fato de os três só utilizarem a massa de modelar bidimensionalmente e comporem o trabalho como um desenho colorido. Eles pensavam no objeto que iriam representar e amassavam a massa, deixando-a chapada como um pedaço de papel, para depois dar a forma do objeto desejado.

João pediu-nos para fazer um cavalo, pois ele tinha visto esse animal na visualização feita no começo da atividade. Pegamos um pedaço de massa e modelamos um cavalo tridimensional, e os três perceberam a possibilidade que o material oferecia. Então, ele e Maria fizeram um cavalo, e em seguida modelaram um boneco, que os representava, para colocar em cima dos cavalos. Meire tentou modelar dois animais, que ficaram parecidos com tartarugas, e os colocou na beira do lago.

No final da atividade, João pediu uma caixa de massa de modelar, porque tinha gostado muito e queria continuar a brincar em casa. Nós lhe demos uma caixa.

Um encontro com um adolescente e dois idosos, trabalhando para um mesmo fim, foi interessante porque observamos os comportamentos dos participantes em uma situação diferenciada da qual estavam acostumados.

Normalmente a atividade se desenvolve com as duplas em separado e depois há o compartilhar das experiências. Com a ausência de um dos netos, esse equilíbrio foi alterado. Meire ficou o tempo todo mostrando tristeza por não ter o neto junto a si. Fez a sua parte sempre cabisbaixa e sem falar muito. Maria sorria muito e demonstrava prazer em estar ali, modelando junto ao neto. João assumiu o papel de diretor do trabalho, e novamente mostrou-se muito autoritário. Sua voz era a de um menino de sua idade, e seu falar vigoroso e impositivo. Houve alguns momentos em que as avós chamaram a sua atenção, pois ele não respeitava a vontade de ambas. Ele ficava aborrecido e mostrava nitidamente em seu semblante que não havia gostado.

5º Encontro: Um passeio



Maria



João

Maria - Quanta novidade! Hoje nós vamos pintar.

João - É, vó, eu já pintei com guache naquela Semana da Criança. Faz uma sujeirada.

Maria - É só tomar cuidado. Eu já vi você e a Ana pintando as lições de artes lá em casa. Eu vou pintar a coisa mais linda que vi no passeio, que é o meu neto querido.

João - Não, vó, arruma outra coisa. Eu não quero ser pintado.

Maria - Eu gosto tanto de você, deixa a vovó pintar você.

João - Tá bom.

Maria - E você, o que vai pintar?

João - Um carro da hora que eu imaginei para a gente passear.

Maria - Me ajude aqui (apontando para o papel). Como é que eu faço essa parte do rosto?

João - Eu falei, era melhor a senhora ter feito outra coisa. Faz assim, ó.

Maria - Agora vou pintar a camisa bem bonita e alegre que nem eu imaginei. Olha só como o meu neto está ficando lindo!

João - Olha lá heim, vó!

Maria - João, você deixou pingar um pouco de tinta azul no retrato que estou fazendo.

João - Agora estragou tudo. Este retrato não sou eu.

Maria - Vou limpar com papel. Olha só, borrou um pouquinho.

João - Esse aí não sou eu, já disse. Eu fiz um carro na estrada com uma nuvem e o sol. Assim que eu imaginei um passeio com a minha avó.

Maria - Eu fiz o retrato do meu neto querido, tá certo que ele deu uma ajudinha e também que ficou com um borrão, mas ficou bacana.

No encontro, trabalhar com tinta guache foi mais fácil do que com massa de modelar. João possuía experiência de trabalhos na escola e Maria conhecia o material de vista. Ambos demonstraram familiaridade com as tintas e pincéis. João ficou contrariado quando a avó disse que iria pintar o seu retrato. Creio que isso interferiu em sua pintura. Ele praticamente rabiscou com os pincéis e não demonstrou o capricho que teve em trabalhos anteriores. Contrariando seu hábito, não representou a avó em sua pintura. Maria ficou chateada quando João deixou cair um pingo de tinta azul em sua pintura. Ela tentou limpar, mas ficou um borrão. João ajudou a avó a desenhar o rosto.

No decorrer deste trabalho houve um pouco de controvérsia. Maria queria fazer o retrato do neto e ele não queria que ela o fizesse. Isso talvez tenha interferido emocionalmente em João, e ele tenha feito uma pintura um pouco mais infantil do que usualmente ele faz. Pareceu que ele, ao ser contrariado, estava pintando de qualquer jeito, provavelmente para chamar a atenção da avó. Em seu trabalho percebe-se esse comportamento pela falta de detalhes e por alguns borrões que

aconteceram. Ele mostrou-se displicente nesse dia. Maria ficou um pouco intimidada com a negativa do neto em aceitar a sua pintura como retrato dele. Ela procurou, sempre, ter o maior cuidado e o maior capricho no manuseio das tintas, e quando João deixou cair a tinta azul sobre ele, ocasionando um borrão inesperado, ela mudou sua fisionomia e mostrou um certo ar de tristeza. Ao tentar limpar o retrato, Maria sorria e fazia brincadeiras procurando amenizar o clima que se formara entre ela e o neto. João reagia com certa indiferença e até era um pouco indelicado com a avó.

Quando indivíduos de gerações diferentes convivem em um mesmo instante e em uma mesma ação, as experiências guardam as histórias de vida de cada um. As articulações entre as histórias podem gerar conhecimento que agrega valor aos indivíduos envolvidos, e o que é chamado de conflito. Nesses encontros, acreditamos que o cunho cultural a que estão submetidos os indivíduos desempenha papel importante na relação.

No final do encontro saíram abraçados, o que significa que um perdoou o outro quanto à escolha de Maria e à tinta que João deixou cair.

6º Encontro: Reciclagem



Maria e João

João - Quanto desenho.

Meire - A gente vai recortar?

Maria - Acho que é para tirar idéia.

Felipe - É para jogar fora.

Meire - O que é isso, menino?!

Felipe - Brincadeira, vó.

Maria - Olha só que casinha bonitinha.

Meire - Pode colar quase na beirada.

João - Achei uma flor. Só que é grandona.

Felipe - Tem cada desenho ruim, eu faço melhor.

Meire - Não reclama, procura aí, ajuda nós.

Maria - Olha essa árvore.

Felipe - Achei esse carro que parece um trem.

João - É um Fiat velho.

Meire - Cola ele aqui (apontando o lugar), e a árvore fica bem aqui.

João - Precisa pôr uma nuvem.

Maria - Então procura aí nas pinturas.

João - Não achei nenhuma legal, vou recortar deste céu azul.

Felipe - Eu vou recortar uns passarinhos.

Meire - E a grama, vai ter? Como vai ser?

Maria - Recorta assim ó. (mostra como recortar em zigue zague).

Felipe - Olha, fiz um caminho que vai até a casa.

Maria - Acho que já está bom, bem cheio de coisas, a gente pode parar.

Meire - Eu também acho.

João - Só mais esta grama.

Meire - Eu gostei, lembrei da minha casa quando era pequena.

Maria - Essa flor ficou do tamanho de uma árvore, mas gostei mesmo assim. É uma paisagem linda.

João - É uma pintura, vó. Eu gostei de trabalhar nós quatro.

Felipe - Eu prefiro pintar, recortar é chato.

Foi intencional a proposta dos quatro trabalharem juntos. Para eles, uma surpresa. As avós e os netos estavam acostumados a trabalhar em duplas, e foi bem vinda essa atividade que os integrava em um resultado obtido a oito mãos.

No começo, todos tiveram cuidado para não interferir muito no que os outros estavam fazendo. Mas com o passar do tempo foram adotando a idéia do fazer coletivo, e a ação se tornou mais efetiva e a nosso ver mais prazerosa. Meire, como sempre, estava um pouco desajeitada com a quantidade de pinturas no qual procurar elementos para a colagem. Maria, mais a vontade, procurava e separava o que achava que servia. João, reservado, repetia o procedimento da avó. Já Felipe, ousado, discutia o que achava e tentava convencer todos de que eram os melhores para a colagem.

Os quatro trabalharam em harmonia e sempre ajudando o outro. Felipe é o mais crítico dos quatro. João, de vez em quando cerra o cenho e murmura palavras entredentes, mas é um menino que colabora e está sempre procurando agradar à avó. Meire, creio, por não ter cursado a escola, mostra timidez no que se refere ao manuseio dos materiais apresentados e nas sugestões para a confecção dos trabalhos. Ela nem sempre aceita o que sugerem e termina por fazer as coisas do seu jeito. Maria é mais segura em suas opiniões. Discute com boa capacidade de argumentação e participa das atividades sempre com um sorriso e uma palavra de estímulo.

Cada etapa do processo é importante: o antes, o durante e o depois. “O processo de construção simbólica é considerado como uma aventura contínua” (PAIN e JARREAU, 1996, p. 21). As transformações que os materiais expressivos sofrem pela ação do sujeito, cor dos lápis que fazem surgir formas, tintas que se transformam em imagem, argila que se transforma em objeto etc., são como espelhos refletindo as vivências particulares do sujeito. Envolvido consigo mesmo, os materiais e as possibilidades expressivas que se apresentam no momento, o sujeito pode experimentar em seu pensar, sentir e querer uma força dinamizadora que muitas vezes o surpreende.

Ciornai resalta

Tanto na arte quanto na terapia manifesta-se a capacidade humana de perceber, figurar e reconfigurar suas relações consigo, com os outros e com o mundo, retirando a experiência humana da corrente rotineira e por vezes automática do cotidiano, colocando-a sob luzes novas e estabelecendo novas relações entre seus elementos, misturando o velho com o novo, o conhecido com o sonhado, o temido com o vislumbrado, trazendo assim novas integrações, possibilidades e crescimento. (2004, p.36).

7º Encontro: Harmonia



Maria e João

João - Cada desenho legal. É para a gente pintar?

Maria - É claro, mas, antes acho que a gente tem que fazer o relaxamento.

João - Vamos pegar este com o homenzinho no meio?

Maria - Está bem. Quais as cores que combinam mais?

João - Eu acho verde, amarelo, azul e branco, as cores da bandeira.

Maria - Precisa colocar mais cores para ficar mais alegre. Vamos pegar marrom, o vermelho e essa amarela.

João - E o laranja para ficar um arco-íris.

Maria - Eu vou pintar essas partes aqui, deixa eu marcar com um risquinho.

João - Não vai marcar todos, deixa uns para mim também. Eu já vou dividir as cores.

Maria - Pinta com cuidado para não ficar feio, nem borrado.

João - A senhora também.

Maria - Ficou muito lindo, podia pôr uma moldura e pendurar na parede.

João - É mesmo. Viva eu e a minha avó!

Desta vez, mostramos primeiramente os vários desenhos das mandalas e falamos que escolheriam um para pintar em conjunto, avó e neto. Depois de uma rápida olhada, os deixamos de lado e fizemos o relaxamento, exercício que deixa o corpo confortável.

João, assim que bateu os olhos no desenho com a figura do homem no centro, gostou dela e imediatamente sugeriu para a avó que o pintassem. A avó prontamente aceitou e os dois começaram a separar os lápis de cor, que para eles eram harmônicos. João pensou primeiramente nas cores da bandeira nacional, depois com os lápis separados pela avó, no arco-íris, embora o marrom não faça parte. Maria marcou alguns espaços para pintar fazendo risquinhos com as cores escolhidas. João procedeu da mesma forma. Cada um pintava dois ou três espaços e passava o desenho para o outro. Enquanto um pintava, o outro descansava e observava a pintura da outra dupla.

Quando terminaram de colorir a mandala, um sorriu para o outro e se parabenizaram por terem feito trabalho tão bonito.

Procuramos, ao oferecer desenhos de mandalas, fixar o foco do fazer artístico em um ponto para observarmos como se desenvolve a relação avó - neto, em um trabalho compartilhado em um espaço pequeno e que demanda organização e liderança.

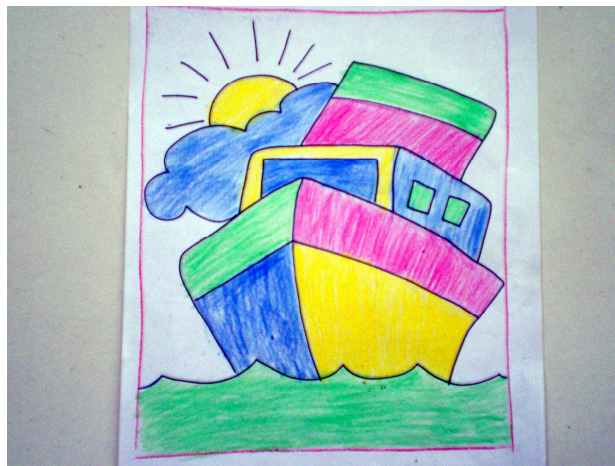
Os desenhos têm 15cm X 15cm. A divisão do trabalho entre os dois não apresentou conflitos. A forma como os espaços a serem coloridos foram definidos mostra entendimento e respeito mútuos, e não forma autoritária ou rebelde de relacionamento.

Para Maria, o envelhecimento como processo físico a afasta do vigor da juventude, a torna mais lenta, com menos desenvoltura e destreza de outrora. “Esse envelhecimento é o lento - na maioria das vezes - processo de invasão da vida pelas diversas faces da morte” (PONDÉ, 2003, p. 33). Como processo emocional lhe propicia

maior possibilidade de reflexão, centramento emocional e acolhimento. Para seu neto, adolescente, estar nessa fase da vida é ser perpassado por contradições, inseguranças, agressividades, carências, ao mesmo tempo por afirmações, romantismo e preocupações com seus semelhantes, parentes ou não.

Observamos, na pintura, que as cores distribuídas quase simetricamente no desenho nos mostram equilíbrio na relação. Houve predominância de cores mais vivas entre as escolhidas. Os detalhes nos levam a pensar que o relacionamento avó - neto se dá de forma agradável e respeitosa acolhedora por parte dos dois, na realização de tarefas conjuntas, e nos afazeres do dia-a-dia.

8º Encontro: Desafio



Maria e João

Maria - Vamos pintar de novo. Esses desenhos são como aqueles do primeiro ano.

João - Eu acho chato pintar esse tipo de desenho.

Maria - João, tem o desenho do barquinho, da moça, do trem, da pintura da moça de peito grande (desenho da Tarsila do Amaral) e da menina. Qual você quer?

João - O do barquinho.

Maria - Então vamos escolher quatro cores para pintar o barquinho. Pode começar a pintar, preste atenção para não encontrar as cores.

João - Deixa eu pensar. Vou começar pela chaminé, que é mais fácil.

Maria - Agora deixa eu ver. Vou continuar pintando a chaminé. Olha, João, (indicando) pinta aqui da outra cor, que eu acho que vai dar certo.

João - Isso, vó, agora a senhora pinta (indicando) aqui da cor que falta e pronto.

Maria - Viu como se pinta? É só usar a inteligência. Uma janela é azul e as outras são verdes.

João - Agora o casco é molezinha.

Maria - Pensa bem para poder pintar o mar de verde.

João - Viu só, não falei que era molezinha? A senhora, então, pinta a nuvem de azul e o sol de amarelo.

Maria - Esse meu neto é muito inteligente. O céu vai ter que ficar branco porque senão as cores vão se encontrar. Mesmo assim ficou bem bacana a pintura. Já pensou, João, nós dois viajando em um barco assim?

João - Nós dando a volta ao mundo, a senhora, eu, minha irmã Ana e a mãe. Ia ser muito legal.

Maria - Quem sabe um dia a gente ganha na loteria e aí...?!

João - A senhora não joga!

A proposta exigia atenção e raciocínio para ser executada. A preocupação com a distribuição das cores apareceu realmente quando a pintura atingiu a metade do barco. Como pintar os espaços restantes para que o mar fosse verde? Houve pequena discussão entre avó e neto, que foram posicionando os lápis de cor nos espaços do desenho até encontrar solução que os satisfizesse. A nuvem azul e o sol amarelo aconteceram como consequência das partes pintadas anteriormente, mais por 'sorte' do que por elaboração.

O céu do desenho deveria ser pintado também, mas por um ligeiro descuido o espaço do céu ficou em contato com as quatro cores, o que impossibilitou sua pintura.

A preocupação no encontro era observar como se dá o relacionamento avó - neto em uma situação que exige não só habilidade motora como também habilidade mental.

Depois de escolhidas as quatro cores, o neto já queria começar a pintar. A avó apartou e mostrou que era preciso pensar primeiro o que pintar para a proposta ser cumprida. Ao perceber que a avó tinha razão o neto se colocou sob seu direcionamento, parando para pensar com ela quando necessário.

O ímpeto da idade se refletia na forma de pintar: queria acabar logo a pintura do desenho para ver se venceria o desafio. A maturidade da avó era o meio ponderador que analisava e coordenava a ação. Em conjunto, os dois conseguiram praticamente superar o desafio proposto, pois só faltou pintarem o espaço que representa o céu.

Em um relacionamento no qual existe troca de experiência e permuta de ensinamentos poderemos perceber que

Tais ensinamentos não se aprendem na escola, muito menos no dia-a-dia fragmentado da vida familiar, cadenciado por relógios, cansaços e velocidade, muita velocidade. (...) As lembranças, banhadas pela experiência de vida e pelo afeto, recompõem a arte (...) que não conhece cronômetro. Sem pressa, a cultura oral, fundada no ato de conversar, produz e preserva muita sabedoria, revelando, a quem sabe ouvir, o 'lado épico da verdade'. (OLIVEIRA, 1999, p. 21).

O importante, neste encontro, foi observarmos o relacionamento ante uma situação inusitada, e como esse relacionamento permitiu encontrar soluções propícias e agradáveis para ambos.

Meire e Felipe

1º Encontro: Cooperação



Meire



Felipe



Meire e Felipe

Meire - Eu só estudei a cartilha do ABC. Quando eu tinha 16 anos, meu tio quis me levar para o Rio de Janeiro com minhas primas para estudar, eu morava em Patos, Paraíba. Aí eu falei para ele que queria me casar e não fui para o Rio, me arrependo de não ter ido. Hoje minhas primas são formadas, advogadas. Moro há trinta anos em São Paulo, e nunca fui para a escola, tinha muito que fazer, cuidar dos filhos e da casa. Tive sete filhos e hoje tenho doze netos e três bisnetos. Não dá mais para estudar porque as pernas não ajudam, elas doem muito e eu não consigo ir todos os dias para a escola. Quanto ao desenho, para mim ficou parecendo uma paisagenzinha, só isso.

Felipe - Eu quis desenhar o que o professor de artes ensinou, 'tirar racha na rua', eu só não coloquei 'tirar racha' porque ia ficar feio. Foi bom.

Meire - Eu me senti muito bem, muito bem mesmo de desenhar ao lado do meu neto, até relaxou um pouco. Gostei muito.

Felipe - Eu também gostei muito.

Meire - Foi uma emoção muito alegre e com muita paz.

Felipe - Para mim foi uma alegria.

Nos relatos de Meire e Felipe, especialmente nas falas de Meire a respeito de sua história de vida, observa-se que, intermediadas pelo fazer artístico, há

fluidez e consciência de sua vida passada e de sua vida atual como possível consequência de toda a vivência até então.

Segundo Ciornai (2004, p. 55), para a arteterapia “a criatividade tem suas raízes na concepção existencial de ser humano na qual este é considerado como possível artista de si, alquimista de sua existência”. Considerando o sujeito como autor de sua história de vida, aquele que detém o conhecimento mais íntimo de si e o poder de alterar sua trajetória existencial, o trabalho em arteterapia, em primeiro lugar, procura oferecer-lhe a possibilidade de se relacionar com seus medos, angústias, alegrias e necessidades íntimas, de forma não agressiva. Em segundo lugar, auxilia esse sujeito no diálogo consigo mesmo, visando à ampliação de seu conhecimento interno e consequente melhora na qualidade de vida.

Do mesmo modo como conversamos com Maria e João também percebemos tensão inicial que foi se desfazendo com o andamento das atividades que se iniciaram com o relaxamento.

Meire escolheu canetas hidrográficas e Felipe lápis de cor. Meire, enquanto experimentava as canetas, falava de sua experiência de vida como adolescente e estudante. Não sabia desenhar e nem pegar no lápis. Seu neto Felipe a ajudou e deu algumas idéias, que ela foi seguindo. Ao ouvir que não se preocupasse com o desenho, e sim em deixar a imaginação solta, relaxou e começou a dar forma a seu desenho. A partir dos riscos e rabiscos que havia feito para experimentar as canetas hidrográficas, desenhou um leque. Felipe não falava nada, estava compenetrado em seu desenho: uma estrada em perspectiva que atravessava um campo.

No jogo do rabisco, Meire estava tímida, e várias vezes Felipe sentiu necessidade de interferir, de forma autoritária, e reforçar o risco feito pela avó. Fizeram apenas traços retilíneos que começaram margeando a folha e foram se direcionando para o centro em espiral. Ao visualizarem figuras nos rabiscos, imaginaram flores em um vaso. De comum acordo, pintaram um rio, grama, nuvens, e quando menos esperavam surgiram ao fundo duas montanhas. Nessa atividade Felipe mostrou para a avó como usar os lápis de cor e pintar os espaços sem sair dos limites. Mesmo

auxiliando a avó em alguns momentos, a interferência de Felipe nos rabiscos da avó, é momento do afã da idade, no calor dos acontecimentos. Os jovens, às vezes, têm a visão toldada e não percebem com clareza o futuro que os aguarda. Não conseguem aquilatar e apreender o valor do manancial de informações representado pela experiência dos velhos. Não percebem que

Se as gerações são continuamente construídas, desconstruídas e reconstruídas, a relação entre elas está sendo sempre refeita. Novas relações, por sua vez, determinam novos comportamentos das gerações, num movimento dialético de retroalimentação permanente. (FERRIGNO, 2003, p. 45).

Houve o acolhimento de Meire por parte de Felipe, que auxiliou e ensinou a avó como utilizar os lápis de cor e as canetas hidrográficas. Em nenhum momento demonstrou irritação ou falta de paciência. Apenas direcionou um pouco a ação da avó e, como já dissemos, de forma autoritária. Ela aceitou tudo de bom grado e com amorosidade.

No final do encontro, Felipe pediu-nos para segurar o desenho ao longe, para ele e a avó o observarem. Ficaram uns minutos em silêncio. Nesse intervalo de tempo notamos um sorriso em seus lábios.

2º Encontro: Reencontro



Pedro



Paulo



Meire



Felipe

Meire – Eu imaginei um caminho, como se fosse um bosque cheio de flores, com uma árvore com o tronco bem grosso e bem redondinho, com bastantes folhas, como a que eu vi quando fui passear lá no Ceará. Imaginei também um sol e nuvens. Eu fiz uma árvore que eu conheço e senti muita alegria quando eu abracei ela. Senti muitas coisas boas porque a árvore é coisa da natureza. Me lembrei de quando era criança, eu brincava muito embaixo das árvores, de boneca, de casinha... Não fui muito de subir nas árvores porque sempre tive medo de altura. Eu senti muita paz fazendo este desenho.

Felipe – Eu fui andando por um caminho e encontrei uma árvore que dá maçãs. Peguei e comi uma maçã e fui embora. Eu senti alegria.

Pedro – Eu fiz uma árvore grande com um buraco de pica-pau nela. Foi muito legal.

Paulo – Eu também fiz uma árvore grande, cheia de laranjas. Achei bom porque a gente fica mais tranqüilo fazendo desenho.

Meire trouxe para o encontro outros dois netos além de Felipe: Pedro e Paulo.

Foram quatro participantes interagindo na oficina. Feita a visualização da respectiva árvore interna de cada um, iniciaram os desenhos. Meire furtivamente buscava inspiração no desenho de seu neto Felipe. Olhava também os desenhos de Pedro e Paulo, mas como o desenho de ambos apresentava um grau maior de complexidade, limitou-se ao desenho de Felipe.

Pedro e Paulo são gêmeos e ficaram muito absortos durante a realização do desenho da árvore, sem prestar muita atenção no entorno, em Meire ou Felipe. A avó era cuidada por Felipe, enquanto fazia seu desenho. Ele, algumas vezes, interferiu no desenho da avó, mostrando como poderia obter determinado efeito com os lápis; desenhar nuvens, por exemplo.

Meire falava muito dos netos gêmeos, elogiando-os e comentando a gestação da mãe, aproveitamento na escola, beleza física etc. Foi preciso perguntar sobre Felipe para falar que é um menino forte, comilão, e que nunca ficou doente.

Chamou-nos a atenção o modo como Meire trata os netos. Todos têm a mesma idade, e parece que Meire tem atenção diferenciada. Os gêmeos eram lindos quando nasceram, Felipe era comilão; os gêmeos desenhavam que é uma maravilha, Felipe precisa melhorar a letra.

No relacionamento entre os quatro, observado no encontro, os gêmeos voltaram-se para suas árvores e entre eles havia um clima de competição para ver quem fazia o melhor desenho. Os desenhos eram muito semelhantes, e as diferenças limitaram-se ao sombreado e à especificidade de cada árvore: uma tinha buraco de pica-pau e a outra, laranjas. Envolvidos no clima não se preocuparam em oferecer um acolhimento para a avó. A avó ficou só, ela e o desenho. Felipe a acolheu e a ajudou em suas dificuldades.

Conforme o jogo de poder e autoridade que se estabelece entre os participantes em um relacionamento intergeracional, há em proporção direta o conflito ou o acolhimento. Para Pereira,

Os adolescentes não se desenvolvem num vácuo. Eles se desenvolvem inseridos nos múltiplos contextos de suas famílias, comunidades e países. Eles são influenciados pelos pares, pelos parentes e por outros adultos com os quais têm contato, bem como pelas organizações religiosas e pela escola. Eles também são influenciados pela mídia, pelas culturas nas quais cresceram e pelos eventos globais. Eles são parcialmente um produto das influências ambientais e sociais. (2005, p. 26).

Percebemos um ponto de tensão que pode vir a ser no futuro elemento desencadeador de conflitos entre os netos e a avó: o modo como a avó considera os netos e os trata fazendo comparações. Uns são bons e os outros nem tanto; uns servem de exemplo para outros.

3º Encontro: Dia-a-dia



Meire e Felipe

Meire - Acho que hoje eu não vou fazer nada porque o Felipe foi embora. Esse menino me deixa doida. Já cheguei aqui e a diretora me chamou para falar do comportamento do Felipe, ele não tem jeito mesmo, eu fico muito aborrecida, acho que vou embora, não vou ficar aqui sozinha. O Felipe estava aqui na escola e não sei porque ele foi embora, precisava segurar ele para não fugir. Vou fazer o trabalho sozinha. Achei esta figura de gente fazendo comida, é o que eu faço o dia inteiro. Sabe? Eu sirvo marmitex para o povo.

Felipe - Oi, vó! Cheguei, fui em casa trocar de camisa. O que é para fazer hoje?

Meire - Como você deixa sua avó aqui, assim, sozinha?

Felipe - Eu fui só trocar de camisa e não demorei nada. Vamos começar logo isso.

Meire - Neste trabalho (apontando para as fotos), eu coloquei fotos que representam minha família, meus filhos e netos. Coloquei, também, as fotos dos prédios que ficam perto de onde a gente mora, do carro da minha filha e da bicicleta do Felipe. Esta foto

do anjinho é a minha netinha mais novinha, e tem a natureza também. Esta daqui da 'bomba' com a fita que representa o Brasil é porque nós somos mais fortes do que ela.

Felipe - Eu coloquei o jogo de futebol que eu gosto e coloquei eu beijando minha namorada. O velho careca é o meu avô.

Meire - Ficou bom, não é? Ficou um quadro de família. Foi gostoso, e eu estou feliz com o meu trabalho e com o meu neto.

Felipe - A senhora colou um prédio torto, quase estragou tudo.

Meire se preocupa com o neto, mas não possui uma voz ativa. Esse encontro, particularmente para Meire e Felipe, foi significativo no que tange ao relacionamento entre avó e neto. Nesse dia Felipe se atrasou para o encontro. Ele, que fica para os encontros após as aulas, foi embora no término do período letivo, sem avisar que voltaria, o que deixou sua avó preocupada e desmotivada para realizar o trabalho proposto no encontro.

Meire começou a colagem sozinha. Estava muito chateada por ter sido chamada pela diretora da escola para conversar sobre o comportamento que Felipe apresenta durante as aulas.

Soubemos, por meio de conversa com a diretora da escola, que Felipe apresenta comportamento inadequado na escola, desrespeitando os professores e funcionários e questionando as regras.

Para se compreender o porquê do comportamento adolescente, primeiramente é necessário vermos quais são e como se processam as mudanças que transformam o corpo infantil no corpo adulto. Dão origem a um novo corpo e a um novo modo de ver as coisas, sentir, pensar e se relacionar. Para Pereira, o desenvolvimento sofrido pelo homem durante a adolescência "é um processo descontínuo, que segue uma direção orientada para a maturidade. É também um processo de transição, de interação entre o organismo e o ambiente, portanto, modificável pela experiência" (2005, p. 5).

Vivenciar esse processo é doloroso de certa forma. Ver-se perdendo o corpo ao qual se estava acostumado, ver além do simplesmente olhar, e experimentar sensações e emoções diferenciadas das percebidas propiciam, segundo Pereira (2005, p. 8), “a aparição de uma crise psicológica, decorrente de uma situação pessoal que surge quando estruturas de adaptação e de defesa bem experimentadas deixam de ser adequadas à assimilação de novas exigências.”

Essas mudanças levam os adolescentes a um comportamento de questionamento dos princípios culturais da sociedade, religião, política e da família da qual fazem parte. Schramm, assinala:

Os jovens são muito vulneráveis às manifestações de condutas auto e heterodestrutivas, pois têm que dar conta tanto das forças sexuais e agressivas que o invadem no seu mundo interno, como das forças da sociedade e da cultura à qual pertence e com as quais têm que interagir (2004, p.27).

Surgem os confrontos e discussões com os pais e o questionamento da autoridade instituída, quer na figura dos pais, professores ou idosos.

Maria, que está no mesmo grupo de trabalho que Meire, a convenceu a ficar e aproveitar o momento para relaxar. Depois da atividade, iriam embora juntas. Ela só não foi embora porque Maria interferiu. Meire aceitou ficar e começou a folhear as revistas. Quando encontrou uma foto de cozinheiras trabalhando, ficou mais contente, pois achara a imagem que representava o seu dia-a-dia.

Depois de uns quinze minutos Felipe chegou ofegante, dizendo que tinha ido em casa trocar de camisa. Foi logo perguntando o que era para fazer, e sem se importar com o que a avó dizia sobre o encontro com a diretora, foi logo pegando as revistas e recortando as fotos que achava úteis para a colagem.

A avó tentou chamar sua atenção e ele se irritou, levantou a voz e disse: Vamos fazer este trabalho logo e depois conversamos sobre isto. A avó aceitou e eles continuaram procurando as fotos que poderiam representar a família, o lugar onde

moram e o seu cotidiano. Quando foram colar as fotos, Felipe novamente se irritou porque a avó colou a foto de um prédio de lado. Ele virou-se para ela e em um tom sarcástico disse que ela tinha colado ‘errado’ a foto, e que ela quase tinha estragado tudo. Depois disso, pegou uma caneta e escreveu algumas legendas na colagem. Deu um título para a colagem: “Trabalho da vovó”. Essa atitude nos pareceu um pedido de desculpas pela preocupação que causou.

Sem a motivação, que é o seu neto, Meire começou displicentemente a folhear as revistas que estavam à disposição. Apática, recortou uma foto de duas cozinheiras trabalhando para representá-la em seu trabalho cotidiano. Esse afazer de Meire não deve surpreender, pois é o exemplo vivo do que Peixoto (2004, p. 60-63) fala sobre a aposentadoria no Brasil:

Para um bom número de brasileiros, a aposentadoria não significa o fim de uma atividade profissional e o início do uso do tempo livre. Ao contrário, ela é uma forma de reconversão, pois no Brasil a aposentadoria não representa uma ruptura definitiva com a vida ativa, uma vez que o benefício recebido não é suficiente para sobreviver. (...) Com aposentadorias precárias e níveis escolares muito baixos, a maioria (...) exerce pequenas atividades ou trabalha no mercado informal.

Com a chegada de Felipe ela se animou. Com a irritação que Felipe demonstrou, Meire tentou responder à altura, porém ele levantou mais ainda a voz e ela se calou. Essa atitude, tanto de Felipe quanto de Meire, denota que há um poder em xeque. O neto tentando se impor pela força e a avó tentando dobrar a impetuosidade com afeto. Fica patente quando ela fala:- “Foi gostoso, e eu estou feliz com o meu trabalho e com o meu neto.”

Outro ponto a ser considerado é o fato de Felipe ter escrito na folha da colagem ‘Trabalho da Vovó’, o que demonstra, apesar dos confrontos, que ele gosta e procura agradar a avó.

Significativa foi a constatação de um comportamento tipicamente adolescente, agressivo, em contraste com o comportamento de um idoso, que acolhe e demonstra amor, apesar de se sentir desconfortável ao vivenciar o conflito.

4º Encontro: A natureza

O relato encontra-se no relato do 4º encontro de Maria e João.

5º Encontro: Um passeio



Meire



Felipe

Felipe – Hoje é guache! Eu gosto de pintar com guache.

Meire - Eu nunca usei essa tinta, eu só pinto as paredes lá de casa, eu ajudo o meu marido.

Felipe – Aqui é melhor, a senhora vai ver só.

Meire – Mas o que eu vou pintar?

Felipe – Faz umas flores, faz de conta que no passeio a senhora viu muitas flores.

Meire – E você, o que vai fazer? Uma bicicleta?

Felipe – Acho que não. Acho que vou fazer alguma coisa diferente.

Meire - O que você imaginou no passeio?

Felipe – Eu imaginei que estava na lua. Vou fazer um foguete para levar a gente lá para as estrelas.

Meire – Você quer levar sua avó para a lua?

Felipe – A senhora e o vô.

Meire – Está bom esta pintura assim?

Felipe – Agora pinta misturando as cores.

Meire – Ficaram bonitinhas essas flores, não é? Tá vendo, a avó aprende rápido. (risos).

Felipe - Vou pôr meu nome no foguete.

Meire - Eu gostei de usar o guache, é bom estar aqui aprendendo com o meu neto.

Felipe - Eu fiz um foguete e o céu cheio de estrelas. É gostoso pintar com guache.

Quando Felipe diz: “eu imaginei que estava na lua. Vou fazer um foguete para levar a gente lá para as estrelas”, se permite um passeio pelo imaginário. Ele se vê como senhor de uma situação. É o construtor do foguete e seu piloto, os avós são convidados. Torna-se, neste mundo, o guardião dos avós e se sente responsável por eles.

Ponderando, Ciornai diz:

Ao contrário da linguagem verbal, que é socialmente compartilhada, a linguagem da arte ajuda o desenvolvimento da individualidade e do sentido da singularidade, pois na arte cada criança, cada pessoa, têm a possibilidade de desenvolver uma linguagem expressiva própria, única e singular, que reflita não só sua personalidade, mas também seu modo de perceber o mundo a seu redor. (2004, p. 79).

Mesmo se mostrando rebelde e algumas vezes agressivo, Felipe pensa nos avós com carinho, e a seu modo procura protegê-los, demonstrando que apesar dos conflitos da idade é um menino sensível.

Felipe, neste trabalho, estava de bom humor. Ensinou a avó a utilizar a tinta guache, pegar no pincel e misturar as cores. Ele cantarolava com a avó as músicas de fundo. Não fez cara feia em nenhum momento, nem se irritou com a falta de jeito da avó. Felipe nos mostra a face agradável do jovem rebelde. São faces da juventude “presentes tanto positivamente quanto negativamente no nosso imaginário, dependendo da situação social e do momento histórico” (BARROS, 2004, p. 16).

Meire, a princípio, estava tímida e não se mostrava à vontade em manusear esse tipo de material. Fez a pintura muito devagar e se concentrou bastante para que o resultado fosse agradável. Aceitou de bom grado o auxílio do neto e o agradeceu.

Ela ficou contente com o resultado. Pintou flores, o sol em um canto do papel e uma nuvem acima das flores.

Observamos que estava relutante quanto ao uso do material oferecido para se expressar. Aos poucos, demonstrando interesse e dedicação em aprender algo novo (- eu nunca usei essa tinta, eu só pinto as paredes lá de casa, eu ajudo o meu marido), foi descobrindo possibilidades que a deixaram contente e satisfeita. Mostra que conserva a sua ousadia. Segundo Mercadante (2004, p. 198), é exemplo, pois “a velhice não é uma situação homogênea e os velhos não são iguais. (...) Alguns velhos podem ser até parecidos, mas não apresentam todos os predicados do modelo da velhice: declinante, feio, impotente, improdutivo, ranzinza, gagá, etc.”

Nesse dia, o bom humor de Felipe fez com que o andamento do seu trabalho, e o de sua avó tivesse harmonia e transcorresse em clima de tranquilidade e cooperação.

As flores pintadas por Meire demonstram alegria, o foguete de Felipe nos remete a um transporte, em que o importante é o seu nome escrito em letras bem grandes, e se desloca em um céu cheio de estrelas. Não será desejo secreto do menino? Ser famoso e uma das estrelas no futuro?

Ele demonstrou carinho todo especial ao ensinar a avó a pintar com guache.

Observamos que viveram momentos de afeição e acolhimento mútuo.

6º Encontro: Reciclagem

O relato encontra-se no relato do 6º encontro de Maria e João.

7º Encontro: Harmonia



Meire e Felipe

Meire - Esses desenhos parecem umas flores.

Felipe - Então pega esse daqui (mostrando para a avó), que parece uma flor daquelas que a senhora gosta.

Meire - É o girassol, eu adoro girassol, é muito linda, grandona.

Felipe - A senhora pode descansar, deixa que eu pinto rapidinho.

Meire - Não, menino, tem que ser nós dois. Vamos separar as cores que nós vamos usar.

Felipe - Vamos pintar uma folha de cada cor para ficar bem bonito para a minha avó.

Meire - Vamos fazer como a Maria e o João: vamos marcar o que eu vou pintar e o que você vai pintar.

Felipe - Está bom, então começa você, vó.

Meire - ah, vó, vai devagar, eu vou pintar com esses lápis aqui (azul, verde e amarelo), que são as cores da bandeira, não é, João?

Felipe - Deixa de falar e pinta logo.

Meire - Menino! Mais respeito com sua avó.

Felipe - Pinta no meio de amarelo.

Meire - (apontando para o centro) aqui?

Felipe - (irritado) não! (apontando o lugar) É aqui, ó.

Meire - Pronto, já terminei a minha parte.

Felipe - Então dá aqui, deixa eu terminar logo com isso.

Meire - Não vai estragar o desenho, viu?

Felipe - (muxoxo).

Meire - Ficou bonita a nossa flor.

Felipe - É, ficou legal, toda colorida.

Meire - Que eu e meu neto querido fizemos.

O clima que permeou o fazer artístico de Meire e Felipe foi de confronto explícito. Em certos momentos houve embate mais árduo. Ciornai assinala:

O terapeuta estará sempre atento à presença e ao comportamento (verbal ou não verbal) do cliente, focalizando mais o “como” do que o “porquê”, ou seja, mais a qualidade da experiência descrita do que as explicações causais, e tanto o conteúdo como a forma (estruturas de frases, tom e ritmo da voz, gestos, olhar etc.) como esse conteúdo é comunicado. Atenção deve sempre ser dada a *como* alguém se move, toca, olha, fala, se comporta, se expressa, se relaciona; a *como* sente (como se entristece, se alegra, se desespera etc.); a *como* pensa (que padrões de processos cognitivos utiliza para processar e organizar informações); à *qualidade de contato* estabelecida *enquanto* este ocorre (com o terapeuta, consigo próprio, com o mundo, com os outros, com o próprio trabalho); e, também, ao modo como materiais, cores e formas são escolhidos e trabalhados. Deve-se dar atenção à qualidade da experiência em curso, isto é, a quando o processo de contato e expressão flui de maneira contínua e energizada e a quando se torna emperrado, desvitalizado ou interrompido. (2004, p. 42)

Dentro desta orientação nosso olhar cuidadoso e atento permitiu compreender um pouco mais o relacionamento entre neto e avó.

Meire e Felipe escolheram um desenho mais simples de pintar. Na realidade, a escolha foi de Felipe, e Meire a aceitou sem objeções. As cores que escolheram como harmônicas foram as do arco-íris, acrescidas do marrom e do branco. O fundo do desenho não foi pintado, ficando da cor do papel, branco. Felipe irritou-se no momento da avó começar a pintura, achando que ela estava demorando e que pintaria equivocadamente o centro da figura. Ela se impôs, chamando a atenção do neto. Ele respondeu baixinho com um muxoxo e algumas palavras ininteligíveis.

Presenciamos na pintura do desenho da mandala um possível conflito que ocorre, amiúde, quando há o relacionamento entre duas gerações. Para Pereira

(2005, p. 99), “o conflito de gerações, quando existe, está mais restrito àqueles grupos de pais que impõem limites a seus filhos de modo rígido, hostil e autoritário.” Foi o que aconteceu. Meire, impondo limites ao comportamento de Felipe, e ele retrucando de forma desaforada e desafiadora. Ao término da atividade, porém, estavam em paz e demonstraram terem gostado do trabalho feito a quatro mãos.

Avó e neto começaram a pintar o desenho pelo centro, o que gerou pequena divergência. Felipe, impacientemente e de modo brusco, apontou o lugar onde a avó deveria pintar. O laranja ao centro, rodeado pela cor amarela, sugere relacionamento respeitoso e tenso entre os dois. As pétalas coloridas mostram um viver cheio de nuances, permeado por bons e maus momentos, com afetos e conflitos. O rosa circundando o desenho representa o acolhimento que une neto e avó, apesar das diferentes opiniões que geram discussões entre os dois.

Observamos essas questões expressas pelo uso das cores, no fazer artístico, em que cada cor, ao ser pintada, era acompanhada de um sentimento e/ou emoção e de um modo característico.

No conflito ou na alegria, o modo de manusear os lápis, e a intensidade da pintura revelavam o instante emocional pelo qual cada um estava passando.

8º Encontro: Desafio



Meire e Felipe

Felipe – Desenho de novo. Parece que eu estou no primeiro ano.

Meire - Qual você vai querer?

Felipe - O do barquinho, é mais fácil de pintar e acabar logo.

Meire - Que cores nós vamos usar?

Felipe - Escolhe a senhora, qualquer uma está boa.

Meire - Então começa a pintar você.

Felipe - Está bom. Vou pintar essa daqui aqui, e essa outra aqui...

Meire - Vai devagar, menino, senão as cores vão se encontrar e vai sair tudo errado.

Deixa eu pintar um pouco.

Felipe - Pinta direito, vó, a senhora está pintando tudo torto, tudo riscado. Deixa eu mostrar como é que se pinta.

Meire - O nosso mar vai ter que ser azul, a gente não pegou o verde.

Felipe - Esse pedaço (apontando) vai ter que ficar branco, senão as cores vão se encontrar. Quem não prestou atenção para pintar aqui?

Meire - Viu só? É isso que dá querer fazer tudo com pressa; nós erramos a pintura, ficou um pedaço do barco sem pintar.

Felipe - Não faz mal, ficou bonito assim mesmo.

Meire - Ficou sim, só que meio errado. Dá para fazer um quadrinho para por no quarto de sua priminha. Se o Pedro e o Paulo estivessem aqui eles iriam pintar esse desenho certo.

Felipe - Mas eles não estão.

A atividade proporcionou um desafio e nos mostrou relacionamento tenso e pouco confortável para os participantes.

Desde o princípio, quando o neto reclama de que teria que pintar mais um desenho, até quando encerraram a pintura com alguns espaços em branco, ele queria acabar logo com a tarefa. Se pôs a pintar sem pensar muito; parecia que estava no primeiro ano colorindo um desenho como passatempo. A avó interveio e chamou a sua atenção para a proposta. Ele parou para pensar e pediu ajuda da avó. Após pintarem a chaminé do barco, foram marcando os espaços com pequenos risquinhos,

quase invisíveis, até completar o desenho todo. O menino, com pressa, descuidou-se e não percebeu uma parte da cabine do barco, que no fim da pintura ficou branca.

Evidenciam-se a intolerância e a necessidade de se fazer tudo no momento e na hora, marcante no adolescente, o que transforma as relações, em alguns momentos, em verdadeiros embates. Os mais velhos são afrontados como detentores de um saber que não serve como solução para a problemática do tempo em que vive o adolescente.

Com a atenção toda voltada para o barco e para o mar, avó e neto esqueceram que o céu fazia parte do desenho. Quando tentaram pintá-lo, não conseguiram. Duas partes de seu desenho ficaram sem colorir.

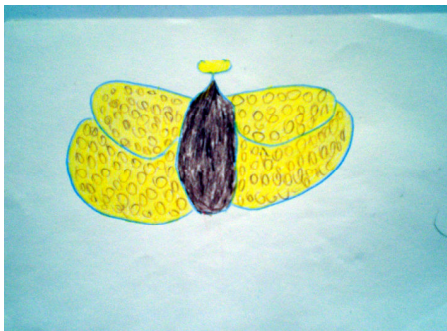
Nesta proposta na qual é necessário ter atenção e paciência, observamos que a predisposição para a execução de uma tarefa, supostamente repetitiva, pois faz lembrar a do encontro anterior, é de fundamental importância para se chegar a um final com um nível satisfatório de realização.

O neto, ao ver os desenhos, lembrou-se do seu primeiro ano de escola. Esse tipo de trabalho era (e ainda é) amplamente desenvolvido. A disposição mostrada indica que se acha acima da proposta do encontro, até por estar cursando a sexta série. Quer “acabar logo com isso”, e se ver “livre desse trabalho de criança”. Quando a avó mostra que não é pintando de qualquer maneira que completará a tarefa, as coisas mudam. Ele chama atenção da avó para pintar “direito” e não “riscado”, porém, a sua ansiedade cria situações na pintura que levam a tarefa a um fim inesperado, com algumas partes sem colorir.

E energia jovem, quando incontrolada, mesmo balizada pela vivência da maturidade, não produz resultados portadores de conhecimentos que permitem a evolução do saber, sem a necessidade de que a experiência seja refeita mais vezes.

Fábia, Sônia, Nádia e Luiza

1º Encontro: Cooperação



Fábia



Nádia



Sônia



Luiza

Fábia – Eu desenhei uma borboleta. O desenho é muito importante, por que eu acho que é que nem uma terapia para a cabeça. Eu gosto de desenhar, não desenho muito bem, mas, me sinto bem.

Nádia – Eu desenhei a natureza. Arco-íris, sol, montanhas, árvores, mar e passarinhos. É uma paisagem.

Sônia – Meu desenho não quer dizer nada, é abstrato, eu fui só usando os lápis e pintando.

Luiza – Eu fiz uma menina na água surfando. Está o maior sol.

Fábia – Amei fazer um trabalho, as quatro juntas.

Nádia – Em casa não dá para fazer junto, o tempo é corrido.

Sônia – Trabalhar com minha avó é muito bom, nunca imaginava trabalhar com ela na escola.

Luiza – Dou a maior força para ela voltar a estudar.

Fábia – o desenho que nós fizemos juntas parece uma paisagem, o riacho, a grama e as montanhas.

Pain-Jarreau fala sobre o significado do fazer artístico e da construção simbólica que ocorre em um encontro arteterapêutico:

O processo de construção simbólica é considerado como uma aventura contínua, onde as transformações sucessivas são mais importantes do que o resultado final. [...] Aqui a obra de arte em si não interessa, o centro de gravidade é o sujeito em busca da imagem, de significação. (2001, p.21)

A arteterapia vê, por essa perspectiva, o processo criativo como instrumento que, aliado ao fazer artístico, se apresenta como meio mediador entre o homem exterior, consciente, e o homem interior, inconsciente. Seu valor repousa, justamente, na possibilidade das inúmeras reflexões possíveis realizadas a partir dos trabalhos artísticos elaborados. Em Fábia: - “O desenho é muito importante, porque eu acho que é que nem uma terapia para a cabeça. Eu gosto de desenhar, não desenho muito bem, mas me sinto bem”, e em Sônia: - “Trabalhar com minha avó é muito bom”, constata-se que o trabalho com linguagens expressivas de forma arteterapêutica abre canal de comunicação. Allessandrini (1999, p. 24) nos mostra que “em arteterapia evocamos o valor e a abrangência que a arte tem sobre o ser humano: pensante, formador, construtor, sensível, consciente e intuitivo”.

Do mesmo modo que com as outras avós e netos, conversei com Fábia, avó de Nádia, Sônia e Luiza. Percebemos nelas, também, inibição que foi se desfazendo conforme as atividades eram realizadas.

Interessante observar elementos de uma mesma família, juntos, desenvolvendo atividades. É momento de encontro de personalidades que possuem

uma linha que os liga e dita comportamentos diferenciados de outros tipos de grupos. No entender de Barros (2004, p. 20) “a família apresenta-se, assim, como espaço onde se confrontam e se mesclam valores que privilegiam o indivíduo e aqueles que acentuam a importância do grupo social.”

Oferecidos os lápis de cor e os gizes de cera, elas conversaram e Fábria e Nádia escolheram lápis de cor, Sônia escolheu giz de cera e Luiza usou os dois para experimentar os materiais. Fábria não sabia desenhar. Por isso, no início olhou para os desenhos das netas e começou a desenhar uma borboleta.

As netas, como estão na escola e têm mais contato com os materiais oferecidos, são menos inibidas que a avó para experimentar o material escolhido. Mesmo assim, ficaram entre elas, comparando os desenhos.

De comum acordo, o jogo do rabisco foi iniciado pela avó, Fábria. Todas foram fazendo rabiscos após a avó, e depois de quatro rodadas começaram a visualizar as imagens surgindo dos rabiscos. Foi uma atividade em que todas cooperaram e conjuntamente decidiram o que seria pintado. Pintaram uma paisagem com um rio, grama e montanhas.

Nesse primeiro encontro houve inibição que acreditamos ser natural, motivada pela novidade da proposta. Fábria só sabia apontar os lápis usando o apontador. Apresentou dificuldades no manuseio dos lápis, no que foi auxiliada pelas netas, em especial Sônia, que mostrava como pegar no lápis para desenhar e como fazer para pintar. Nádia, Sônia e Luiza mostraram desenvoltura ao desenhar, conseguindo expressar o que estavam imaginando.

Apesar das brincadeiras e comparações, ninguém mandou ou dirigiu as atividades. Todas deram palpites, trocaram idéias e chegaram a consensos em relação ao que deveria ser feito durante o jogo do rabisco.

Oferecer a oportunidade de participar de um relacionamento, pelo fazer artístico, permite crescimento pessoal para o adolescente, que “tem sede de encontrar outros jovens ou adultos, pois necessita de novas incorporações de sentimentos, de

novas maneiras de pensar e de ser” (Clerget, 2004, p. 63) e para o velho, que pode oferecer e compartilhar sua experiência e vivência com uma vida que se inicia.

2º Encontro: Reencontro



Sonia



Fábía



Nádia

Fábía - Imaginei uma árvore bem grande, com um tronco grosso e muitas folhas. Para mim foi muito bom fazer este desenho, achei gostoso.

Nádia - Eu imaginei um caminho que ia até uma montanha que tinha uma árvore. Então desenhei o caminho até a montanha e a árvore. Tinha muitas flores no campo. Achei legal.

Sonia - Eu fiz uma árvore bem grande, um campo florido, uma montanha e um sol. Me desenhei porque achei muito gostoso fazer esse tipo de trabalho, de imaginar primeiro e depois desenhar.

Fábia, após a visualização, começou apontando os lápis de cor, pois era para poder “trabalhar sem parar.” Nádia lhe disse que ela deveria apontar o lápis conforme precisasse. Sônia balançava a cabeça, sem falar nada. Fábia fez o desenho de uma árvore que lembra um trabalho de filigrana. No decorrer do desenho começou a reclamar de dor na mão, por causa dos pequeninos detalhes da folhagem da árvore. Nádia se ofereceu para ajudá-la, mas ela recusou, dizendo que não era nada. Nádia então deu de ombros e voltou-se para o seu desenho. Algumas vezes Fábia massageou a mão com a qual desenhava e foi até o fim.

Com o avançar da idade começamos a nos aperceber que adentramos em um estágio da vida que podemos chamar de metamorfose. O corpo não apresenta a mesma flexibilidade; os cabelos vão perdendo a cor e ficando brancos; o odor do corpo apresenta mudanças; o vigor muitas vezes diminui e o tempo interno muda. As dificuldades psíquico-físico-motoras, entre outras, começam a se fazer presentes. Mas não é apenas o tempo ‘relogiado’, (marcado pelo relógio) que afeta; o tempo ‘vivido’ também está presente e é muito forte. Martins (1991, p. 16) reflete sobre a velhice: “É importante pensar que o tempo não é dimensão cronológica, medida em dias, meses e anos, mas sim um horizonte de possibilidades do ser”.

Nádia fazia o seu desenho, e de vez em quando dava uma olhada para os desenhos da avó e da prima. Pediu régua para fazer margens na folha; segundo ela deixa o desenho mais bonito.

Sônia usou giz de cera para desenhar e pintar sua árvore e sua paisagem. Ficou quieta desenvolvendo sua atividade, e sequer prestou atenção quando a avó reclamou da mão. Terminou o desenho antes das demais.

Luiza não estava presente. Precisou ficar em casa cuidando de um primo menor adoentado. Fábia, Nádia e Sônia, não são de falar muito. A conversa é muito entrecortada, monossilábica e gestual.

Pudemos perceber melhor como se dá o relacionamento entre elas, durante o desenvolvimento da atividade proposta. Não parece haver clima de competição entre as netas e entre elas e a avó, embora cada uma fique absorta em seu

fazer. Apenas quando todas terminam a atividade olham os trabalhos executados e tecem breves comentários: ‘ficou lindo’, ‘que bonito’, ou ‘que trabalhadeira’.

Houve momento de desconforto quando a avó recusou a ajuda da neta. Mas não foi verbalizado na hora em que ocorreu, nem no momento em que observávamos os desenhos prontos e cada uma expressou o que sentiu durante a experiência.

3º Encontro: *Dia-a-dia*



Fábia, Sonia, Nádia e Luiza

Fábia – Eu tenho dificuldade de usar a tesoura por causa da artrite que eu tenho nas mãos. Eu escolhi as fotos e a Sônia me ajudou a cortar.

Sônia – Eu gosto de fazer colagem. Ajudei minha avó a recortar as figuras.

Nádia – Eu gosto de ver revista, tem coisas interessantes.

Luiza – Fica um trabalho bonito, a gente colando tudo junto.

Fábia – Eu peguei fotos da cidade e do quarto, que não é bem assim, mas é bom.

Nádia – Eu peguei os prédios que ficam perto da onde a gente mora e eu com meu priminho.

Sônia – Eu peguei minha avó quando era moça, minha avó cozinhando comigo e o café da manhã.

Luiza – Eu peguei uma foto de balada e uma da novela com o Glauco e a Lurdinha (personagens da novela).

Fábia - Para mim foi muito bom fazer esse trabalho, que representa nossa vida, com minhas netas.

Luiza - Eu queria levar minha avó numa balada (risos). Eu gostei de fazer esse trabalho.

Sônia - Eu também gostei de representar o nosso dia-a-dia.

Nádia - Eu achei gozado a foto da minha avó moça que a Sonia pegou. Que velha bonita, heim?

Fábia mostrou as mãos dizendo que tinha artrite e por isso era difícil segurar a tesoura que tínhamos disponível para a confecção do trabalho. Era uma tesoura para crianças, com orifícios para os dedos pequenos.

A visualização para as meninas não pode ser demorada, pois não estão acostumadas e perdem a concentração facilmente.

As quatro procuraram muitas fotos nas revistas e depois as colocaram no centro da mesa para selecionar aquelas que iriam utilizar. Momento de confraternização. Todas dando palpites e rindo das fotos que representavam o seu cotidiano. Sônia, sentada ao lado da avó; Fábia recortava as fotos que ela escolhia.

Monteiro (2003. p. 101) mostra um possível caminho para referendar o comportamento apresentado pela avó e suas netas:

Se temos imagens, temos também a possibilidade de reflexão. É neste ato reflexivo que podemos compreender que somos historiadores de nós mesmos, porque possuímos a liberdade de escolha a cada ponto de bifurcação encontrado e porque sabemos o caminho pelo qual trilhamos. Desta forma, somos criadores não somente das imagens que o mundo externo nos oferece, como também das imagens de nós mesmos, representando nosso modo de ser e de agir.

As netas ajudaram a avó nos recortes. Nádia comandou a colagem, arrumando as fotos. Discutia com a avó e as primas, e no fim sempre dava a última palavra. Novamente pediu régua para fazer a margem na folha.

As quatro estavam mais soltas, à vontade. O riso permeou o trabalho durante todo o tempo. Cada foto era motivo de comentários e brincadeiras. As netas

procuravam ajudar a avó oferecendo fotos e recortando, o que propiciou clima muito agradável. Fábيا, dizendo que se sentia bem e poderia ajudar, colou algumas fotos.

Embora Nádia comandasse a atividade em relação ao quê e como colar, todas aceitaram suas 'ordens' sem entrar em conflito. Não houve discussão ou ressentimentos.

O lúdico e o brincar, em qualquer idade, são promotores da integração, da demonstração de afeto e de acolhimento, e isso favoreceu a harmonia durante o trabalho, assim como o fato de que todas estavam dispostas, receptivas e abertas para a realização da atividade.

4º Encontro: A natureza



Fábيا, Sônia, Nádia e Luiza

Luiza - Olha que legal! Massinha!

Nádia - Eu brincava com massinha quando estava no pré.

Sônia - Eu também.

Fábيا - Eu via os trabalhos delas, no pré, mas nunca brinquei com massinha. Só brincava de fazer bolinhos de barro.

Nádia - Vamos fazer um campo cheio de flores.

Luiza - Eu quero fazer uma praia com o maior sol.

Fábia – Podemos fazer uma praia com um campo cheio de flores. Essa massinha está muito dura, dói a mão para mexer com ela.

Sônia – Faz assim, com a massa no meio das mãos, que ela amolece.

Nádia – Estou lembrando de quando eu era criança. Eu gostava de misturar todas as cores.

Luiza – Boa idéia, eu vou fazer um arco-íris.

Fábia – Como se faz uma árvore? Eu quero fazer uma para dar bastante sombra para a gente poder descansar embaixo.

Sônia – Olha aqui o bonequinho da vó.

Nádia – Olha o seu aqui, de biquíni.

Luiza – Este é o arco-íris. Quem vai fazer o mar?

Fábia – Ficou muito bonita nossa praia. Ficou bem colorida, parece uma foto. Eu gostei de aprender a fazer as coisas com massinha, é muito gostoso.

Luiza – Hoje eu me diverti bastante com a massinha.

Nádia – Foi bom, o trabalho ficou bonito e colorido.

Sônia – Gostei de fazer o bonequinho da vó e as outras coisas.

Fábia – Foi muito bom estar aqui fazendo este trabalho junto com minhas netas.

Ao entrar na sala e se depararem com as caixas de massa de modelar, os olhos das meninas brilharam. A avó, que apenas conhecia o material de quando as netas eram pequenas e faziam trabalhos na pré-escola, também abriu um sorriso.

Após a visualização inicial, cada uma deu sugestão de trabalho. Conversando a respeito, chegaram à conclusão de que deveriam fazer uma praia com campo florido e árvore.

Cada uma pegou a caixa de massa de modelar e fez uma parte. Surgiu a árvore feita pela avó, a praia e o arco-íris por Luiza; apareceram os bonecos, representando as três, feitos por Sônia; e o campo e as flores por Nádia. Pouco familiarizada com o material expressivo, Fábia confeccionou sua árvore durante longo tempo, sem se preocupar em terminar logo e sempre auxiliada pelas netas, meio a

contragosto, como se podia perceber pelas suas feições quando encontrava alguma dificuldade.

Encontramos então, em Debert (2004, p. 39) uma possível explicação para o comportamento de Fábria perante suas netas. Muitas vezes se nega a ser auxiliada. Debert baseia na educação a que o sujeito é submetido durante sua formação:

Nas sociedades pré-modernas, a tradição e a continuidade estavam estreitamente vinculadas às gerações. O ciclo de vida tinha forte conotação de renovação, pois cada geração redescobria e revivia modos de vida das gerações predecessoras.

Os velhos que povoam a atualidade são indivíduos que, em sua maioria, tiveram na infância e adolescência educação ainda orientada por parâmetros pré-modernistas de tradição e continuidade. Eles se orientam, pensam e se comportam dentro dos padrões apreendidos em sua juventude. Um desses padrões, percebido pela nossa experiência com os idosos de nossa família, era o de que os velhos não deveriam demonstrar sinais de fraqueza perante, especialmente, os membros mais novos da família. Os padrões de comportamento que norteiam as novas gerações são diferenciados daqueles de tempos atrás. Isso os reveste de entendimento e uma apropriação mais difíceis para os sujeitos mais velhos. Este fato muitas vezes propicia um clima de confronto entre indivíduos mais novos, em especial os adolescentes, e os idosos.

Novamente neste encontro reinaram a harmonia e a união. Havia sorriso e brilho nos olhos das netas e da avó participantes da oficina. Não houve sinal de desentendimentos. As sugestões apresentadas por qualquer uma das participantes eram escutadas e discutidas. Não nos pareceu haver mágoas ou ressentimentos, quando algo não era aceito ou tinha sua forma alterada.

Fábria, com o problema das mãos, encontrou um pouco de dificuldade para o manuseio do material, mas nem por isso absteve-se de participar, confeccionando a árvore para “dar bastante sombra para a gente poder descansar embaixo”.

Chamou-nos a atenção Fábria estar sempre fazendo árvores para acolher as pessoas, em especial as netas. Marcante o fato de que as netas não entram em conflito entre si e que têm um carinho especial pela avó, aceitando mesmo as caretas de reprovação da avó.

5º Encontro: Um passeio



Fábria



Sônia



Luiza



Nádia

Luiza - Olha vó, guache!

Nádia - Hoje nós vamos pintar com guache?

Fábria - Eu já pintei com guache nas aulas de artes.

Sônia - Eu gosto de pintar com guache, só que às vezes faz uma borradeira.

Fábria - Eu nem sei o que fazer, preciso pensar.

Sônia - Eu vou pintar um dia bem bonito com sol e arco-íris.

Nádia – Eu vou fazer um abstrato usando todas as cores.

Luiza – Eu vou pintando, o que sair, saiu.

Nádia – O que é isso < vó?

Fábia – Um pássaro no meio das flores. Hoje eu estou com dor nas mãos, o trabalho não vai sair muito bom.

Sônia – Posso escrever também?

Nádia – Aqui (apontando para a folha) ficou feio, vou cortar este pedaço fora.

Fábia – Não ficou feio não, você não precisa cortar.

Nádia – Mas eu quero.

Luiza – Olha o que eu fiz e acabou saindo: um vaso com flores. Gostei.

Nádia – O meu ficou que nem um quadrado. Ficou todo colorido, alegre.

Fábia – Olhem o meu pássaro, não ficou muito bom por causa da mão.

Sônia – Essa pintura é para vocês – eu amo vocês.

As quatro já haviam tido experiências de pintar com tinta guache.

Elas não são de falar muito ou expor emoções. Fazem o trabalho em silêncio e sem trocar muitas opiniões. Desta vez, cada uma, mais que de costume, desenvolveu sua atividade solitariamente.

Nas pinturas apareceu falta de capricho, o que fez transparecer certa negligência ao tratar com os materiais oferecidos e com a expressividade em si. Os temas foram variados e pessoais. O vaso com flores, o pássaro, o arco-íris e o abstrato remetem, sem dúvida, a visões possíveis em um passeio, mas são elementos observados separadamente, apenas detalhes. Sônia escreveu “amo você”, o que, a julgar pela sua fala, ela calculou mal o espaço e não coube o “s” de vocês.

O que observamos não é, acreditamos, comportamento proposital de oposição e separação pertinente às adolescentes. Mas um tempo em que elas se encontram. Segundo Zacariotti (2006, p. 1), é um tempo não marcado apenas

por dificuldades, crises, mal-estares, angústias. Esses acréscimos na performance global do adolescente produzem uma típica inflação do ego. Achando que “podem tudo” os adolescentes nessa fase se rebelam e elaboram um conjunto de valores inusitados e, quase propositamente, contrário a valores tidos até então como corretos.

A indiferença percebida no modo de se expressar pelas adolescentes, vem de um sentimento de superioridade que aflora com tal intensidade que coloca mesmo seus iguais como inferiores (cada “tribo” e cada indivíduo têm atributos e qualidades que os tornam melhor do que outros). Quanto aos velhos (a avó), são vistos como tendo cumprido seu período produtivo na vida. Devem assumir posições e lugares que lhes são atribuídos de modo fantasioso pela sociedade.

Já os velhos, em grande parte, “rendem-se à opinião dos outros, que determinam e classificam, negativamente, pelo corpo, o que é ser velho”. (MONTEIRO, 2003, p. 37).

Foi o que mereceu destaque, pois cada uma fez trabalho individualizado. Elas pouco se comunicaram entre si enquanto estavam pintando. Na hora de apresentar o que fizeram, limitaram-se a relatar apenas o que podia ser visto nas pinturas, sem falar de nenhuma emoção que possa ter acompanhado o processo do fazer artístico.

Pensávamos que o trabalho com tinta guache as fizesse mais soltas, demonstrando emoções que as acompanham em uma atividade dessa natureza.

Pareceu-nos que a atividade proposta acabou tornado-se enfadonha, da sua fluidez e colorido apresentados. A falta de um acabamento mais esmerado nos leva a pensar que elas queriam terminar logo a atividade.

A falta de comunicação, observada de forma contundente entre as netas e a avó e entre as próprias netas, sugere que na vida cotidiana, fora da oficina terapêutica, o mesmo ocorre. Deduz-se, talvez, que cada uma possui vida separada das outras.

Na adolescência o sujeito, emocionalmente, começa a ter desperto em si o desejo de independência, e sua natural rebeldia aflora. A socialização iniciada quando entrou na escola agora começa, mais intensamente, a voltar-se para fora de seu

grupo familiar. O grupo de amizades se torna progressivamente mais importante, como observa Zagury (1996, p. 24): “Claro, às vezes é muito difícil conversar com um adolescente, porque eles parecem estar em permanente oposição a tudo que se diz (e, além do mais eles não querem conversar com a gente, só com os amigos...)”. O grupo de amigos, as “tribos”, tornam-se referencial e fonte de segurança para as ações que propiciam a entrada do adolescente no mundo adulto. Isso não quer dizer que elas não se gostem ou não estejam sempre prontas para se ajudar, embora, aparentemente, participem de “tribos” diferentes.

6º Encontro: Reciclagem



Fábia, Sonia, Nádia e Luiza

Luiza - Nós vamos pintar com guache de novo?

Nádia - Nós vamos recortar e colar, eu vi o Felipe falando.

Fábia - Fazer colagem de novo? Com o quê?

Nádia - Com essas pinturas.

Sônia - É só recortar o que a gente quer e depois colar, que nem com as revistas.

Luiza - Tem umas pinturas bonitas. Cada uma recorta uma coisa e pronto.

Fábia - Tem umas que dá pena de recortar.

Nádia - Vamos usar essa daqui como base para colar os recortes.

Luiza - Olha só esse anjinho.

Sônia - Ele é muito grande, quase nem cabe na folha.

Luiza - não faz mal, a gente dá um jeito de colar ele assim mesmo.

Sônia - põe esse coração nele.

Luiza - esse coração é que é grande.

Nádia - Cola ele por cima. Fica como se ele estivesse estourando de amor.

Fábia - E essa borboleta, é bem colorida, cola ela na flor.

Nádia - Falta o sol e uma nuvem.

Fábia - E umas flores e umas árvores. Vamos andar logo e terminar essa colagem.

Nádia - Aqui, achei uma casinha.

Sônia - Ficou tudo desproporcional.

Luiza - Não faz mal, é só uma brincadeira mesmo. Eu achei a colagem legal, toda colorida.

Nádia - Eu também gostei. Gostei mais do anjo com um baita coração. Foi bom esse trabalho.

Sônia - Ficou mais ou menos, podia ter ficado melhor. Foi bom.

Fábia - Essas minhas netas... Eu gostei, eu gosto de fazer as coisas com elas.

A avó, Fábia, sempre se intimida no começo de uma atividade, mas, com o suporte das netas, se desinibe e participa.

As quatro não são de falar muito ou trocar idéias a respeito da confecção de um trabalho. Dessa vez, em uma atividade coletiva, tiveram que interagir mais e dialogar para terminara tarefa. Elas combinaram que cada uma iria procurar determinada imagem para compor a colagem. Depois de olharem todas as pinturas oferecidas, uma serviu de base para a colagem. Recortaram vários detalhes das outras pinturas e os colocaram sobre a mesa para separar o que iriam efetivamente utilizar. Pegaram todo o material selecionado e começaram a colar como se estivessem montando um quebra-cabeças.

Todas deram palpites, e a atividade desenvolveu-se em clima de brincadeira.

Nesse encontro pudemos ver como a as três netas e a avó se relacionam.

Em atividades anteriores ficaram absortas em suas atividades e pareceu que o relacionamento era distante e frio. Desta vez estavam mais alegres e dispostas a colaborar para o mesmo fim - a colagem. Todas riam e se mostravam abertas ao diálogo e às sugestões umas das outras. Quando Luiza diz “não faz mal, é só uma brincadeira”. Pode-se perceber o clima de descontração e alegria que permeou a atividade.

Brincar é sempre um momento no qual o sujeito se despe de comportamentos ditados pela sociedade, que tolhem seus movimentos físicos e emocionais.

É importante ressaltarmos que a congregação de seres humanos em sociedades só é possível por causa da transmissão de valores morais e culturais que ocorre entre as gerações.

Segundo Ponde, para o sujeito “o pensamento da existência é necessariamente o pensamento do tempo que passa. É a consciência de que o ser humano é um ser que envelhece”. (2004, p. 57), e que o repertório pessoal de experiências e vivências apresenta-se como grande fonte de conhecimentos a respeito da vida, então,

Dizer que, na velhice, as experiências passadas são mais importantes que as atuais ou que há perda na perspectiva de tempo futuro com impacto negativo sobre o bem estar psicológico é uma grande simplificação. (FREIRE & REZENDE, 2001, p. 41).

Aos mais velhos cabe ensinar e passar para os mais novos os conhecimentos que receberam de seus ancestrais e os conhecimentos advindos das próprias experiências de vida. Para mais novos, os jovens, receber esse patrimônio moral e cultural é como receber elementos que formarão alicerces para suas experiências e vivências.

As quatro puderam se mostrar como são na realidade, sem as máscaras impostas pela sociedade ou pela escola. Abandonaram um fazer “responsável” para se dedicar a um fazer “emocional”, unidas pelo mesmo objetivo. O que enriquece uma

relação e faz dela um evento interessante e até grandioso é a diversidade das histórias individuais nela presentes.

7º Encontro: *Harmonia*



Fábia, Sônia, Nádia e Luiza

Fábia – Quanto desenho bonito. É para pintar?

Sônia – É. É que nem um vitral, a professora de artes já deu isso para a gente.

Nádia – Fica legal se pintar bem colorido.

Luiza – Vamos usar as cores do arco-íris.

Fábia – Precisamos escolher um desenho para pintar.

Nádia – Que tal esse daqui que parece uma flor dentro de um círculo?

Sônia – Essa vai ficar muito legal. Vamos separar as cores para cada uma.

Luiza – Eu vou pintar com essas cores daqui (vermelho, amarelo, laranja).

Sônia – a gente precisa prestar atenção para não errar, senão estraga tudo e temos que pegar outro.

Fábia – Deixa eu pintar primeiro, por causa da minha mão. Depois, enquanto vocês pintam eu descanso ela.

Nádia – Agora sou eu, vou pintar essas pétalas, uma sim, uma não, para ficar mais legal.

Luiza – Está ficando da hora. Agora, quando eu pintar, vai ficar o maior barato.

Sônia – Pega o desenho e olha contra a luz, para ver o vitral. Deixa eu pintar a minha parte.

Fábia – Eu gostei muito de fazer esse trabalho de pintura. Ficou parecendo um estouro de São João.

Luiza – As cores parecem que vão abrindo que nem uma flor bem colorida.

Nádia – Ficou da hora.

Sônia – Ficou bonito, dá vontade de grudar na janela.

Sônia já conhecia este tipo de desenho das aulas de artes na escola.

Esse desenho serve para ser usado como mandala ou como esboço para a confecção de um vitral.

As quatro escolheram as cores que julgavam serem harmônicas. Dividiram-nas entre si e antes de começarem a pintar estudaram o desenho e a distribuição das cores. Fábia ficou com o marrom e pintou a moldura do desenho. Luiza ficou com as cores quentes: vermelho, laranja e amarelo, e pintou basicamente detalhes das pétalas. Nádia pegou o verde, o azul-claro e o roxo e pintou o círculo que envolve o desenho e os espaços entre as pétalas. Sônia, com o azul-escuro, preencheu os espaços restantes.

Elas tomavam conta umas das outras enquanto pintavam, sempre cuidando para que o desenho fosse pintado como haviam previsto.

Reinou a tranqüilidade.

Desde o começo, da meditação à escolha do desenho da mandala, da seleção de cores à distribuição do trabalho de pintura, avó e netas se mostraram alegres e receptivas às sugestões que cada uma trazia. A disposição de cores mostra que há entre elas forte senso de acolhimento e respeito. Senso que torna a relação uma amizade permeada pelo calor humano e alegria.

A avó, por não conseguir realizar certas atividades que exigem manuseio mais preciso e focado dos materiais plásticos, recebeu um acolhimento fraternal e não

pareceu representar fardo para as netas. Todas opinaram e discutiram o que deve ser feito. As decisões nem sempre agradaram a todas, porém foram respeitadas e aceitas.

Essa etapa da vida humana denominada adolescência, na cultura ocidental, o sujeito pode ser considerado um verdadeiro ser em metamorfose. É época em que deixa de ser criança emotiva, sensível e dependente, para experimentar emoções mais fortes, sentir o mundo e se tornar ativo, adulto, independente, com força vital que se expande e o impele para a vida.

Refletindo acerca do modo de vida e da relação observada entre as quatro integrantes do grupo, encontramos em Peixoto (2004, p. 80), que a

Contribuição material ou financeira, mas também um apoio logístico nas tarefas domésticas cotidianas e suporte moral e afetivo – estes são os elementos que caracterizam a redistribuição intrafamiliar dos apoios e ajudas dispensadas por uns e outros, morando ou não juntos.

Com o foco do olhar nesta questão, perguntamos, para as quatro, a respeito do comportamento observado e de seu desdobramento nos afazeres do cotidiano. Nem sempre as discussões são pacíficas e as decisões também nem sempre aceitas sem uma “cara feia”, um choro ou uma “birra”.

8º Encontro: Desafio



Fábria, Sônia, Nádia e Luiza

Luiza - Mais desenho para pintar. Vamos escolher um bem legal.

Sônia - Difícil não.

Nádia - Que tal esse de Picasso?

Fábia - É bem legal, mas parece difícil, tem muitas partezinhas. Não vai dar muito trabalho?

Sônia - É, eu também acho, é melhor escolher outro mais simples.

Nádia - Mas esse é o mais bonito, os outros são muito infantis.

Fábia - Está bom, ficamos com este. Cada uma escolhe uma cor para pintar.

Luiza - Cada uma pinta uma vez, pinta e depois passa o desenho.

Sônia - Tem que tomar cuidado para as cores não se encontrarem.

Fábia, Nádia e Luiza - Eu sei!

Fábia - Pinta o rosto de azul e o resto colorido. A professora de artes disse que o Picasso pintava tudo de azul.

Sônia - Vocês parecem que estão no primeiro ano, pintando tudo rabiscado. Caprichem mais.

Nádia - Aí não, vó, não pode a mesma cor se encontrar. Pule um espaço. Depois Luiza pinta por cima.

Luiza - Quase deu zebra. Não dá nem para perceber muito.

Fábia - Eu gostei, parece a aula de artes que a professora pede para a gente colorir uns desenhos. Eu estou no primeiro ano, não tive oportunidade de estudar mais cedo.

Luiza - É isso aí, vó. Tem que vir para a escola aprender. Deu certo a pintura, não ficou nem um pedacinho em branco, ficou legal.

Nádia - Eu não falei que ia ficar legal? Pena que ficou um pouco riscado.

Sônia - Eu achei muito estranho, uma moça azul com o peito verde (risos) e a mão vermelha.

Nádia - É Picasso.

A atividade começou com uma discussão a respeito do desenho que iria ser colorido. Alguns desenhos eram tidos como muito infantis, outros muito difíceis. Prevaleceu o conhecimento, e o escolhido foi a moça de Picasso. Todas já conheciam as obras de Picasso das aulas de arte da escola.

Fábia está cursando o primeiro ano do ciclo básico no curso para jovens e adultos, à noite, na mesma escola que as meninas freqüentam.

Elas se organizaram de modo que a seqüência da pintura do desenho tomou ares de um jogo. Observando-se as netas-adolescentes, aquilata-se que são visíveis as modificações pelas quais não só o corpo humano passa nessa fase. O desenvolvimento físico é marcante, nítido o ganho de massa muscular que o corpo apresenta, seus contornos remetem a um corpo adulto em que há o amadurecimento sexual, e é desenvolvida a capacidade de reprodução. Intelectualmente, diz Zagury (2004, p. 26), há o surgimento do raciocínio hipotético-dedutivo que aguça a capacidade de pensar e elaborar questões mais complicadas. Essa capacidade pôde ser apreciada neste encontro, quando todas ficaram muito atentas para o trabalho, a fim de evitar qualquer pintura fora de lugar. Fábia foi imediatamente interrompida quando começou a pintar em um espaço que não poderia receber a cor que ela usava.

O tempo disponível para a pintura foi reduzido pelas discussões iniciais de escolha do desenho, o que gerou pressa para terminar dentro do prazo e não permitiu que colorissem o desenho de um modo mais vistoso.

A atividade foi cumprida como ditavam as regras para pintura do desenho.

A discussão inicial pautou-se em primeiro lugar pela facilidade de execução e depois pela estética da obra. Venceu a segunda opção: a estética. Escolhido o desenho de Picasso, elaboraram rotina de trabalho para a execução da atividade. Todas eram, ao mesmo tempo, artífices e juízas. Amainou o clima de confronto que se estabeleceu no início, provocado pela colocação individualizada das vontades e das imaginações, e o trabalho correu tranqüilo até o seu final.

A respeito da individualidade, Morin assim pensa o ser humano:

um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável. Sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio; é um ser invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real, que é consciente da morte, mas que não pode crer nela; que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e a filosofia; que é possuído pelos deuses e pelas Idéias, mas que duvida dos deuses e critica as Idéias; nutre-se dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e de quimeras. (2004, p. 59)

Para o adolescente e o velho, os conhecimentos comprovados, bem como as ilusões e quimeras, representam farol norteador que orienta suas ações e reações perante um momento de relacionamento, seja ele entre indivíduos da mesma faixa etária, ou de faixas etárias diferentes.

Conhecimentos, ilusões e quimeras são elementos que podem desempenhar papel fundamental em favorecer contato e diálogo entre as gerações.

AVALIAÇÃO PRIMAL

Distinguir um adolescente de um velho não é difícil quando se leva em consideração apenas o aspecto físico de ambos. Esse indicador visual, porém, não é suficiente por ser limitado e cerceado pela cultura que dita as regras de como se deve olhar um adolescente ou um velho. As fantasias e mitos criados em torno deles, suas imagens e comportamentos povoam a imaginação das pessoas e as fazem ver, de forma muitas vezes distorcida, como é, de fato, a vida do adolescente ou do velho. Retomando os encontros, avós e netos mostram que emocionalmente pouco diferem um do outro. Fica patente que sentiram emoção muito forte e foi bom trabalhar um ao lado do outro.

Muitas vezes indagamos: o que acontece com o sujeito que, quando adolescente, mostra comportamento e modo de viver a vida muitas vezes impulsivos e audazes, e depois o mesmo sujeito, quando velho, se apresenta com um comportamento aparentemente diverso daquele que tinha durante a juventude? Algumas vezes chega-se a pensar que se tratam de dois indivíduos diferentes: o adolescente de antes e o velho que ele se tornou. Esse comportamento que se mostra exteriormente com formas distintas, não é fiel reproduzidor da realidade. A esse respeito, Martins assinala (1991, p.2) que o ser humano “não pode ser algo especial, mental, cronológico, sem ser isso tudo uma totalidade, sem assumir e levar adiante seus atributos e transformá-los em várias dimensões do seu ser”. Independentemente da idade cronológica o sujeito é sempre o mesmo. O que o faz parecer diferente com o passar dos anos é o modo como é afetado pelas experiências pessoais e como se refletem em seu comportamento. Ao chegar à adolescência, todos nós,

De repente, começamos a perceber certas mudanças em nosso corpo, na nossa voz e até mesmo nos pensamentos. Algumas mudanças são também claramente percebidas por outras pessoas, principalmente por familiares e amigos mais próximos. (ZACARIOTTI, 2006, p. 1).

Em 13 de julho de 1990 foi promulgada a lei 8069/90, que criou o Estatuto da Criança e do Adolescente. O livro I; título I – que trata das disposições

preliminares, traz no artigo 2º o que deve se considerar para um sujeito ser visto como criança ou adolescente:

Art 2º - Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo Único - Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Com essa lei fica regulamentado oficialmente o intervalo de vida em que o ser humano é considerado adolescente, compreendido entre os doze e os dezoito anos de idade, e excepcionalmente até os vinte e um anos de idade, referindo-se ao tempo cronológico e ao desenvolvimento físico dos indivíduos.

Constatamos com Zagury (2004, p. 24), que embora fisicamente as mudanças corporais nesta fase sejam universais, as psicológicas e relacionais variam conforme a cultura, o grupo e mesmo os indivíduos. Importante é ressaltar que os valores também desempenham papel fundamental nas escolhas que o sujeito faz, objetivando sua futura identidade como adulto. Exemplo disso é Meire: “- Quando eu tinha 16 anos, meu tio quis me levar para o Rio de Janeiro com minhas primas para estudar, eu morava em Patos, Paraíba. Aí eu falei para ele que queria me casar e não fui para o Rio”. Ela continua: “- Me arrependo de não ter ido, hoje minhas primas são formadas, advogadas. [...] nunca fui para a escola, tinha muito que fazer, cuidar dos filhos e da casa. [...] Não dá mais para estudar porque as pernas não ajudam, elas doem muito e eu não consigo ir todos os dias para a escola”.

A parte emocional que compõe o ser humano se desenvolve e sofre mudanças. No caso de Meire, quando adolescente, um dos valores mais importantes era o casamento; agora, idosa, a escola tem prioridade. Segundo Schramm (2004, p. 25), no mesmo momento em que ocorrem as modificações na adolescência elas também “provocam a ânsia de alcançar um novo status, o do mundo adulto”, trazendo

em seu bojo o processo de enfrentamento das mudanças físicas e biológicas que, conjuntamente, promovem o desprendimento da infância. Esse movimento muitas vezes é amedrontador para o adolescente, vivido com as ansiedades da época de conquista de sua nova identidade. As mudanças de humor acontecem bruscamente: o que é bom de repente torna-se ruim, e os atos que acompanham essas mudanças são igualmente bruscos. Observamos o momento de rebeldia de João no encontro em que sua avó, Maria, recorta uma foto da revista e diz que o representa. Ele passa, quase instantaneamente, de um estado de tranqüilidade para o de agressividade, rasgando a foto e a jogando no lixo.

Aliado ao fator psicológico do aparecimento dessa nova identidade, o corpo transforma-se e se apresenta com uma nova imagem para o adolescente.

Em geral, as meninas amadurecem sexualmente mais cedo do que os meninos. Nas meninas aparecem os seios, a cintura afina, enquanto alargam-se e arredondam-se os quadris e ocorre a primeira menstruação, seguida de um crescimento notável. (...) Nos meninos, embora o pênis ainda mantenha o tamanho e aspecto infantis, os ombros alargam-se, crescem os testículos, podendo também ocorrer um certo aumento dos mamilos, que depois tende a regredir. Começam a despontar os primeiros fios de barba e os pêlos corporais (...) enquanto paulatinamente a voz vai engrossando. Ocorre a primeira ejaculação. (Zagury, 1996, p. 24-25).

Essa etapa da vida envolve complexidade de fatores biológicos, psicológicos e sociais, que se refletem no comportamento característico que se traduz por alternar com facilidade estados de meditação e de sentimentos de impotência perante o social, com estados de euforia e crença em suas possibilidades e força.

Segundo dados do IBGE, 9,1% da população brasileira tem mais de 60 anos. Baseados em nossa experiência de vida, que a velhice é época vista de muito longe pelos jovens, e que só nos preocupamos com ela quando entramos na etapa de vida que antecede a velhice. Em analogia com a adolescência que precede o viver adulto, chamamos envelhecência. Só então nos damos conta de que, muitas vezes, reproduzimos o que está no imaginário das pessoas, como aponta Calobrizi:

O que freqüentemente atrapalha os idosos são os preconceitos, a idéia de que a velhice é sinônimo de doença e incapacidade. Grande parte da sociedade tem uma visão distorcida dos idosos e que eles, muitas vezes, acabam internalizando: que são pessoas resistentes a mudanças, depressivas, hipocondríacas, improdutivas, desocupadas e assexuadas, que infalivelmente se tornam um fardo para a sociedade e não têm nada a contribuir para seu crescimento (2001, p.31).

Ainda olhamos a velhice “como um declínio e, sobretudo, como a impossibilidade de ser positivamente valorizada na medida em que já ultrapassou o ponto máximo do ciclo de vida, seja do ponto de vista da capacidade produtiva como trabalhador, seja do ponto de vista da capacidade física e psíquica” (BARROS, 2004, p. 17).

Para ilustrar como pode ser enganoso ater-se a idéias preconcebidas a respeito do declínio a que se refere Barros, a fala de Fábria em uma das oficinas: “- eu gostei de aprender a fazer as coisas com massinha, é muito gostoso”.

Calobrizi chama a atenção para o processo do envelhecimento, o qual precisa levar em conta “circunstâncias de natureza biológica, psicológica, social, econômica, histórica, ambiental e cultural relacionadas entre si”. (2001, p. 28)

Tais mudanças, na cultura ocidental, infelizmente são vistas mais como perdas do que possibilidade de aprimoramento. Mas, afinal, o que é ser velho? É ter 60 anos ou mais. Sendo idade que tem em seu entorno as mudanças biológicas típicas da terceira fase da vida, a chegada da aposentadoria e o desvinculamento de alguns papéis tradicionais da vida madura, e muitas vezes a saída dos filhos da casa paterna, a Organização das Nações Unidas, em 1985, tomou essa idade como marco para considerar o sujeito idoso.

Barros (2004, p. 13) diz:

Estudar o envelhecimento e a velhice [é perceber] a relação entre as particularidades das experiências socioculturais e a universalidade da vida em sociedade. A velhice como etapa do ciclo de vida deve ser entendida dentro desta ótica. Ela recebe significados distintos, dependentes do sistema simbólico de cada cultura e subcultura.

Pensar em seguir de forma puramente racional as marcações socialmente aceitas para enquadrar o sujeito dentro de rótulos como o da velhice é um meio duvidoso de ver a continuidade da vida do ser humano.

Quantas vezes escutamos as seguintes afirmações a respeito de algumas pessoas: ‘ele é um velho de espírito jovem’ ou ‘ele é um jovem de espírito velho’? Sempre de forma contrastiva e em oposição, essas questões povoam nossas inquietações. Procurando respostas que mostrem como essas idéias correspondem a uma realidade que permeia a sociedade, é enfatizada a diversidade de estilos de velhices. Em outras palavras, a velhice se apresenta com tantas faces quanto são os indivíduos que vivem no planeta.

Compartilhamos com Schramm,:

O envelhecimento inicia ao nascermos, é um processo que pode ser comparado ao do desenvolvimento. Na vida somos mais novos ou mais velhos que alguém. Nesse processo sempre ocorrem ganhos e perdas, porém, quando nos referimos ao envelhecimento, as perdas parecem ficar ressaltadas, em detrimento dos ganhos. É uma experiência que pode ser considerada heterogênea e individualizada, na qual se vai construindo a identidade do idoso. (2004, p.35).

As faces da velhice resultam de realidades que, segundo Morin (1996, p. 279), “percebemos somente graças a nossas estruturas mentais, a nossos *patterns*, que nos permitem organizar nossa experiência no tempo e no espaço”. Para Monteiro também percebemos essas realidades como “imagens organizadas de maneira dinâmica [...] pelas informações sensoriais captadas pelos nossos órgãos dos sentidos [e que] terão varias representações para indivíduos diferentes”. (2003, p.103).

Ao generalizar conceitos e aplicá-los à vida, corre-se o risco de formar imagens distorcidas da realidade. Certamente, esse comportamento pode levar a negar que existem diversas formas de envelhecer e de vir a ser velho. Comportamento que também pode fazer acreditar em uma falsa realidade. Segundo Pondé,

O mundo foi perdendo a mágica, o encantamento, foi, de alguma forma, tornando-se banal. Por isso algumas pessoas dizem que um dos problemas do

lugar do idoso na sociedade é que, quando eram poucos, havia mitos na forma de olhá-los e, na medida em que foram se multiplicando, foram deixando de lado o mito. (2004, p. 59).

Embora o tempo passe para todos e o espectro da decadência do corpo físico ronde o sujeito, como acontece com a avó Fábria, que apresenta dificuldades no manuseio dos materiais oferecidos por causa da artrite nas mãos e tem que ser auxiliada pelas netas, há, na atualidade, inúmeros programas em que são apregoados os benefícios de uma velhice dourada, é preconizado que o idoso deve ser, obrigatoriamente, “adaptado, animado, ativo e jovial” (Calobrizi, 2001, p. 31).

A obrigatoriedade de se envelhecer e continuar a viver como na adolescência ou na maturidade é defendida por agentes que não atentam para o tempo que passa causando alterações, principalmente físicas, nos sujeitos. É significativo o pensamento de Ubaldo (1999, p. 288): “Cada um tem sua jornada, aurora e crepúsculo; cada ser vive apenas às custas de envelhecer. *A vida só pode existir à custa de uma degradação dinâmica e contínua*”.

A velhice é, em valores absolutos, na vida normal de um sujeito, a época mais longa. Tempo maior do que o da infância, do que o tempo da adolescência, do que o da maturidade. Envelhecer pode significar para o sujeito a possibilidade de apreciar a vida a partir das experiências que adquiriu, de se tornar agente transmissor da cultura a qual pertence e um ente preservador da memória de seu tempo. O passado, o presente e o futuro nele coexistem simultaneamente.

” - esta manhã eu fui fazer um trabalho de voluntária, fui dar aula de costura para minhas amigas”. Para Maria com a idade e a aposentadoria, o trabalho voluntário apresenta-se como possível meio que permite ao idoso exercer atividade e continuar sentindo-se produtivo.

Debert assinala em seus estudos

As novas imagens do envelhecimento e as formas contemporâneas de gestão da velhice no contexto brasileiro são ativas na revisão dos estereótipos pelos quais o envelhecimento é tratado. Oferecem também um quadro mais positivo

do envelhecimento, que passa a ser concebido como uma experiência heterogênea, em que a doença física e o declínio mental, considerados fenômenos normais nesse estágio de vida, são redefinidos como condições gerais que afetam as pessoas em qualquer fase. (2004, p. 32)

Pautar o envelhecimento e a velhice por este ângulo permite ao sujeito uma melhor adaptação a um tempo em que sua vida se torna menos rápida e menos exigente no que diz respeito a compromissos e responsabilidades, deixando-o livre para se abrir a novos aprendizados e compartilhar com as pessoas e com o mundo suas ansiedades, sonhos e vivências.

Há um pequeno conto que ilustra uma situação de compartilhamento de uma mesma experiência inusitada:

“Era uma vez uma aldeia muito distante da civilização.

Certo dia, um de seus habitantes teve de ir até a cidade que ficava muito longe.

Antes de partir ele perguntou à mulher o que ela queria de presente.

- Traga o que você achar de mais bonito – disse ela.

O homem partiu.

Chegou à cidade e, depois de resolver os assuntos que tinha a resolver, ele foi comprar o presente da esposa. Procurou ver as novidades e o que ele viu de mais bonito foi um espelho. Ele comprou o espelho, mandou embrulhar para presente e voltou para casa.

Vários dias depois, ao chegar em casa, ele deu o presente à mulher.

A mulher, que não conhecia espelho, tomou um grande susto ao ver sua imagem refletida nele.

Tomou um susto e foi conversar com a mãe dela.

- A senhora viu a mulher que meu marido trouxe lá da cidade? Ela é muito bonita. Já estou achando que ele vai me deixar para ficar com ela.

- Cadê essa mulher? – perguntou a mãe. – Mostra aqui.

Ela olhou o espelho, olhou, pensou e depois devolveu o espelho à filha dizendo:

- Te deixar por uma coisa feia dessas? Velha, enrugada, descabelada, desdentada? Só se ele for muito burro, minha filha.”¹

A juventude, na pessoa da filha, se enxerga: bonita, ainda insegura em relação à vida. Quando afirma que está achando que o marido vai deixá-la, na realidade quer dizer que não se acha tão bonita quanto a “outra”, e que acredita ser a beleza o melhor predicado que alguém deve possuir para ser desejado e respeitado. Já a mãe vê na ‘velha, enrugada, descabelada e desdentada’ a feiúra que remete à rejeição pelos outros e a decadência que também remete, de uma forma muito forte, à ‘burrice’ de quem com ela convive.

Attias-Donfut (2004, p. 93) comenta: em face da obsessão pela juventude e pela aparência na cultura ocidental, e dada a fragilidade do corpo na velhice, a cultura de massa, que é também uma cultura do consumo, normalmente opõe (...) essas duas idades extremas, a juventude e a velhice.

Visões, avaliações. Em nossa história duas formas de pensar a mesma experiência, que convivem, mas ao se contrastar, se opõem.

Para Oliveira,

Nessa coabitação de tempos realiza-se a co-educação de gerações. Múltiplas possibilidades se formam, pois há o encontro de medidas e andamentos de tempo, que são diversos e conflitantes entre si, com diferentes gerações que, coetâneas, podem até estar próximas – como aqui é o caso – mas cujos contornos de vida guardam história e experiências de vida bem distintas. (2003, p. 10).

Existe a divisão da evolução biológica do ser humano em épocas. O início da evolução se dá no encontro do espermatozóide com o óvulo dentro do ventre materno e cessa apenas com a morte.

1. Autor desconhecido. Conto extraído do almanaque RENASCIM, 61ª edição, 2006.

Comportamentos ilusórios de relacionamento podem ocorrer devido ao conceito de épocas de evolução, como nos aponta Monteiro (2003, p. 85): as classificações, muitas vezes rígidas, que separam o jovem da criança e o jovem do velho, chegam a iludir e determinar espaços específicos de convivência das pessoas.

Para Monteiro, essas classificações ajudam a manter no imaginário cultural do ocidente que adolescentes e velhos têm seu lugar definido. Aos jovens é delegado poder e autoridade para transformar a vida segundo suas visões, desprezando o já estabelecido, agindo conforme sua vontade e procurando impor novas formas de relacionamento.

Nossa pesquisa mostrou uma realidade que corresponde à visão diferenciada daquela passada pelo imaginário cultural do Ocidente. Quando a adolescente Sônia comenta o trabalho com sua avó: “- trabalhar com minha avó é muito bom”, e quando a avó afirma “- essas minhas netas... Eu gostei. Eu gosto de fazer as coisas com elas”; nos mostram que um relacionamento compartilhado e acolhedor favorece a evolução do adolescente e a auto-estima do idoso.

Os jovens, muitas vezes, no ímpeto da idade, procurando ter comportamento ímpar, fornecem elementos que contribuem para a existência do paradigma conhecido como conflito de gerações, que acaba servindo como referência para as relações intergeracionais. Quando aceito, situa o adolescente e o velho em lados opostos do viver.

No processo dialético em que a construção do relacionamento intergeracional acontece, no encontro do adolescente com o velho, as mesmas energias, porém de formas diferenciadas, se encontram e contrastam, criando situações nas quais há possibilidades de acolhimento ou conflito. Vemos o contraste e possibilidades em um dos encontros. Felipe, em determinado momento, briga com a avó, Meire, por ter realizado colagem ‘errada’ a seu ver, e ela ao mesmo tempo “- eu estou feliz com o meu trabalho e com o meu neto”.

Quando procuramos compreender uma pessoa, essa compreensão nunca se dá de forma pura, mas somente através das intersecções das suas várias dimensões. Precisamos, então, pensar na idéia de tempo propriamente dito, e é somente acompanhando a sua dialética interna, - o homem não está no tempo é o tempo que está no homem -, que seremos então levados a compreender a idéia de sujeito humano. (MARTINS, 1991, p.2).

Aspectos da dinâmica relacional entre netos-adolescentes e avós-idosos puderam ser apreciados durante os encontros de arteterapia, cujas linguagens artísticas serviram como meio para a expressividade da qual pudemos colher dados para a pesquisa proposta.

A possibilidade de utilizar diversas formas de expressão contribuiu para que os participantes das oficinas trouxessem de um modo, agradável na maioria das vezes, seu viver cotidiano. As imagens e as afirmações que surgiram pelo fazer artístico nos propiciaram elementos para a apreciação das experiências e expectativas presentes no momento de vida atual de cada um.

Mediante as informações obtidas por meio desta pesquisa e pela observação das reações comportamentais no momento dos encontros, alguns pontos se evidenciaram pelo compartilhar de um mesmo fazer. Em nossa apreciação alguns carregados de uma carga emocional positiva e outros negativa.

Elencamos, baseando-nos nos sujeitos pesquisados, como pontos positivos:

- A harmonia no relacionamento.
- O modo cooperativo de realização das tarefas.
- O acolhimento no fazer conjunto.
- A troca de experiências.
- O confronto que gera conhecimento.
- O prazer propiciado pelo fazer compartilhado em um mesmo espaço e tempo.
- A alegria do criar conjunto.
- O respeito mútuo.
- O orgulho pela realização alcançada.

Porque geram conhecimentos práticos e promovem o relacionamento humano.

Como pontos negativos:

- A comparação depreciativa entre membros da mesma família.
- A recusa em aceitar ajuda.
- O confronto que gera desavença.
- A tristeza causada pela ausência do neto.
- O diálogo difícil.

Porque não permitem o compartilhar de saberes e dificultam o relacionamento humano.

Apesar de observarmos situações em que o desconforto se fez presente pelo permear de atitudes geradoras de pontos conflituosos, os comentários, em geral, das avós e dos netos, foram, mesmo assim, de que devem cuidar mutuamente da relação com amor, carinho, atenção, respeito, paciência e diálogo – “quase nunca a gente discute, mais conversa” (Fábia). São por eles considerados elementos criadores de esperança em um futuro em que a convivência seja harmoniosa e portador de uma certa cumplicidade no viver – “eu e meus netos estamos sempre juntos” (Maria).

Os principais valores que surgiram da análise dos eventos dos encontros foi a da senda que conduz para a convivência pacífica e para o diálogo sem agressões físicas ou verbais. Alves (2001, p. 127) afirma,

Os padrões de relacionamento de proximidade e distanciamento, (...) intercalam-se nos diferentes aspectos da dinâmica relacional entre as gerações. Vê-se assim, que a proximidade e a afetividade caracterizam o padrão habitual entre avós, netos e bisnetos (...). De um modo geral, esses relacionamentos são fluidos e espontâneos. Flexibilidade significa aqui que as avós educam ou ajudam a educar seus netos com mais tolerância do que fizeram com os filhos. (2001, p. 127).

Embora, vivendo em uma condição de vida muito simples, as avós procuram proporcionar um modo de vida saudável e ao mesmo tempo com um certo conforto para seus netos. Cuidar dos netos é algo muito prazeroso – “porque eu acho muito bom fazer as coisas com o meu neto” (Meire). Emerge, muito nitidamente que além de um bom comportamento e atenção com as virtudes (honestidade, bondade, ser trabalhador) é importante se dedicar aos estudos para que eles possam ter uma vida melhor no futuro. Em contrapartida, os netos também se manifestaram no sentido de virem a ser os futuros cuidadores de suas avós, em clara posição de reconhecimento e retribuição pela ajuda – financeira ou moral – e pela prestação de serviços realizados pelas avós.

Até agora nos atemos ao lado gentil da relação. Se nos voltarmos aos momentos de confronto, durante o tempo que eles aconteceram nem tudo é olhado sempre por lentes cor-de-rosa. Existem horas em que as lentes mudam de cores e ficam embaçadas. Nestas situações, acreditamos, acontecem os culturalmente chamados “conflitos de gerações”.

Avós e netos. Velhos e adolescentes. Mitos e crenças povoam o imaginário a esse respeito. As pessoas, muitas vezes acabam acreditando que seu destino e seus relacionamentos intergeracionais são predeterminados pelas regras da cultura em que estão inseridos.

No decorrer das oficinas de arteterapia constatamos que um panorama diferenciado se apresentou: a relação de proximidade existente mostrou encantamento exercido pelos avós sobre os netos quando iam desvelando de forma lúdica seu lado humano, sensível e experiente – “eu gosto de passear com a minha avó” (João) – “trabalhar com minha avó é muito bom” (Sônia). Do mesmo modo, as avós se encantaram com os netos ao vê-los demonstrando segurança e destreza (que os avós atribuíam ao desenvolvimento obtido pelos estudos e que eles não puderam ter), em trabalhar com as diversas linguagens expressivas – “eu gostei. É bom estar aqui aprendendo com meu neto” (Meire) – “foi muito bom estar aqui fazendo este trabalho com as minhas netas” (Fábia).

A partir desses encontros descobrimos que avós-idosas e netos-adolescentes, participantes da pesquisa, não seguem o padrão estabelecido de relacionamento, estereotipado, no qual se pensa o velho como incapaz de aprender coisas novas e o adolescente sempre vigoroso e maravilhoso. Essas idéias, como neblina, evanesceram-se e tornaram a aparecer reconceituadas em afirmações como “não sabia que vovó aprendia” ou “não sabia que meu neto era tão legal”, mostrando que há nessa visão clarificada um possível caminho para as resoluções dos culturalmente chamados “conflitos intergeracionais”.

Embora aconteça amiúde, algumas pessoas mais velhas têm dificuldades para aceitar mudanças, no que se refere à figura de seu corpo e/ou aos costumes que se modificam com o passar do tempo. Em nossa pesquisa observamos que as avós aceitavam de bom grado as propostas das oficinas, sempre dispostas a participar interagindo com as “novidades” e curiosas a respeito do que as aguardava nos próximos encontros. Afirmações como “conhecer mais coisas diferentes e boas” (Maria), “conhecer coisas novas” (Meire) e “espero fazer coisas bonitas” (Fábia), indicaram que o saber é sempre bem-vindo independentemente da idade do sujeito. Nesse comportamento se mostra a importância de um trabalho em que, em uma relação intergeracional, há a mediação pelo fazer artístico que se encontra sob o olhar cuidadoso de um arteterapeuta. Nele há grande probabilidade de que sejam desenvolvidos afetos que podem propiciar ambiente familiar salutar, no qual haja troca, ajuda mútua. E os adolescentes possam aprender com os avós e vice-versa. Como constata Peixoto (2004, p. 81), a família favorece as interações permanentes entre as gerações.

Assim, no fluir do relacionamento durante as oficinas, constatamos que em momentos de afetividade ou em horas de crise relacional surgem pontos de tensão¹, que se tornam indicadores da existência de energias emocionais facilitadoras de possibilidades de relacionamentos agradáveis ou não, no presente ou no futuro.

Com o trabalho em arteterapia, acreditamos ser possível oferecer ao sujeito uma forma de reconhecer, em si, esses pontos que emergem, e distinguir entre eles os que são bons e que devem ser cultivados, e os que não são bons e devem ser processados de modo a não permitir que se desenvolvam e acabem se tornando elementos geradores de desentendimentos e desagregação relacional.

A reflexão sobre os resultados da pesquisa proposta enfatiza a arteterapia como recurso disponível, por meio do qual os indivíduos podem desfrutar um relacionamento intergeracional agradável e construtivo, gerador de novos aprendizados e de “realização de sonhos que tinham sido postos de lado em virtude das exigências e compromissos da vida adulta ” (SIMÕES, 2004, p. 25).

Fato significativo ocorreu durante o trabalho realizado com netos e avós: os adolescentes participantes da pesquisa começaram a mostrar comportamento diferenciado do que apresentavam até então em sala de aula. A curiosidade de alguns professores adentrou os limites da sala na qual aconteciam os encontros, e foi manifestado o interesse em conhecer melhor a dinâmica utilizada. Oferecemos uma série de oficinas artísticas. Puderam exercitar o fazer artístico ampliando o conhecimento de como ele se processa. Posteriormente levaram, sem pretensões terapêuticas, para a sala de aula, uma série de exercícios de arte.

O resultado obtido com os alunos, por meio do fazer artístico de forma

1. Utilizamos aqui o conceito de tensão para ilustrar a possibilidade, presente nos relacionamentos, de pontos de acumulação e de desencadeamento de forças de intensidades variáveis, inerentes ao sujeito, que o predis põem a uma atitude emocional e ou a uma ação, no momento de um acontecimento ou em um futuro próximo/distante. Recorrendo ao dicionário encontramos: Tensão - [Do lat. *tensione*.] S. f. - Diferença de potencial. Potencial - Adj. 2 g. 1. Respeitante a potência. 2. Virtual, possível. 3. Poder ou força potencial. Novo Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio, sd. 1ª edição, 15ª impressão, São Paulo, Nova Fronteira.

constante, foi revelador: passaram a apresentar melhoras no comportamento, na aprendizagem e no relacionamento. Para os professores, relacionar-se com seus alunos pelo fazer artístico trouxe-lhes nova visão em relação às habilidades que os alunos possuíam. Além de ler e escrever, passaram a conhecê-los melhor. Essa nova visão, ao ser vivenciada, permitiu vislumbrar caminhos didáticos diferenciados dos até então percorridos, o que aproximou os professores dos alunos de uma forma mais harmônica e produtiva.

Refletindo acerca dos resultados apresentados por esta vivência, constatamos que trouxe para professores e alunos qualidade superior na relação pessoal e no processo ensino - aprendizagem.

Portanto, em vista dos resultados obtidos, não é ousadia propor a inserção do fazer artístico no currículo regular de escolas de formação de professores com a orientação e o olhar cuidadoso da arteterapia, como matéria a ser cursada.

Esperamos com este trabalho, ajudar a construção de um saber que permita às pessoas a possibilidade de, ao usá-lo para escrever sua história, compartilhar com seus iguais as experiências vividas e as alegrias de viver, independentemente da idade.

BIBLIOGRAFIA

- ALLESSANDRINI, C. D. *A Alquimia Criativa*. em Brandão, C. R., Alessandrini, C. D., LIMA, E. P. *Criatividade e Novas Metodologias. Série Temas Transversais vol. 4*. São Paulo, Ed. Fundação Peirópolis, (1998)
- ALLESSANDRINI, C. D. *Oficina Criativa e Psicopedagogia*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002.
- ALLESSANDRINI, C. D. *Análise Microgenética da Oficina Criativa – Projeto de Modelagem em Argila*. São Paulo. Casa do Psicólogo. 2004.
- ALMANAQUE RENASCIM, 61ª Edição. 2006.
- ALVES, L. F. *Família e Envelhecimento – Um Estudo da Dinâmica Relacional da Família na Fase Última do Ciclo Vital sob a Perspectiva do Idoso*. Tese de Mestrado em Psicologia Clínica PUC São Paulo. 2001.
- ANDRADE, L. Q. de *Terapias Expressivas – Arte-Terapia, Arte-Educação, Terapia-Artística*. São Paulo Vetor Ed. Psico-Pedagógica. 2000.
- ARCURI, I. G. *Memória corporal – O Simbolismo do Corpo na Trajetória de Vida*. São Paulo, Vetor Editora, 2004.
- ARCURI, I. G. (org) *Arteterapia de Corpo e Alma*. São Paulo. Casa do Psicólogo. 2004.
- ARNHEIM, R. *Arte e Percepção Visual – Uma Visão da Psicologia Criadora*. São Paulo, Pioneira, 2002.
- ATTIAS-DONFUT, C. *Sexo e Envelhecimento in PEIXOTO, C. E. (org.) Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2004.
- BARROS, M. M. L. de *Velhice na Contemporaneidade in PEIXOTO, C. E. (org.) Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2004.
- BIRMAN, J. *Futuro de todos Nós: Temporalidade, Memória e Terceira Idade na Psicanálise*, in: *Um Envelhecimento Digno para o Cidadão do Futuro*. Relume, Dumara. 1995.
- BOGDAN, R; BIKLEN, S. *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Porto Editora, 1994.
- BUBER, M. 1987. *Sobre Comunidade*. São Paulo. Editora Perspectiva.

- CALOBRIZI, M. D. D. *As Questões que Envolvem a Responsabilidade Assumida pelos Avós Enquanto Guardiões dos Netos, no que se Refere à Formação de Referenciais Sociais e aos Legados, Passados de Geração em Geração*. Tese de Mestrado em Gerontologia. PUC São Paulo. 2001.
- CARTER, R. *O Livro de Ouro da Mente*. Rio de Janeiro. Ediouro. 2003.
- CARVALHO, M. M. M. J. de, *A Arte Cura?* São Paulo, Editorial Psi II. 1995.
- CIORNAI, S. em CIORNAI, S. (org) *Percursos em Arteterapia – Arteterapia Gestáltica – Arte em Psicoterapia – Supervisão em Arteterapia*. São Paulo, Summus Editorial, 2004.
- CLERGET, S. *Adolescência – a Crise Necessária*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 2004.
- DEBERT, G. G. *A Cultura Adulta e Juventude como Valor*. In: *Revista Kairós*. São Paulo. V. 7 - n. 2. 2004.
- DERDYK, E. *Formas de Pensar o Desenho*. São Paulo. Scipione. 1989.
- Estatuto da Criança e do Adolescente*, São Paulo. Imprensa Oficial. 2001.
- EPSTEIN, G. *Imagens que Curam*. Campinas. Editora Livro Pleno. 1989.
- FABIETTI, D. M. C. R. *Arteterapia e envelhecimento*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1975.
- FERRIGNO, J. C. *Co-educação entre Gerações*. São Paulo, Editora Vozes, 2003.
- FINCHER, S. F. *O Autoconhecimento Através das Mandalas*. São Paulo. Pensamento. 1991.
- FRAIMAN, A. P. 1995. *Coisas da Idade*. São Paulo. Editora Gente.
- FREIRE, P. *A Pedagogia do Oprimido*. São Paulo. Editora Terra e Paz. 1987.
- FREIRE, S. A. e RESENDE, M. C., em NERI, A. L., (org.) *Sentido de Vida e Envelhecimento em Maturidade e Velhice – trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas. Papirus, 2001.
- HEYDEBRAND, C. von *A Natureza anímica da Criança*. São Paulo. Associação Pedagógica Rudolf Steiner. 1980.

- JEANDOT, N. *Explorando o Universo da Música*. São Paulo. Editora Scipione. 1990.
- JUNG, C. G. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1964.
- JUNG, C. G. *A Energia Psíquica*. Petrópolis, Editora Vozes, 1971.
- JUNG, C. G. *Psicologia e Alquimia*. Petrópolis, Editora Vozes, 1991.
- LANZ, R. *A Pedagogia Waldorf*. São Paulo, Summus Editorial, 1979.
- MACEDO, L. de, PETTY, A. L. S. e PASSOS, N. C. *4 Cores – Senha e Dominó. Oficinas de Jogos em uma Perspectiva Construtivista e Psicopedagógica*. São Paulo. Casa do Psicólogo. 1997.
- MALDONADO, M. *A Morte: a Parábola do Tempo. Pesquisas de Psicologia Fenomenológica*. Revista Kairós, São Paulo, V 6 – n. 2, 2003.
- MARIOTTI, H. *Complexidade e Pensamento Complexo*. Internet. 16/11/06. 15:32h.
- MARTINS, J. *Não Somos Cronos, Somos Kairós*. Revista Kairós, São Paulo, ano 1, nº 1, EDUC, 1991.
- MERCADANTE, E. F. *A Contrageneralização*. Revista Kairós. São Paulo. V. 7 n. 1, 2004.
- MERCADANTE, E. F. *A Construção da Identidade e da Subjetividade do Idoso*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. PUC São Paulo. 1997.
- MONTEIRO, P. P. *Envelhecer – histórias – contos – transformações*, Belo Horizonte, Autentica ed., 2003.
- MORIN, E. *Epistemologia da Complexidade in: SCHNITMAN, D. F. (org) Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre. Artes Médicas. 1996.
- MORIN, E. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Porto Alegre, Instituto Piaget, 2003.
- MORIN, E. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo. Ed. Cortez. 2004.
- NORGREN, M.de B. P. *Artepsicoterapia com Crianças e Adolescentes* in CIORNAI (org) *Percursos em Arteterapia – Arteterapia Gestáltica – Arte em Psicoterapia – Supervisão em Arteterapia*. São Paulo, Summus Editorial, 2004.

- OLIVEIRA, A. P. *Avós que Cuidam dos Netos por Morte da Mãe Soropositiva*. Tese de Mestrado em Gerontologia. PUC São Paulo. 2003.
- OLIVEIRA, P. S. *Vidas Compartilhadas – Cultura e Co-educação de Gerações na Vida Cotidiana*. São Paulo. Hucitec FAPESP. 1999.
- OLIVEIRA P. S. *Cultura e Co-Educação de Gerações nas Classes Populares*. Congresso Internacional Co-Educação de Gerações. SESC São Paulo. 2003.
- OSTROWER, F. *A Sensibilidade do Intelecto*, Rio de Janeiro, Campus, 1998.
- PAIN, S. e JAREAU, G. *Teoria e Técnica em Arteterapia – A Compreensão do Sujeito*. Porto Alegre, Artmed Editora Ltda. 2001.
- PAZ, O. *Filhos do Barro*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1978.
- POE, E. A. *Ficção Completa. Poesias e Ensaios*. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar. 2001.
- PEIXOTO, C. E. *Aposentadoria: Retorno ao trabalho e Solidariedade Familiar in PEIXOTO, C. E. (org.) Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2004.
- PEREIRA, A. C. A. *O Adolescente em Desenvolvimento*. São Paulo, Editora Harbra, 2005.
- PONDÉ, L. F. *Primeiro Fragmento de uma Crítica à Razão Infeliz*. In: Revista Kairós, São Paulo, V 6 – n. 2, 2003.
- PONDÉ, L. F. *Algumas Reflexões sobre o Existir na Cidade*. in: Revista Kairós. São Paulo. V. 7 n. 1. 2004.
- SCHRAMM, G. M. de T. *Avós e Netos: Velhice ao Lado da Adolescência em Conflito com a Lei*. Tese de Mestrado. PUC São Paulo. 2004.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo. Cortez. 1977.
- SIMÕES, J. A. *Provedores e Militantes: Imagem de Homens Aposentados na Família e na Vida Pública*. in PEIXOTO, C. E. (org.) *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2004.
- SROUGI, M. *Próstata: Isso é com Você*. São Paulo. Publifolha. 2003.

STUART-HAMILTON, I. *A Psicologia do Envelhecimento: uma Introdução*. São Paulo. ARTMED. 2002.

UBALDI, P. *A Grande Síntese*. Rio de Janeiro. Instituto Pietro Ubaldi. 1999.

WINNICOTT, D. W. *O Jogo do Rabisco (1964-1968)* in WINNICOTT, C., SHEPHERD, R., DAVIS, M. (orgs) *Explorações Psicanalíticas: D W WINNICOTT*. Porto Alegre. Artes Médicas. 1994.

WINNICOTT, D. W. 1989. *Tudo Começa em Casa*. São Paulo. Martins Fontes.

ZACARIOTTI, P. C. *Adolescência*. in *Jornal O Girassol*. Edição nº 42. 1ª quinzena. Novembro 2002. Palmas TO. Internet 4 outubro 2006 14:37 horas.

ZAGURY, T. *O Adolescente por ele mesmo*. Rio de Janeiro, Record, 2004.

ANEXOS

Termos de consentimento

Apresento neste anexo os termos de consentimento para a realização da pesquisa proposta neste projeto, e que foram encaminhadas para a diretoria da Escola Municipal de Ensino Fundamental Plácido de Castro, em São Paulo, e para os adolescentes e idosos que participam das oficinas de arteterapia.

Autorização da Escola

AUTORIZAÇÃO

Autorizo Ronald Horst Sperling, professor de Educação Artística, mestrando em Gerontologia, a realizar nesta escola oficinas de Arteterapia, dentro da pesquisa “Adolescência e Velhice: uma Questão Intergeracional”, para alunos adolescentes desta escola, bem como utilizar as instalações deste prédio escolar. Esta pesquisa está sendo realizada para o Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A pesquisa tem como objetivo analisar como se dá o relacionamento intergeracional adolescente-idoso, mediado pela Arteterapia. As informações colhidas durante a realização das oficinas, bem como seus resultados, serão utilizados apenas para fins didáticos e/ou de divulgação científica.

São Paulo, de de 2005.

Assinatura:_____

Autorização do Idoso

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, autorizo Ronald Horst Sperling, professor de Educação Artística, mestrando em Gerontologia, a analisar e divulgar para fins didáticos e/ou de divulgação científica textos, produção artística, gravações, vídeo e/ou fotos de trabalhos realizados durante a pesquisa “Adolescência e Velhice: uma Questão Intergeracional”, que está sendo realizada para o Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Essa pesquisa tem como objetivo analisar como se dá o relacionamento intergeracional adolescente-idoso, mediado pela Arteterapia.

São Paulo, de _____ de 2005.

Assinatura: _____

RG.:

Autorização do Adolescente

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, responsável pelo menor _____, aluno (a) do ___ ano do ciclo ___ do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Plácido de Castro, NAE 6, autorizo Ronald Horst Sperling, professor de Educação Artística, mestrando em Gerontologia, a analisar e divulgar para fins didáticos e/ou de divulgação científica textos, produção artística, gravações, vídeo e/ou fotos de trabalhos realizados durante a pesquisa “Adolescência e Velhice: uma Questão Intergeracional”, que está sendo realizada para o Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Essa pesquisa tem como objetivo analisar como se dá o relacionamento intergeracional adolescente-idoso, mediado pela Arteterapia.

São Paulo, de _____ de 2005.

Assinatura: _____

RG.:

Questionário

1. Vocês moram juntos? Há quanto tempo?
2. A casa é própria?
3. Quem é o chefe da família?
4. Os pais, os netos e a senhora moram juntos?
5. Quanto tempo por dia vocês passam juntos?
6. O idoso ajuda o adolescente nos seus afazeres escolares?
7. O adolescente ajuda nas tarefas domésticas?
8. O adolescente e o idoso compartilham de um tempo comum, em passeios, vendo televisão, conversando, brincando?
9. O adolescente e o idoso discutem ou brigam? Se sim, com qual frequência?
10. Por que aceitaram participar?
11. Como é o seu dia-a-dia?
12. O que espera das atividades de arteterapia?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)